

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**OLGA BENARIO EM DUAS NARRATIVAS
BIOGRÁFICAS: DA HISTÓRIA PARA A FICÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Giovana Oliveira Mendes

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**OLGA BENARIO EM DUAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS:
DA HISTÓRIA PARA A FICÇÃO**

Giovana Oliveira Mendes

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Estudos Literários.**

Orientadora: Prof.^a Dr. Rosani Úrsula Ketzer Umbach

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira Mendes, Giovana
OLGA BENARIO EM DUAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: DA
HISTÓRIA PARA A FICÇÃO / Giovana Oliveira Mendes.-2014.
143 p.; 30cm

Orientador: Rosani Úrsula Ketzner Umbach
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2014

1. Literatura. 2. História. 3. Biografia. 4. Olga
Benario. 5. Comunista. I. Úrsula Ketzner Umbach, Rosani
II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**OLGA BENARIO EM DUAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: DA
HISTÓRIA PARA A FICÇÃO**

elaborada por
Giovana Oliveira Mendes

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Literários

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rosani Úrsula Ketzer Umbach, Dr.
(Presidente/Orientadora)

Mara Lúcia Barbosa da Silva, Dr. (UFSM)

Gérson Luís Werlang, Dr. (UPF)

Santa Maria, 10 de março de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amor, Lisieux.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todos os dons concedidos e pela força e coragem nos momentos mais difíceis.

Meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, Professora Rosani, por ter me aceitado como sua orientanda e por ter acreditado em mim e na minha pesquisa. Além disso, me proporcionou segurança e confiança o tempo todo, colaborando imensamente com sugestões para que o trabalho de dissertação se tornasse o melhor possível. Jamais vou esquecer o sorriso com que me recebia todas as vezes em que nos encontrávamos.

Meus agradecimentos também se estendem à Professora Mara Lúcia, arguidora na Qualificação de Mestrado. Suas sugestões e conselhos me ajudaram muito na conclusão do trabalho. Espero tê-los cumprido satisfatoriamente no trabalho final. Agradeço-lhe também pelos empréstimos de livros, os quais foram muito úteis para a complementação dos meus estudos.

Agradeço à colega e amiga Cláudia Erthal por sua imensa ajuda ao aceitar fazer o abstract. Sou grata pelas palavras de incentivo e por sua agradável companhia em nossos cafés de fim de tarde.

Agradeço ao colega Devis pelas sugestões de leitura de livros de História. Eu não saberia escolher melhor.

Agradeço também à minha amiga Ana Celina e à sua família pela amizade verdadeira e por estarem presentes em muitos momentos importantes desta caminhada. Amigos, vocês estão em meu coração. Obrigada por tudo!

Como não poderia esquecer, agradeço à minha família e à família do Lisieux, em especial à Dona Letícia, por todo o auxílio durante o período do Mestrado. Existiram momentos de dificuldades, mas com a ajuda de todos vocês pude enfrentá-los e vencê-los. Muito obrigada!

Com muito carinho, agradeço aos meus avós, Vandelina e Deoclécio, pela confiança depositada em mim e nos meus projetos.

Sou grata também à minha tia Maria Angélica por ter me proporcionado um lugar tranquilo para terminar o texto da Qualificação. Obrigada pela hospedagem e pelo apoio em todos os sentidos.

Quero agradecer de coração à minha querida mãe, Arlete, uma pessoa que me ensinou desde criança a valorizar os estudos. Com ela, aprendi as primeiras letrinhas em uma cartilha, antes mesmo de entrar para a escola. Mãe, tu és um exemplo de educadora, me orgulho muito de ti, do teu amor pelo trabalho, e vou te agradecer sempre por ter sido “pai e mãe” e ter proporcionado o melhor que pôde a mim e ao meu irmão.

Finalmente, agradeço de forma mais que especial ao maior responsável por eu não ter desistido deste sonho de me tornar Mestre em Estudos Literários: meu amor, amigo e companheiro de todas as horas, Lisieux. Nos momentos mais difíceis, ele sempre me fazia lembrar que: “Desistir é a saída dos fracos. Insistir é a alternativa dos fortes.” Querido, te agradeço imensamente por me fazer acreditar na minha capacidade de superação. Esta vitória é nossa.

“A injustiça ainda precisa ser denunciada e combatida. O mundo não vai melhorar sozinho.” (Eric Hobsbawm)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

OLGA BENARIO EM DUAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: DA HISTÓRIA PARA A FICÇÃO

AUTORA: GIOVANA OLIVEIRA MENDES
ORIENTADORA: ROSANI ÚRSULA KETZER UMBACH
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 10 de março de 2014.

O presente trabalho se constitui em um estudo comparativo entre dois romances biográficos, sendo um deles pertencente à categoria Romance-Reportagem. O primeiro, intitulado *Olga Benario*, é de autoria da escritora alemã Ruth Werner. O segundo, *Olga*, foi escrito pelo jornalista/escritor brasileiro Fernando Morais. Os dois textos, à sua maneira, tentam reconstruir a vida daquela que ficou conhecida como “a judia comunista, companheira de Luís Carlos Prestes, que fora entregue a Hitler pelo governo Vargas”. O objetivo deste estudo está centrado na análise dessas duas biografias, tanto em relação aos elementos próprios do gênero a que pertencem quanto ao seu conteúdo, de cunho histórico, a fim de que se possam construir relações entre as mesmas, verificando em quais aspectos se aproximam e em quais se distanciam, e em que momentos estabelecem um diálogo com o fato real. Ao mesmo tempo, intenciona-se, ao final da análise, ter uma imagem delineada da personagem Olga de acordo com as versões brasileira e alemã. Estruturalmente, a dissertação se divide em três capítulos, que se somam à introdução e às considerações finais. O primeiro trata de algumas definições sobre o gênero biográfico, bem como de características particulares de cada um dos romances em questão; o segundo se constitui de uma breve contextualização do período retratado nas duas biografias, que vai de 1923 a 1942, com descrições de alguns historiadores e jornalistas brasileiros sobre cada época e a confrontação com passagens dos textos literários. Já o terceiro contempla uma análise comparativa de algumas passagens dos textos de Werner e de Morais, enfatizando o conteúdo histórico presente, a forma como são narrados os fatos e a denúncia social implícita no discurso. Por fim, apresentam-se as considerações finais, com o fechamento das discussões propostas inicialmente.

Palavras-chave: Literatura. História. Biografia. Olga Benario. Comunista.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Post-graduate Course in Letras
Universidade Federal de Santa Maria

OLGA BENARIO IN TWO BIOGRAPHICAL NARRATIVES: FROM HISTORY TO FICTION

AUTHOR: GIOVANA OLIVEIRA MENDES

ADVISOR: ROSANI ÚRSULA KETZER UMBACH

Day and place of defense: Santa Maria, March 10, 2014.

The present work constitutes a comparative study between two biographical novels, one of them belong to the category of non-fiction novel. The first, titled Olga Benario, is authored by the German writer Ruth Werner. The second, Olga, was written by the Brazilian journalist / writer Fernando Morais. The two texts, in their own way, try to reconstruct the life of one that became known as "the Jewish communist, mate of Luís Carlos Prestes, who had surrendered to Hitler by Vargas government." This study focuses on the analysis of these two biographies, both in relation to specific elements of the genre which they belong as to their content of historical nature, so that it is possible build relations between them, checking on which aspects they approach and on which are distant, and at which moments establish a dialogue with the actual fact. At the same time, it intends, at the end of the analysis, have an outlined image of the character Olga according to the Brazilian and German versions. Structurally, the dissertation is divided into three chapters, which are added to the introduction and final considerations. The first deals with some definitions of the biographical genre, as well as the particular characteristics of each of the novels in question, the second one is constituted of a brief contextualization of the period portrayed in the two biographies, from 1923 to 1942, with descriptions of some Brazilian journalists and historians about each epoch and confrontation with passages of literary texts. The third includes a comparative analysis of some passages from the writings of Werner and Morais, emphasizing the historical content, how the facts are narrated and the implicit social critique in discourse. Finally, the final considerations are presenting with the closing of the discussions proposed initially.

Keywords: Literature. History. Biography. Olga Benario. Communist.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 BIOGRAFIAS: TEXTOS HÍBRIDOS	25
1.1 O Romance Biográfico de Ruth Werner	30
1.2 O Romance-Reportagem de Fernando Morais	31
1.3 A Narrativa epistolar em Werner e em Morais	38
2 A RECONSTRUÇÃO DA VIDA DE OLGA BENARIO POR MEIO DA ESCRITURA	45
2.1 Alemanha, anos 20: crise econômica após a 1ª Guerra Mundial	49
2.2 Moscou (1928-1934)	50
2.3 Brasil (1934-1936)	55
2.4 Alemanha e o regime nazista	59
3 A BIOGRAFIA DE OLGA NAS VERSÕES BRASILEIRA E ALEMÃ	65
3.1 Olga na Alemanha dos anos 20	65
3.1.1 Surge uma nova personagem	78
3.2 Olga em Moscou no período stalinista	82
3.3 Olga e Prestes no Brasil	95
3.4 O destino final	120
CONCLUSÃO	131
REFERÊNCIAS	137
ANEXO	141

INTRODUÇÃO

A literatura, ao comunicar, tem a particularidade de fazê-lo de forma diferente de um texto jornalístico, por exemplo. Ela comunica, mas também emociona o leitor, provocando-lhe sentimentos dos mais variados, como prazer, comoção, tristeza e em alguns casos, revolta e indignação. Essa “magia” da literatura seria atribuída a sua função estética, que se daria por meio da linguagem e da forma, permitindo ao leitor dar outras significações ao texto lido, já que este admite que se vá além do que está em sua mensagem. Um erro, porém, seria esquecer que a literatura é uma produção ideológica, e como tal, deveria ser estudada tendo em vista o contexto social da qual ela faz parte.

Pode-se afirmar também que a literatura é uma mediadora entre o homem e a realidade, possibilitando ao primeiro conhecer essa realidade¹. Obras biográficas, neste sentido, poderiam ser favoráveis a essa busca de conhecimento, por pertencerem ao domínio dos textos que têm um compromisso com o fato real. E especialmente as que tratam de personalidades que desempenharam um papel fundamental na História, podem servir também como registro para as gerações futuras, principalmente quando tais narrativas trazem à tona episódios de violência, repressão e barbárie ocorridos no passado, com a finalidade de se evitar que tais atrocidades se repitam.

De acordo com Leonor Arfuch (2010, p. 106), estamos vivendo uma época comemorativa, “[...] que parece estimular a necessidade de balanços e retornos [...]”, o que, segundo a autora, faz com que a narração de experiências extremas como as do Holocausto e das guerras, por exemplo, adquiram especial relevância.

Nesse sentido, o *corpus* escolhido para esta dissertação pode ser considerado atual e importante para todos que veem a Literatura não somente como uma produção estética, mas também como uma possibilidade de revisão do passado com o objetivo de compreendê-lo e, a partir disso, buscar novas alternativas para o futuro.

Elegeu-se, portanto, duas obras biográficas referentes à mesma pessoa: Olga Benario. Por meio delas, pretendeu-se realizar um estudo comparativo, relacionando-as.

¹ Afirmação baseada na leitura da obra *Dialética de lo concreto: Estudio sobre los problemas del hombre y el mundo*, de Karel Kosik. México: Editorial Grijalbo S. A., 1979.

Olga Benario – die Geschichte eines tapferen Lebens (Olga Benario: A história de uma mulher corajosa), de Ruth Werner, foi publicada em 1961 e traduzida para o Português em 1989, por Reinaldo Mestrinel. A publicação no Brasil ocorreu no ano de 1990, pela editora Alfa-Omega. Foi a primeira biografia realizada sobre a vida de Olga Benario.

Olga, de Fernando Morais, foi publicada em 1985, pela mesma editora – Alfa-Omega.

Além dessas duas biografias, a vida de Olga Benário ficou conhecida também através de outros meios artísticos, como cinema, teatro, música.² Na cidade de Berlim (Alemanha), várias ruas e escolas têm seu nome, em homenagem àquela que foi considerada uma heroína do seu país.

Em um primeiro momento, a escolha desse *corpus* se justificou por se tratar de duas histórias afins, escritas por diferentes autores: uma alemã e um brasileiro, os quais, apesar de retratarem uma história semelhante, poderiam apresentar visões distintas a respeito desses acontecimentos. A partir disso, foram formuladas as seguintes questões:

A personagem Olga da narrativa de Ruth Werner é representada da mesma forma na narrativa de Fernando Morais?

Os episódios narrados em uma obra têm correspondência com os existentes na outra?

De que forma cada narrativa comunica o fato real, levando em consideração a denúncia social presente nas duas biografias?

Pretendeu-se, partindo dessa última questão, tentar responder às outras, enfatizando semelhanças e diferenças entre os dois modos de narrar, comparando

² Em 1984, foi feita uma exposição sobre sua vida na Galerie *Olga* à Richardstrasse 104, com edição de um catálogo que leva seu nome. Em 2008, em comemoração dos 100 anos de Olga e dos 24 anos da galeria, Anita Prestes, filha de Olga e Luís Carlos, foi inaugurar uma "pedra de tropeço" que homenageia as vítimas do holocausto, no último endereço de sua mãe, em Berlim. Em 1989, a telenovela *Kananga do Japão* retratou o casal Olga Benário e Luís Carlos Prestes com a interpretação de Betina Vianny e Cassiano Ricardo. Na Alemanha, o cineasta turco Galip İytanır produziu o documentário *Olga Benario - Ein Leben für die Revolution* em 2004. No mesmo ano foi realizado um filme brasileiro de ficção baseado na biografia escrita por Fernando Morais, intitulado *Olga* e dirigido por Jayme Monjardim, com a atriz Camila Morgado no papel de Olga. O ator Caco Ciocler, por sua vez, interpretou o líder brasileiro comunista e ex-tenentista Luís Carlos Prestes. A obra recebeu três prêmios no Grande Prêmio Brasileiro de Cinema de 2005. Em 2006, Jorge Antunes compôs a ópera *Olga*, com libreto de Gerson Valle, que estreou no dia 14 de outubro de 2006 no Teatro Municipal de São Paulo. A soprano Martha Herr cantou o papel-título e Luciano Botelho interpretou Luís Carlos Prestes. (Fonte: Olga Gutmann Benario – 1908-1942 – Genealogy. <http://www.geni.com/people/Olga-Benario-Prestes/6000000015965928217>)

tanto a forma quanto o conteúdo, verificando com mais profundidade os fatos (episódios) mais recorrentes nos dois textos, os quais poderiam, talvez, sintetizar uma imagem possível de Olga Benario e da época em que ela viveu.

Entendeu-se que, para realizar tal intento, fosse necessário abordar a obra tendo em vista a tipologia *Biografia e contexto*, que, segundo Levi (2006, p.175), é um tipo de biografia que conserva sua especificidade, porém, “a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias”.

Nesse sentido, as biografias que narram a vida de Olga, ao mesmo tempo contam sobre outras vidas, seus anseios e ideais.

O mesmo autor afirma que

essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. (LEVI, 2006, p. 176)

Significa dizer que cada ação de uma personagem, por exemplo, tem sua razão de ser, ou seja, é consequência do meio em que a mesma está inserida.

Assim que, só se pode entender uma obra fundindo texto e contexto, e ainda, segundo Candido (2010, p. 13):

[...] numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2010, p. 13)

Dessa forma, a leitura de um texto biográfico se torna mais rica se o leitor conseguir estabelecer a ponte entre o estético e o extraestético.

Tendo em vista o *corpus* escolhido para o presente trabalho, o qual retrata com bastante precisão certas práticas arbitrárias e crimes cometidos por governos autoritários de determinada época, pode-se afirmar que ele está colocando em evidência a função social da Literatura, que, enquanto arte, ao ser expressada, expõe a sua preocupação com o homem e a realidade que o cerca. Nesse sentido, tais biografias são relevantes, acima de tudo, por trazerem à tona acontecimentos que jamais deveriam ser esquecidos, com o objetivo de que eles não se repitam.

Através da narrativa ficcional, são descritos episódios vividos por Olga Benario, bem como por alguns de seus companheiros militantes na luta pelo

estabelecimento do Comunismo³, ideologia que eles defenderam até as últimas consequências.

Certas passagens presentes nas duas obras demonstram, por exemplo, os abusos de poder de governos ditatoriais e totalitários, a repressão destes aos movimentos revolucionários, além de questões mais profundas, relacionadas à dignidade humana, aos direitos das pessoas, os quais eram quase nulos frente a tais regimes autoritários.

Este estudo, portanto, teve como objetivo principal comparar as duas obras quanto à forma e ao conteúdo, tentando responder à questão: como as duas formas de discurso afetam a comunicação do fato real que veiculam?

Quanto aos objetivos mais específicos, pretendeu-se, em um primeiro momento, definir o gênero literário Biografia, para, em seguida, buscar semelhanças e diferenças entre as narrativas de Werner e de Moraes quanto aos elementos textuais característicos de cada uma. Em um segundo momento, buscou-se reunir trechos das duas obras que pudessem ser comparados em relação ao conteúdo.

Segundo Carvalhal (2003, p 48), a Literatura Comparada pode ser definida como “uma maneira específica de interrogar os textos literários, concebendo-os ou não como sistemas fechados em si mesmos, mas na sua interação com outros textos, literários ou não”.

Assim, o estudo dessas obras no âmbito da Literatura Comparada tem por objetivo analisar e interpretar como essas duas formas de expressão – por serem consideradas híbridas⁴ quanto ao gênero – podem ressignificar certos fatos históricos através da escrita.

Por isso, decidiu-se realizar um breve estudo acerca do gênero a que pertencem, enumerando suas características mais comuns, o que está explicitado no Capítulo I do presente trabalho. Tal assunto se fundamenta principalmente em conceitos de Bruck (2009), Lejeune (2008), Mitidieri (2010), Cosson (2010), Bourdieu (2006) e Vilas Boas (2002).

³ Comunismo: Ideal político que propõe a igualdade de direitos entre todos, o fim da exploração do trabalho dos operários, os quais eram simples instrumentos de produção de bens, que acabavam concentrados nas mãos de poucos, ou seja, dos governantes e da Burguesia. (de acordo com a leitura do “Manifesto do Partido Comunista”, de Marx e Engels, traduzido por Antônio Carlos Braga.)

⁴ *Olga Benario*, de Ruth Werner e *Olga*, de Fernando Moraes, podem ser classificados como textos híbridos porque são Romances Biográficos, ou seja, as duas são ficcionais e não-ficcionais ao mesmo tempo.

Em seguida, está descrito o período histórico no qual se passa a história narrada nos dois textos que se referem à vida de Olga Benario. Tal descrição consta no Capítulo II, e serve para que se possam estabelecer algumas relações entre certos fatos relevantes narrados por historiadores e aqueles encontrados nos romances biográficos de Ruth Werner e Fernando Morais. Para essa parte, foram consultados textos históricos e de cunho jornalístico escritos por autores como: Carone (1991), Fausto (2010), Seitenfus (1985), Trindade (2002), Waack (2004), entre outros. Logo, no Capítulo III, com a finalidade de manter certa sequência temporal no que diz respeito aos períodos históricos analisados, as duas narrativas foram subdivididas em quatro subcapítulos referentes a quatro fases da vida da personagem Olga Benario: Olga na Alemanha dos anos 20, Olga em Moscou no período stalinista, Olga e Prestes no Brasil, O destino final.

Por último, nas considerações finais, são retomadas as principais ideias discutidas no presente trabalho, com uma reflexão sobre o gênero biográfico e a forma como a vida de Olga Benario foi narrada nos textos de Ruth Werner e de Fernando Morais.

I BIOGRAFIAS: TEXTOS HÍBRIDOS

“Descobri que não é verdade o que dizem a respeito do passado, essa história de que podemos enterrá-lo. Porque, de um jeito ou de outro, ele sempre consegue escapar” (Khaled Hosseini).

Apesar de muitas vezes ser visto pela Literatura como um gênero “menor”, marginal ou mesmo em oposição à história, o biográfico encontra espaço na contemporaneidade. Pode-se dizer que a biografia é um modo particular de se fazer história, e esse tipo de relato tem conquistado um público-leitor cada vez maior, e se manifestado em diversas áreas, como história, jornalismo, literatura, entre outras.

Talvez essa tendência esteja relacionada ao próprio contexto social contemporâneo, visto por Bruck (2009) como de

revalorização de trajetórias individuais como forma de inspiração e compreensão do presente, em função de intensos processos de apagamento de referenciais ideológicos e de valores, até então, demarcadores importantes da compreensão do mundo pelo homem (BRUCK, 2009, p. 23).

As narrativas pessoais, especialmente aquelas que relatam a vida de pessoas que foram vítimas de algum acontecimento trágico e/ou de grande sofrimento, possuem certo caráter pedagógico, que pode servir de exemplo àqueles que buscam nesse tipo de literatura a inspiração e a compreensão do mundo mencionadas por Bruck (2009).

O fato é que há um interesse crescente por textos biográficos, independentemente de serem considerados literários ou não por parte da crítica. Talvez a principal preocupação do leitor seja em relação ao conteúdo da obra, ao seu caráter de veracidade. François Dosse (2005) inclusive assinala que “o sucesso das biografias se dá pela ‘intensa necessidade da autenticidade que o leitor espera da biografia’”.. (DOSSE 2005 apud BRUCK, 2009, p. 41).

No caso das duas obras estudadas, elas têm em comum o fato de serem obras biográficas escritas na forma de romance. Uma é classificada como Romance Biográfico (a de Ruth Werner) e a outra como Romance-Reportagem (a de Fernando Morais). A primeira expressão (Romance) informa que a história narrada é uma ficção e a segunda (Biográfico e Reportagem, respectivamente) que se trata da comunicação de um fato real.

Com isso, na abordagem das duas obras, devem ser levados em conta esses dois aspectos, no sentido de perceber como cada narrador conta a história real através da forma romanesca; quais os artifícios (linguísticos, estruturais) que utilizam para comunicar os fatos, e de que forma aparecem no discurso.

Assim, poder-se-ia partir do princípio que as duas obras pertencem ao gênero Romance, que como tal, não tem nenhum compromisso com a realidade; é ficção, criação, imaginação do autor, que dentro do discurso narrativo assume o papel de narrador. A história narrada pode até ser baseada em acontecimentos reais, mas também pode ser totalmente inventada. Tendo em vista que o Romance se constitui de elementos estruturadores (enredo, personagens, tempo, espaço e ponto de vista), Olga, de Ruth Werner, e Olga, de Fernando Morais, seria uma personagem dentro dessa configuração. Consequentemente os outros elementos poderiam estar no mesmo plano imaginativo do autor, e mesmo que aparentassem pertencer a uma realidade (verossimilhança), não necessariamente teriam de corresponder a ela.

Porém, o segundo termo referente ao gênero de cada uma das obras entraria em contradição com o aspecto ficcional, pois *Biográfico* e *Reportagem* remetem a fatos reais. Nesses termos, a *personagem* Olga assumiria o estatuto de *pessoa*, caracterizando a ambiguidade existente nesse tipo de texto.

Com isso, convém esclarecer certos aspectos do Romance Biográfico e do Romance-Reportagem, pois, como gêneros híbridos, possuem certas peculiaridades.

Mas, antes disso, faz-se necessário definir Biografia, tendo em vista que os dois textos, antes de tudo, são relatos de uma vida, independentemente da forma como estão expostos.

Etimologicamente, o termo *Biografia* é composto por *bio*, indicativo da ideia de “vida”, com origem no grego *bíos*, e *grafia*, de *grafo* (+ sufixo *ia*), elemento de composição culta, que traduz as ideias de “escrever” e “descrever”, com origem no grego *grápho-*, “escrever”⁵.

No caso das duas narrativas estudadas, estas são o que Lejeune (2008, p. 18), baseando-se na classificação dada por Genette, classificaria como “Biografia clássica” (heterodiegética), ou seja, o narrador não é o personagem principal, estando em terceira pessoa.

⁵ Definição segundo o dicionário on-line “E-dicionário de termos literários”, de Carlos Ceia. (http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=153&Itemid=2)

Lejeune também afirma que a biografia (e a autobiografia) se opõem a todas as formas de ficção, pois são textos referenciais, os quais, da mesma forma como o discurso científico ou histórico

[...] se propõem a fornecer informações a respeito de uma 'realidade' externa ao texto e a se submeter, portanto, a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o 'efeito de real', mas a imagem do real (LEJEUNE, 2008, p. 36).

A isso o autor chamaria de “pacto referencial”, o que poderia ser entendido como um compromisso que o autor teria com a veracidade dos acontecimentos narrados. Como já foi comentado anteriormente, esse é um atributo exigido pelo leitor de textos biográficos.

Em uma biografia, podem ser encontradas informações que atestem tratar-se de uma história real na própria capa do livro ou em notas dos autores, antecedentes à narrativa propriamente dita. Isso é exatamente o que ocorre nas duas obras do presente estudo. Já na capa, no próprio título está explícito que se trata de duas biografias. Na de Ruth Werner o título *Olga Benario* e o subtítulo *a história de uma mulher corajosa*, antecedido pela expressão *Romance biográfico* e pela foto de Olga e Prestes, demonstraria esse pacto ao qual se refere Lejeune; tanto a expressão como a foto são uma *prova* de que a obra tem um compromisso com a realidade e que o leitor pode confiar na veracidade dos fatos que serão narrados. Mesmo que *Romance* indique *ficção*, não comprometeria a confiança do leitor em relação ao que será narrado: pelo menos ele sabe que o romance foi baseado em fatos reais. De forma semelhante ocorre em *Olga*, de Fernando Morais. O título *Olga* vem acompanhado do subtítulo *A vida de Olga Benario Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas*. Além disso, há um esboço do rosto de Olga e símbolos, como a foice e o martelo (Comunismo), a estrela de Davi (Judaísmo) e a suástica alemã (Nazismo). No caso do título e subtítulo, o nome completo de Olga, bem como sua caracterização como judia e comunista, indicam a pessoa Olga, com nome e sobrenome, para que não haja dúvidas quanto a sua identidade. “A vida de” também é uma expressão que confirmaria seu status de verdade, de uma história que realmente aconteceu. “Judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas” seria ao mesmo tempo um resumo do que foi a vida dessa pessoa, uma definição dela e um indicativo de denúncia social de dois regimes políticos da época em que Olga viveu.

Complementando as proposições de Lejeune a respeito de biografia, Madelénat (1984) assim a define:

Récit écrit ou oral, em prose, qu'un narrateur fait de la vie d'un personnage historique (en mettant l'accent sur la singularité d'une existence individuelle et la continuité d'une personnalité) (MADELÉNAT, 1984, p. 20)⁶.

Com essa definição, porém, torna-se clara a problemática que envolve esse gênero, já que as expressões *narrativa* e *narrador* são categorias da prosa romanesca e *personalidade histórica* remete ao indivíduo real, ou seja, a biografia pertenceria tanto à Literatura quanto à História.

André Mitidieri (2010, p. 163) também aponta a questão do narrador de uma biografia, o qual

[...] não produz um discurso sobre ele próprio, mas acerca de outro, no qual também deixa suas marcas. A ausência de identidade entre narrador e protagonista leva o biografado a falar por seus atos, trazidos a lume através de outras vozes: depoimentos, documentos, fotografias, filmagens etc. O eu do enunciado remete a um ser intermediado pelo eu da enunciação, com o qual não coincide. Sua caracterização pode mascarar o sujeito, caso busque a objetividade e a verdade, assim como desvelá-lo pela e na linguagem (MITIDIERI, 2010, p. 163).

Em termos estéticos, a Biografia tem um compromisso com a verdade dos fatos que narra, mas isso não deve anular a imaginação. Ao transformar a pura informação em um texto literário – inventando ou suprimindo certos fatos para criar determinados efeitos – falha na verdade. Por outro lado, se se contenta com o simples relato dos fatos, falha na questão estética. No entanto, essa tensão é o que valoriza a Biografia enquanto arte.⁷

Textos biográficos também suscitariam certos problemas, como a fragmentação do indivíduo biografado, tornando-se incapazes de captar sua essência, além de possuírem certa “artificialidade” ao relatar fatos, em uma cronologia ordenada na maioria dos casos – impondo, de certa forma, a personalidade coerente e estável do sujeito que está sendo retratado⁸. A isso, Bourdieu (2006, p. 185) chamaria *ilusão biográfica*, já que

⁶ Narrativa em prosa, escrita e também oral, efetivada por um narrador, com foco em uma personalidade histórica, realçando a vida desse indivíduo, bem como o prolongamento do seu caráter ao longo da existência. (MADELÉNAT, 1984, p. 20, tradução livre).

⁷ Tais apontamentos estão de acordo com a definição de Biografia, do E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia.

⁸ De acordo com a leitura do capítulo *Usos da biografia*, de Giovanni Levi, da obra *Usos & abusos da história oral*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...] (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Isso não quer dizer que uma história de vida não possa ser narrada. Apenas deve-se levar em consideração o fato de que talvez aqueles acontecimentos não tenham ocorrido exatamente da maneira como estão apresentados no texto. O relato biográfico intenciona dar um sentido à vida do biografado, estabelecendo relações de causa e consequência, por exemplo, entre um fato e outro. A linearidade, neste sentido, pode ajudar a conseguir a coerência que se deseja, bem como certas explicações do narrador ao longo do texto.

Nas narrativas biográficas analisadas no presente estudo, pode-se observar que os dois autores (Morais e Werner) de certa forma acreditam na possibilidade de reposição do real, ou seja, que os fatos narrados constituem a totalidade de uma existência – a do biografado. Em Moraes, por exemplo, pode-se perceber essa postura na Apresentação da obra *Olga*, onde ele expõe o seguinte: “a reportagem que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes [...]” (MORAIS, 1985, XIII).

Como jornalista, o autor se detém nos fatos, com a pretensão de que eles ilustrem os episódios mais relevantes da vida da biografada tais como eles ocorreram. A partir da seleção desses episódios mais ilustrativos, ele reconstrói (ou supõe poder reconstruir) a totalidade da vida de Olga. Ao mesmo tempo, ele atrai a atenção do leitor com essa mensagem, indicando que ele vai encontrar exatamente aquilo que está procurando em um texto biográfico: a verdade.

Werner, por sua vez, também descreve com precisão certos fatos da vida da biografada, enfatizando a data do ocorrido, o local e outros elementos que pretendem mostrar que “isso realmente aconteceu”. Em *Olga Benario*, na *Nota à edição brasileira*, ela afirma que seu livro é uma documentação, “com exceção dos momentos de Olga na solitária da prisão” (WERNER, 1990, XIII), e em seguida afirma que, apesar disso, pôde incluí-los no livro porque a conhecia bem e porque ela mesma atuara como militante comunista na clandestinidade por 20 anos, trazendo ao mundo três crianças, apesar das ameaças e riscos de vida. Com isso, pode-se perceber que Ruth Werner também acredita ser possível recompor uma existência por meio de um texto biográfico. E o fato de ter conhecido pessoalmente

Olga Benario lhe dá ainda mais certeza da possibilidade de construir uma narrativa coerente com a vida da biografada.

Diante dessa questão, no presente estudo pretendeu-se analisar a narrativa biográfica como sendo um texto interpretativo dos acontecimentos da vida de uma pessoa, e não a sua existência propriamente dita. Tal definição estaria próxima do que afirma Vilas Boas (2002, p. 11) quando diz que uma biografia é “o biografado segundo o biógrafo”, sendo, por isso, um trabalho autoral. Cada autor de biografias, mesmo que não possa transformá-las em textos puramente ficcionais, ao menos pode explicitar sua própria versão dos fatos. Dessa forma, os dois textos que constituem o *corpus* deste estudo podem ser considerados duas versões sobre a vida da mesma pessoa/personagem.

1.1 O Romance Biográfico de Ruth Werner

O Romance Biográfico de Ruth Werner apresenta-se em prosa, com muitos diálogos, descrições detalhadas do espaço e das personagens, inclusive de seus pensamentos e sentimentos, além de datas (verídicas) dos acontecimentos, com cartas *dentro* do texto, bem como trechos de canções e fotos relacionadas às personagens envolvidas na história que está sendo contada, com as respectivas legendas, sendo que essas últimas se encontram fora da narrativa.

Não se pode dizer que nessa narrativa predomine um ou outro discurso. Alternam-se voz do narrador (discurso indireto) e diálogos (discurso direto).

Quanto aos diálogos, convém observar que eles fazem parte do universo ficcional, tendo em vista que jamais poderiam ser reproduzidos com fidelidade ao momento no qual foram proferidos. Seriam aproximações possíveis da fala das personagens de acordo com o contexto, criações que devem estar em conformidade com a situação narrada, de maneira que deem a impressão de serem falas reais (verossimilhança).

Por isso que o discurso romanesco de uma biografia será sempre ficcional, por mais próximo que esteja do real. E muitas vezes o autor poderá reforçar ou omitir certos traços psicológicos e de caráter de uma personagem de acordo com a intenção que ele tem de mostrar sua versão sobre ela. Em *Olga Benario*, por exemplo, Ruth Werner em vários momentos enfatiza a coragem e ousadia da protagonista, tanto através de expressões como de atos praticados por ela,

conferindo-lhe o caráter de heroína. Isso demonstra que no Romance Biográfico o autor seleciona os fatos mais relevantes e a partir desse recorte, reconstrói uma nova história. Tal discurso deve estar baseado nos fatos reais, já que é de cunho biográfico, mas poderá ao mesmo tempo ser manipulado pelo autor, em função de uma ideologia que ele queira manifestar por meio de sua produção literária.

Em relação à narrativa epistolar (cartas), no texto de Werner aparecerá esse tipo de discurso somente a partir do momento em que Olga está na prisão nazista.

Entretanto, tal assunto será retomado adiante, no subcapítulo 1.3, onde constarão alguns desses documentos, junto de comentários a respeito dos mais relevantes para esta análise.

1.2 O Romance-Reportagem de Fernando Morais

Em relação ao texto de Fernando Morais, trata-se de um tipo especial de Romance Biográfico denominado Romance-Reportagem, especificidade esta que merece ser destacada em um estudo comparativo de duas obras literárias.

Este, da mesma forma que na narrativa de Ruth Werner, se apresenta em prosa; no entanto, contém menos diálogos e dá mais ênfase à descrição detalhada dos fatos e menos à descrição do espaço e das personagens e seus sentimentos. Neste, as datas (verídicas) também estão presentes na narrativa, bem como fotos e documentos (esses dois últimos, da mesma forma que no texto de Ruth Werner, estão fora da narrativa).

Quanto às cartas, também estão presentes, além de bilhetes, anúncios de jornal e manifestos. E esse tipo de discurso, diferentemente do que ocorre na narrativa de Werner, em Morais começa a aparecer antes dos episódios em que Olga se encontra na prisão alemã. Porém, como já foi exposto anteriormente, as cartas estão em um subcapítulo especial. Já em relação aos outros documentos existentes na narrativa, estão transcritos aqueles que foram considerados úteis para os objetivos deste trabalho, o que ocorre no Capítulo III. São necessárias, no entanto, algumas observações a respeito dessa documentação existente em Morais. Observa-se que a reprodução de documentos como bilhetes, manifestos, anúncios de jornal, informes, telegramas, ofícios, entre outros, aparece somente no texto do autor brasileiro, o que pode estar relacionado ao fato de ele ser escritor/jornalista.

Tal ofício naturalmente o faz valorizar mais o conteúdo informativo, o qual se constitui em uma prova de veracidade dos acontecimentos narrados.

Deve-se salientar também que esses documentos, em sua maioria, estão nos capítulos que tratam do período de Olga e Prestes no Brasil, época da “conspiração comunista” e do desencadeamento da revolução. Nesse período, as comunicações eram de extrema importância para os dois lados: governo e comunistas. E Moraes, como um biógrafo detalhista, expõe em seu Romance-Reportagem muitos documentos dessa época, valorizando tal gênero literário.

O Romance-Reportagem, em um sentido mais amplo, pode ser compreendido como um gênero característico da década de 70, no Brasil, época em que o país vivia sob uma ditadura militar. Autores que escreviam livros de ficção nesse período, em muitos casos, eram repórteres, havendo assim uma expansão do jornalismo em direção à ficção. Entre outros, estão os escritores-jornalistas Carlos Lacerda, que escreveu *Paixão e crime* (COSSON, 2001, p. 20) e José Louzeiro, autor de *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (COSSON, 2001 p. 40).

A censura da época em jornais e outros meios de comunicação fez com que a literatura assumisse o papel de denunciar as arbitrariedades de um governo autoritário, já que os jornais estavam proibidos de fazê-lo.

De forma mais estrita, o Romance-Reportagem é tido como uma forma de narrar, podendo ser considerado como uma “reportagem romanceada”, segundo expressam Heloísa Buarque de Holanda e Marcos Augusto Gonçalves⁹. Seria então uma reportagem em forma de livro, o que elevaria o gênero ao estatuto de literatura. E essa forma de narrar teria vindo a partir da literatura de não ficção norte-americana.

No entanto, para conceituar Romance-Reportagem, Rildo Cosson adverte que em primeiro lugar é necessário lê-lo e criticá-lo a partir do que ele é, ou seja:

[...] o resultado do encontro de dois discursos distintos, o literário e o jornalístico, ou talvez, até com maior propriedade, o produto de fronteiras e de paralelos que, em uma fusão particular, confirma sua especificidade de gênero narrativo independente ao declarar-se diferente do jornalismo e da literatura pelas semelhanças que cultiva com o romance e com a reportagem (COSSON, 2001, p. 80-81).

⁹ De acordo com COSSON (2001, p. 13), esta é a posição desses dois autores em “Política e literatura: a ficção da realidade.”

Com isso, entende-se que, ao realizar um estudo de obras que pertençam a esse tipo de narrativa, devem ser destacados tanto os elementos próprios do Romance quanto os de cunho jornalístico, bem como reconhecer as relações que esse texto tem com o período histórico no qual foi escrito. A compreensão do texto se daria, pois, a partir deste, analisando seus componentes formais e de conteúdo, possibilitando, assim, estabelecer um diálogo entre o estético e o social.

É possível afirmar que um dos objetivos primordiais do Romance-Reportagem seria o de contar a verdade sobre algo, pois segundo Cosson (2001, p. 119) esses textos “reivindicam a verdade para suas narrativas, a factualidade do relato por meio do uso de nomes das pessoas, da acurácia dos detalhes referenciais, da referência a documentos, entre outros recursos de validação do que é dito”.

Por outro lado, o fato real está inserido na forma romance, indicando uma *contaminação* ocorrida pela mistura de discursos de realidade e ficcional, o que implicaria uma maneira diferenciada de lê-los. Mas talvez o mais importante seria ainda entender que escrever sobre a vida a partir da forma romance teria o grande mérito de dar um sentido ao vivido; dar maior expressão ao que está sendo dito; é reconstruir e ao mesmo tempo construir o acontecido. E muito mais que isso, narrar a vida, segundo Cosson (2001, p. 122) “é enfrentar o efeito implacável da verdade sobre o que somos e o que fizemos a nós e ao outro, é buscar o sentido onde aparentemente só há o vazio”.

Através da Literatura, especialmente por meio de uma narrativa romanceada como a escrita por Fernando Morais, talvez esse sentido de existência da personagem Olga possa ser mais bem explicitado, o que não ocorreria se fosse escrita como uma simples reportagem. E isso pode estar relacionado à condensação que é feita em uma narrativa, ao serem selecionadas partes mais relevantes da vida da personagem, as quais comporiam sua trajetória de forma a darem um sentido coerente a ela, sendo, por isso, melhor entendida pelo leitor.

Além disso, Cosson complementa essa questão ao afirmar que:

Dizer ao mundo – longe do exibicionismo típico dos textos de celebridades e quejandos atuais – é compartilhar pelo registro essa busca de sentido, de colocar em circulação determinada vivência, expressar uma experiência, constituindo a vida em um gesto político – daí que esses textos todos tenham em maior ou menor grau um tom de denúncia ou pelo menos de desvelamento daquilo que não se quer ver, que não deveria ser mostrado, que não deveria ter existido, que não deveria ter sido vivido. Narrar a vida para dizer o mundo é, assim, um ato de reparação pela palavra (COSSON, 2011, p. 122).

Com um Romance-Reportagem se efetivaria o ato duplo de narrar a vida e dizer ao mundo, já que na forma romance está implícito o papel de narrar (e dramatizar o vivido, causando maior impacto emocional no leitor), enquanto na reportagem domina a função de dizer, de denunciar os fatos ocorridos, devido a seu papel informativo.

Como todo gênero literário, o Romance-Reportagem também possui certos “traços” ou “marcas” que o caracterizam com o tal. Uma é a *verdade factual*, que, segundo Cosson (2001), é o que define o gênero em nível semântico, ou seja, funciona como uma garantia para o leitor de que a narrativa que ele está lendo “é testemunho de uma realidade efetivamente ocorrida”. (COSSON, 2001, p. 33) Assim, os episódios da vida de Olga Benario Prestes, contados por Fernando Morais e por Ruth Werner, podem ser considerados fatos verdadeiros, já que se baseiam em testemunhos de pessoas que conviveram com ela, e também em documentos que comprovam tais acontecimentos.

Outra marca consiste nos *processos narrativos realistas*, os quais se dividem em dois grupos: o primeiro é o que reúne todos os artifícios que irão dar aquele “efeito de real”, segundo Roland Barthes (1971), como a predição, o pressentimento, o projeto, a maldição, a recordação, a obsessão, o resumo, o flashback, a motivação psicológica, a validação do discurso, a circulação da informação, as descrições extensas, a destonalização e desmodalização do discurso na busca de uma linguagem transparente, o nivelamento do herói, a reprodução dos discursos do saber, o registro da fala das personagens, dentre outros. O segundo grupo é o dos elementos que se voltam para a autenticação externa da narração, ou seja, que irá remeter o leitor para uma história maior (a história real), chamada por Hamon¹⁰ de “história paralela”. São eles: a *localização espacial*, a *datação*, a *utilização de documentos* e as *entidades e referências históricas*. Seriam esses processos os responsáveis por sustentarem a *mímesis* e a verossimilhança da verdade factual em um romance-reportagem.

Como exemplo dos elementos do primeiro grupo, têm-se alguns mais recorrentes no texto de Morais:

I) O *flashback*: este ocorre em vários momentos (páginas 15, 46, 68, 73, 87, 159, 191...), e também aparece com frequência no texto de Werner (páginas 17, 21,

¹⁰ Philippe Hamon, autor citado por COSSON (2001, p. 47).

31, 139-140, 159-160...). Em certas passagens das narrativas, esse recurso é utilizado como uma explicação mais detalhada do narrador a respeito de alguma personagem ou fato; em outras, como parte de alguma recordação de uma personagem ou para ressaltar seu estado interior.

II) A *descrição* detalhada de cenas: principalmente as mais dramáticas e violentas (episódio de Moabit, tortura de Sabo e Ewert) – e a *descrição* de lugares inóspitos (prisões, campos de concentração) também ocorre com bastante frequência nas duas biografias, com o objetivo de chocar o leitor e incitá-lo a se posicionar diante dos fatos apontados.

III) A *reprodução de outros discursos* também se apresenta em abundância nos dois textos, através de cartas (em Werner e em Morais), canções (em Werner e em Morais), manifestos e bilhetes (somente em Morais). De acordo com Cosson (2001, p. 58), esse artifício é utilizado quando o narrador de um Romance-reportagem deseja apresentar uma linguagem transparente.

IV) O *registro da fala das personagens* é outro recurso bastante explorado nas duas narrativas (diálogos com a utilização de termos usados na época retratada, como *camarada, companheiro, cachorros fascistas*; e expressões como *aparelho estourado*¹¹, *levar chumbo*, além de registros no idioma alemão); Da mesma forma que o recurso anterior, este também está ligado à transparência da linguagem, e, segundo Cosson, “tem a função de instaurar marcas de coloquialidade nos diálogos e, dessa maneira, naturalizá-los” (COSSON, 2001, p. 59). Esse elemento, apesar de estar presente nas duas narrativas, na de Werner aparece com muito mais frequência do que na de Morais. Isso pode estar relacionado ao gênero de cada obra e também ao estilo de cada autor.

Em um Romance-Reportagem, a preocupação maior é com a narração de fatos o mais próximo da realidade. O narrador comunica os fatos, dá explicações detalhadas, mas não há a necessidade desse artifício. O registro da fala das personagens se faz mais presente em momentos em que se deseja acentuar a semelhança com uma situação real e, em alguns casos, quando se quer fazer a denúncia social. O diálogo, geralmente marcado por certa coloquialidade, confere transparência à linguagem, aproximando-a da fala natural das pessoas da vida real. E, segundo Rosenfeld (1995, p. 20) é paradoxalmente essa intensa aparência de

¹¹ Palavra usada pelos comunistas para designar os esconderijos que a polícia havia descoberto e vasculhado.

realidade que revela a intenção ficcional ou mimética. Ao tentar parecer real, o narrador deixa pistas de que aquela conversa entre as personagens pode não ter ocorrido exatamente daquela forma como foi descrita. Claro que também não pode estar tão em desacordo com o fato narrado, pois assim perderia até mesmo a coerência com o restante do texto.

Tendo em vista que no Romance Biográfico de Werner os diálogos são abundantes, esse fator poderia indicar maior nível ficcional da obra. O fato real está presente, e os diálogos são coerentes com o que está sendo narrado. Porém, há um espaço maior para a fantasia e a imaginação criativa da autora, que cria outras possibilidades de contar a mesma história. Talvez se possa inferir que o narrador da obra de Moraes, ao não apresentar tantos diálogos, o faça porque seu objetivo é preservar o máximo possível o passado tal como foi, sem muita interferência nas falas das personagens – o que implicaria certa subjetividade –, com o intuito de tornar a biografia mais “confiável” enquanto documento histórico. Por outro lado, enquanto Literatura, a abundância de diálogos contribuiria para criar o já referido “efeito de real”. Em Werner, em todas as cenas os diálogos estão presentes, misturando-se ficção e história. Os discursos direto e indireto se alternam no texto, complementando-se e criando o efeito de realidade que a ficção promete, ao mesmo tempo em que afirmam a correspondência com o fato histórico.

V) O *pressentimento*, na maioria das vezes, de algo ruim (“sinto que nunca mais vou ver meu filho” – MORAIS, p. 53; “[...] como num presságio da tragédia que se abateria sobre a Alemanha [...]” – MORAIS, p. 16; “[...] sentia um forte pressentimento [...]” – MORAIS, p. 32; “Nunca vem coisa boa quando uma porta se abre fora de hora; “[...] em meu íntimo cresce cada dia mais a impressão de que nunca mais voltarei a ver minha menina” – WERNER, páginas 176 e 254, respectivamente) também é recorrente nos dois textos, e, da mesma forma que na vida real, acabam se confirmando.

VI) A *recordação* é outro recurso presente nas duas biografias que, como os demais citados, causa a sensação de realidade. (“Olga lembrava-se [...]” – MORAIS, p. 16; “Lembrou-se dos móveis de sua casa [...]”; “Mergulhada nas recordações [...]” – WERNER, páginas 16 e 226, respectivamente). Esse artifício reforça também o *efeito de real*, pois a recordação é própria do ser humano de carne e osso e não de uma personagem. Ao recordar certos fatos, a personagem ressalta seu estado interior e confirma a coesão do mundo narrado.

Quanto aos elementos pertencentes ao segundo grupo, os quais se voltam para a autenticação externa em um Romance-Reportagem, constatou-se que eles também podem aparecer em Romances Biográficos que não sejam particularmente pertencentes à categoria Romance-Reportagem, como é o caso do texto de Werner.

No que diz respeito à *localização espacial*, que são os lugares onde as cenas acontecem, nos dois textos há a referência à livraria Georg Müller (Munique – Alemanha), à cervejaria Müller, no bairro de Neukölln (Berlim – Alemanha), à cidade de Moscou (URSS), ao Rio de Janeiro (Brasil), a Hamburgo (Alemanha), ao presídio de mulheres na Barnimstrasse (Berlim – Alemanha) e aos campos de concentração onde Olga Benario esteve presa. No Romance-Reportagem, além desses lugares, aparecem muitos outros, inclusive é mencionado o nome de algumas ruas, o número de residências onde Prestes e Olga viveram, enfim, há maior profusão de detalhes a respeito da localização espacial. Provavelmente esses lugares sejam compatíveis com os locais onde ocorreram as cenas descritas, já que se supõe que uma biografia deve conter informações retiradas de fontes seguras, para que não seja quebrada a “regra” da verdade factual.

Outro elemento que se destaca nas duas narrativas é a *datação*, cuja ocorrência é abundante. Da mesma forma que o elemento anterior, a datação deve ser sempre precisa e segura em um Romance-Reportagem. Acrescentar-se-ia que essa precisão ocorre em qualquer Romance Biográfico, em que o tempo da diegese em um romance necessita de datas para que possa ser relacionado à história real narrada. A datação também é responsável por dar coesão temporal à narrativa.

A utilização de *documentos* e as *entidades e referências históricas* também são elementos que compõem os *processos narrativos realistas* em um Romance-Reportagem. Os primeiros, que também pertencem à categoria *reprodução de outros discursos*, mencionada anteriormente, se referem a todos aqueles textos que pertencem a fontes externas à narrativa, mas que se encontram incorporados a ela, como as cartas, os documentos históricos (manifestos, salvo-condutos, telegramas, fotos, etc.). Segundo Cosson (2001), também pode ocorrer de esses documentos aparecerem fora do discurso narrativo, “geralmente como anexos, notas explicativas ou introdutórias” (COSSON, 2001, p. 62). Em Werner, por exemplo, as fotos existentes estão no final do livro, separadas do texto. Em Moraes, há imagens inseridas entre os capítulos 6 e 7, outras no capítulo 13, e o restante no capítulo 17, também separadas da narrativa. Já as *entidades e referências históricas* dizem

respeito aos nomes de personalidades históricas presentes no texto, como Getúlio Vargas, Hitler, Stalin, Dimitri Manuïlski, Filinto Müller, só para citar as mais conhecidas. A presença delas contribui para a veracidade daquilo que está sendo narrado, pois todas estiveram envolvidas em eventos conhecidos mundialmente.

Quanto à *denúncia social*, esta é uma marca que, segundo o mesmo autor, irá determinar o gênero Romance-Reportagem no sentido pragmático (COSSON, 2001, p. 65).

A expressão *denúncia social* é geralmente vista sob a perspectiva única do autor do livro. O autor afirma que é frequente, quando se discute tal tema em uma obra, associá-lo às ideias defendidas pelo autor em outros textos. E, quando isso não é possível, como no caso de não se encontrarem informações biobibliográficas suficientes, a denúncia social é identificada como sendo o papel do escritor na sociedade. Dessa forma, a denúncia social acaba sendo considerada apenas como parte da dimensão extranarrativa da obra, sem levar em conta o plano de sua expressão, que é o literário. (COSSON, 2001, p. 66). No presente trabalho, tal aspecto foi examinado por meio do discurso do narrador e das personagens, sem se referir à ideologia defendida pelos autores. Sua abordagem se deu no decorrer da análise, conforme foi sendo identificada sua ocorrência nos episódios narrados, mais precisamente no Capítulo III.

O que se pôde perceber após a abordagem desses traços definidores do gênero Romance-Reportagem, é que eles podem estar presentes também em romances biográficos que não estejam dentro dessa categoria, como é o caso do texto de Ruth Werner.

1.3 A Narrativa epistolar em Werner e em Moraes

Em um texto biográfico, essa forma narrativa desempenha um papel fundamental, no sentido em que ela é uma marca deixada pela biografada, um documento autêntico, onde estão expostos seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, oferecendo pistas importantes a respeito da sua personalidade e também da época em que viveu.

Olga Benario escreveu muitas cartas no período em que esteve presa em campos de concentração da Alemanha nazista. A maioria delas destinadas a seu companheiro, Luís Carlos Prestes, preso no Brasil, à mãe dele, Dona Leocádia, e a

uma de suas irmãs, Lúgia. As duas faziam campanha na Europa para a libertação do casal.

Tanto o texto de Werner quanto o de Moraes contêm esses registros autobiográficos, inclusive, em Werner, as cartas são o único registro documental existente dentro da narrativa, o que se opõe a Moraes, que seleciona outros tipos de documentos em seu Romance-Reportagem.

Talvez Werner tenha escolhido não incluir outro tipo de documentação para destacar o conteúdo das cartas, mais pessoal, priorizando assim a vida interior da protagonista, e não por não ter tido acesso a certas informações. Nota-se também que em seu texto não foi tão enfatizado o período de Olga e Prestes no Brasil como no texto de Moraes. Em contrapartida, em Werner, as cartas são abundantes, e se encontram nos capítulos que tratam do período em que Olga esteve nos campos de concentração, o qual é rico em detalhes. Em Moraes, apesar de também haver cartas nesse período, elas estão em menor quantidade.

Também existem cartas trocadas entre outras personagens, mas como o foco do trabalho centra-se na protagonista Olga, dar-se-á, portanto, prioridade às cartas escritas por ela, destinadas a Prestes e a Dona Leocádia/Lúgia, as quais constituem a maioria dos registros presentes nas duas biografias. E, assim mesmo, optou-se por selecionar para a análise somente aqueles fragmentos relevantes para os objetivos deste trabalho.

É importante salientar que esse meio de comunicação, apesar de ter sido aceito dentro da prisão nazista, era bastante controlado pela Gestapo – a polícia secreta do governo alemão – que verificava o conteúdo das cartas e o número de linhas escritas. As mensagens poderiam somente abordar temas pessoais, nada que pudesse ser considerado subversivo aos olhos atentos da Gestapo. E, caso ultrapassasse o número de linhas estabelecido, a correspondência era impedida de chegar ao seu destino. No trecho de uma das cartas enviadas por Olga a Prestes, ela escreve: “[...] Gosto de suas observações às leituras, mas para evitar que esta carta fique novamente retida por exceder o número de linhas que é permitido escrever, não posso, hoje, aprofundar-me nisso [...]” (WERNER, 1990, p. 25).

Da mesma forma, as correspondências passavam pelo crivo dos governantes russos, segundo afirmou William Waack (2004):

Toda a correspondência entre Prestes, no Brasil, e Olga, na Alemanha, foi monitorada por Moscou, que recebia transcrições das cartas, rubricadas por

dirigentes como Manuilski, Ibarruri, Togliatti, Dimitrov e Pieck [...] Acompanhamento semelhante sofria a correspondência entre Prestes, a mãe e as irmãs, que precisavam de autorização especial de Moscou para mandar dinheiro, presentes e pacotes para Olga (WAACK, 2004, p. 340).

Sobre a correspondência de Olga, Waack revela:

Boa parte das cartas de Olga foi publicada na Alemanha Oriental no começo dos anos 60 e, mais tarde, reproduzida no Brasil. São documentos de impressionante conteúdo emocional, textos que revelam sensibilidade e firmeza ao mesmo tempo (WAACK, 2004, p. 340).

Em Werner, a primeira carta que aparece transcrita no texto é uma de Olga a Dona Leocádia, em que Olga lhe agradece pelo enxoval de bebê enviado. (WERNER, 1990, p. 198). Porém, antes dessa, há referência a outra, que não está transcrita, sendo de Olga a Dona Leocádia, com data de recebimento: fevereiro de 1937. Ela corresponde à transcrita em Moraes, escrita por Olga a Dona Leocádia em 31/01/37. O conteúdo se refere ao nascimento de Anita. Eis alguns trechos:

Berlim, 31.1.37
Querida mamãe:
Acabo de receber suas cartas de 1 e 9 de janeiro. Você pode imaginar a alegria que elas me trouxeram.
Primeiro, quero informá-la de que você é avó. No dia 27 de novembro dei a luz à pequena Anita Leocádia [...] (MORAIS, 1985, p. 228).

Tal carta é importante pela informação que traz: o nascimento da filha de Olga na prisão de mulheres, em Berlim, condição esta que lhe foi imposta no momento em que o governo Vargas autorizou sua deportação para a Alemanha nazista.

Depois dessa, muitas outras aparecem nas biografias, onde o assunto principal é a menina recém-nascida. Há a constante preocupação de Olga com o destino de Anita, já que, pelo regulamento da prisão, os filhos eram retirados das mães aos seis meses de vida, e entregues a orfanatos nazistas. Para Olga, no entanto, foi aberta uma exceção, obtendo a chance de ficar com a menina enquanto pudesse amamentá-la. Porém, tal fato se deu apenas para não manchar a imagem do regime nazista, tendo em vista que algumas pessoas estavam utilizando o nome de Olga Benario para fazer campanha contra o Estado alemão. (MORAIS, 1985, p. 228)

Essa apreensão de Olga está explícita em uma carta dela a Prestes: “Há muito disseram-me que a criança não poderia ficar comigo por muito tempo. Não

posso imaginar como aguentar também mais essa separação [...]” (WERNER, 1990, p. 205)

Em outra carta, de Olga a Dona Leocádia/Lígia, pode-se perceber a forma como aconteceu a separação de mãe e filha. A criança foi-lhe retirada abruptamente, sem maiores explicações, e entregue à avó e à tia, que, a muito custo, conseguiram sua guarda: “[...] Espero que compreendam minha carta de 20 de janeiro e não reparem pelas peças de roupa molhadas. Não estava preparada para a separação. Por isso, desculpem pelo estado das coisas de Anita [...]” (WERNER, 1990, p. 219)

Nota-se, em muitas cartas de Olga, o seu poder de resistência e as formas que encontrou de se manter viva nos campos de concentração. E foi sua vontade de viver que a ajudou a suportar as mais duras provações. Em uma carta a Prestes, ela mostra força e sensibilidade:

Meu querido Carlos [...] Certamente o fato de existirmos e estarmos unidos é para nós uma fonte inexaurível de força e de esperança, todos os dias. E, assim, algumas poucas linhas acabam significando muito e removem um pouco da blindagem com que o instinto de conservação envolve o coração (MORAIS, 1985, p. 255).

Em outra, demonstra a superação do sofrimento e sua luta interior para não se deixar abater com questões pessoais. Ao lembrar-se de fatos passados, ela se mostra disposta a deixá-los de lado em detrimento de questões que considera mais importantes. Nesse caso, supõe-se que ela tenha se referido às possíveis consequências do fascismo no mundo.

Berlim, fevereiro de 1938

Carlos:

Posso dizer-lhe que, junto como o 5 de março de 1936, o 21 de janeiro de 1938 foi o dia mais negro da minha vida. Frente a tais acontecimentos, fica-se diante da alternativa de sucumbir ou tornar-se mais dura. E você sabe que, para mim, só existe a segunda alternativa. Para isto, felizmente, ajude-me bastante o fato de que *sou capaz de distinguir entre a insignificância das questões pessoais e os acontecimentos históricos mundiais do nosso tempo* [...] (MORAIS, 1985, p. 248; WERNER, 1990, p. 220, grifo nosso)

A denúncia também está presente em seus desabafos pessoais. Em uma das cartas, ela revela que não houve justiça em seu caso particular:

[...] Carlos, em poucos dias fará um ano que fui trazida do porto de Hamburgo para o presídio de mulheres em Berlim. E, embora não tenha sido condenada por nenhum tribunal, eles me mantêm presa, em ‘detenção

de proteção'. Já começo a me preparar para uma prisão prolongada (WERNER, 1990, p. 211-212).

Como se pode ver, não havia justificativa legal para sua prisão, e isso demonstra o abuso de poder, em que os direitos humanos não são respeitados. Tiraram-lhe a liberdade, e nem ao menos lhe deram a chance de se defender judicialmente.

Mas, apesar dessa situação, Olga conserva sempre seu otimismo e esperança, sentimentos que estão presentes na maioria de seus relatos. Assim, ela conclui: “[...] Não pense que, com isso, tenha enterrado todas as minhas esperanças. Dias melhores hão de vir, com toda certeza [...]” (WERNER, 1990, p. 211-212).

Há outra carta de Olga a Prestes no dia do aniversário dela, a qual não está presente em Moraes. É uma carta alegre, em que Olga lhe conta sobre a surpresa feita por suas companheiras nesse dia, os presentes que ganhou, e sua alegria por ter ganhado a estima e a simpatia dessas pessoas.

14 de fevereiro de 1939 [...] Imagine que no domingo de manhã, ao chegar ao pavilhão de descanso, minhas companheiras tinham feito uma verdadeira mesa de aniversário. Uma blusa de algodão bordada, azul-claro, naturalmente, muitos lenços, toalhinhas, objetos de toalete, doces, uma boina de crochê, uma cestinha de ráfia, poemas; é difícil contar tudo o que ganhei. Tudo feito com amor e criatividade. O que mais me alegra nisso é ter ganho aqui a estima e simpatia de todos que me cercam. Depois do almoço, fizemos um atarde de café sem café, mas com pão e manteiga, muita fantasia e humor. Como vê, não perdemos a cabeça e não passei esse dia, mesmo longe de você e de Anita, tão triste como nas duas vezes anteriores. E você, querido, desejo que não tenha de ficar sempre sozinho, que seus dias sejam ricos em distração [...] (WERNER, 1990, p. 242).

O interessante desses fragmentos é que eles mostram que, mesmo em um campo de concentração, o ser humano ainda consegue ter uma vida, alegrar-se, esquecer por alguns instantes sua condição humilhante, o sofrimento, os traumas.

Na obra autobiográfica *Em busca de sentido*, Viktor Frankl, psicólogo que foi prisioneiro de um campo de concentração em Auschwitz, comenta em seu relato sobre o significado do humor nesse lugar:

Se a pessoa que está de fora já pode surpreender-se com o fato de o campo de concentração permitir algo como a experiência da arte ou da natureza, mais ainda se espantará se eu disser que ali também existia humor. Claro, somente um princípio de humor, e, mesmo assim, apenas por segundos ou minutos. Também o humor constitui uma arma da alma na luta por sua autopreservação (FRANKL, 1991, p. 48).

Da mesma forma, Olga e suas companheiras lutavam dia a dia para se manterem vivas, para darem um sentido a sua existência, por mais miserável que esta fosse naquele momento.

A última carta de Olga é a mais comovente de todas. É uma carta de despedida de seu companheiro e de sua filha. Ela está presente nas duas biografias.

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças – ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica... Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a ideia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformar-me-ia, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto ignifica a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. *Agora vou dormir para ser mais forte amanhã.* Beijo-os pela última vez.

Olga (MORAIS, 1985, p. 293-294; WERNER, 1990, p. 281-282, grifo nosso).

Essa carta foi escrita por Olga na noite anterior à sua partida para Bernburg, onde encontraria seu destino final. A frase destacada indica um pressentimento de que a morte estaria próxima, mesmo que ela não soubesse exatamente para onde seria levada no dia seguinte.

No que se refere ao relato presente nos dois Romances Biográficos, nota-se que, em Moraes, a cena descrita não está totalmente de acordo com o que diz nessa

carta em relação ao horário de partida de Olga e das companheiras. Na narrativa, o aviso é dado pelos alto-falantes do campo: “As prisioneiras relacionadas na chamada de hoje têm 30 minutos para recolher seus pertences e se apresentar à oficial, junto ao ônibus.” (MORAIS, 1985, p. 283). Em seguida, o narrador complementa: “Meia hora: tempo suficiente para escrever uma carta à filha e ao marido.” (MORAIS, 1985, p. 283). Pela carta, pode-se concluir que Olga só seria levada no dia seguinte.

Já em Werner, houve coerência entre a narrativa e a mensagem da carta. O narrador informa:

“À noite, deitada no catre, manteve a última ‘conversa’ a sós com Anita e Prestes [...]” (WERNER, 1990, p. 281)

Por essas constatações, percebe-se que um simples detalhe, como o dia da partida de Olga, pode ser revelador do quanto a narrativa foi ou não fiel ao documento. Claro que esse é um aspecto que não afeta de forma significativa a comunicação do fato real, pois o episódio em que Olga e as companheiras foram selecionadas para ir para outro campo – o que seria provavelmente sua última transferência –, além de estar presente nas duas biografias, é confirmado posteriormente, no episódio de sua morte.

Como se pôde perceber, as cartas de Olga na prisão revelam muito sobre quem ela foi. Ao compartilhar seus sentimentos e trocar ideias com aqueles a quem escreveu, deixou sua marca pessoal, a qual permanecerá para sempre, já que a publicação das mesmas oportunizou a muitos leitores conhecerem seu lado humano, sua coragem, seu poder de resistência, otimismo, e sua inabalável crença em um futuro melhor. Por meio das cartas, o leitor descobre as estratégias que ela usava para resistir aos momentos mais difíceis. Nessas horas, Olga não se curvava. Sabia se manter ativa e confiante. Em outros momentos, mostrava-se uma mulher sensível e romântica.

Além disso, esses relatos contam sobre certas práticas dos regimes fascistas, como a repressão, a injustiça e o descaso com o ser humano. As cartas são provas de que tais fatos aconteceram realmente. São vestígios de um passado que jamais deveria ter existido.

II A RECONSTRUÇÃO DA VIDA DE OLGA BENARIO POR MEIO DA ESCRITURA

O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. (Ecléa Bosi)

Diferentemente do que se pode pensar em um primeiro momento, História e Literatura não são domínios que se contradizem. Ao contrário, eles podem ser complementares. E, no Âmbito da Literatura Comparada, torna-se possível estabelecer um diálogo entre os dois.

No caso das biografias, especialmente das biografias romanceadas, que no presente trabalho tratam-se respectivamente do Romance Biográfico de Ruth Werner e do Romance-Reportagem de Fernando Morais, esse diálogo pode ser ainda mais enriquecedor, tanto no campo literário quanto no histórico, pois são textos híbridos que possuem características tanto ficcionais como não ficcionais. Pode-se dizer, inclusive, que são, ao mesmo tempo, história e literatura.

Uma das diferenças entre o texto literário e o não literário é que no primeiro o escritor tem maior liberdade de expressão dos fatos. No segundo, por ser mais objetivo e ter mais compromisso com o real, este tem certas limitações ao narrar os acontecimentos, já que deve se manter o mais fiel possível ao passado que descreve.

Segundo Hayden White (2001), o que interessaria realmente ser discutido a respeito da “literatura do fato” ou das “ficções da representação factual”, como prefere chamar, seria “o grau em que o discurso do historiador e o do escritor imaginativo se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente” (WHITE, 2001, p. 137). Ele afirma que, mesmo que os historiadores e os escritores de ficção possam interessar-se por diferentes tipos de eventos, as formas de seus discursos e seus objetivos na escrita são frequentemente os mesmos. Para escrever suas obras, tanto um como o outro necessitam, em primeiro lugar, ir em busca de fontes documentais, que comprovem os fatos que eles pretendem narrar. Logo, passam para a fase de selecionar o que será mais relevante para sua história. Nessa etapa, inevitavelmente entra a subjetividade do autor, que faz escolhas de acordo com seu propósito no momento.

O historiador se ocuparia dos eventos da História Oficial, os quais seriam mais abrangentes, de cunho universal. O biógrafo, por sua vez, se ocuparia mais das histórias pessoais. Porém, os dois têm de selecionar certas partes do material pesquisado e montar o “quebra-cabeças”, de forma que possam construir um texto coerente, que explique os fatos que estavam “soltos” inicialmente. Esses fragmentos de história serão organizados com o fim de obter uma aproximação daquilo que ocorreu no passado.

O fato jamais poderá ser recuperado, pois não existe mais. A escrita, tanto de uma obra histórica como de uma ficção baseada na história, é uma forma imperfeita de recuperar o passado. No entanto, isso não a torna desnecessária. Ela tem um importante papel social no momento em que traz para o presente a memória de certos eventos, os quais seriam esquecidos e até mesmo perdidos para sempre, caso permanecessem apenas na história oral.

E, no caso das duas narrativas estudadas, a personagem biografada é uma personagem histórica, que teve um papel importante no período de regimes autoritários e totalitários, principalmente por ter sido uma das vítimas do Nazismo na Segunda Guerra Mundial, fato este que jamais deve ser apagado e cuja memória deve ser preservada. A biografia de Olga torna-se ainda mais importante por não ser apenas a história de *sua* vida, já que através dela são contadas também outras histórias, pelo fato dessa personagem ter sido participante ativa em momentos históricos de grande repercussão mundial.

O momento histórico em que foram escritas as duas biografias também se torna relevante quando se pensa em uma literatura com função social, com o objetivo de ser um meio de reflexão para leitores inseridos em um contexto de repressão. Segundo Ruth Werner, sua obra sobre Olga Benario surgiu “para aproximar a juventude da RDA do exemplo de uma ousada e perspicaz militante contra a guerra e o fascismo [...]” (WERNER, 1989, XIII)

Ao se manifestar a respeito da publicação de seu livro no Brasil, em 1989, a autora afirma que

[...] em relação ao conteúdo e do ponto de vista político, ele ainda é de grande importância atual, também para a América Latina. A ditadura e a reação ainda não foram vencidas em toda parte e ainda hoje uma heroína como Olga estimula as pessoas a lutar contra isso (WERNER, 1989, X).

Quanto à Alemanha nessa época, ela faz menção ao fato de a República Federal Alemã apresentar sinais de neofascismo.

De sua parte, Morais, ao escrever sua obra em 1985, esclarece sua necessidade pessoal de relatar os episódios vividos por Olga Benario no período ditatorial do Brasil da década de 30. Ao discorrer sobre isso, ele revela que essa história o atormentava desde a adolescência, ao ouvir seu pai contar sobre Filinto Müller, o homem que “tinha dado a Hitler, ‘de presente’, a mulher de Luís Carlos Prestes [...]” (MORAIS, 1985, XIII). Decidido a escrever um dia sobre Olga, teve de esperar pelo momento mais adequado, quando seu livro estivesse livre da censura a que eram submetidas todas as obras escritas no período de ditadura. Ele comenta na Apresentação de *Olga*:

Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura (MORAIS, 1985, XIII).

Nota-se que há uma preocupação por parte da autora alemã e do autor brasileiro em denunciar as atrocidades cometidas nos períodos retratados em suas obras, as quais vitimaram tanto Olga Benario quanto muitos de sua época. Werner inclusive utiliza a imagem dessa personagem histórica como um exemplo a ser seguido por aqueles que lutam contra regimes fascistas.

Ruth Werner e Fernando Morais, por meio de suas obras biográficas, tentaram reconstruir a vida dessa personalidade histórica. Os episódios narrados nas duas biografias correspondem em vários momentos aos fatos presentes em livros de História, sendo possível a comparação entre o literário e o histórico. Chamamos *História Oficial* aquela que é contada nos livros de não ficção, onde se supõe serem confiáveis suas fontes. Essa poderia ser chamada também de “grande história”, de acordo com Benjamin (1975), já que trata de algo maior, de fatos ocorridos no passado, vivenciados por diversas pessoas, como, por exemplo, a II Guerra Mundial, acontecimento-chave que sustenta boa parte da “pequena história” de Olga Benario. Porém, quase sempre existe apenas a visão global de como tudo aconteceu em determinado período histórico, quem foram os grandes protagonistas dessa história, quem venceu e quem foi derrotado; enfim, tudo aquilo que foi aceito como verdade e que se propaga até os dias atuais, e isso constitui a História Oficial, o que não quer dizer que seja verdadeira ou a única possível.

Junto dessa “grande história” coexistem muitas “pequenas histórias”, ou seja, as histórias pessoais, as quais, por vezes, permanecem apagadas no tempo, até que alguns escritores as façam renascer por meio de suas obras literárias.

Com o objetivo de que esses relatos particulares – mas profundamente interligados aos grandes fatos históricos – não sejam condenados ao esquecimento, o presente estudo se propõe a retomar a história de vida de Olga Benario, uma mulher de origem judia que se tornou comunista e lutou até o fim de sua existência pelo estabelecimento de uma nova ordem social, acreditando que através dessa luta poderia mudar o mundo.

Walter Benjamin em “O narrador”, tese 3, ao defender a atitude do cronista, que é contrária à do historiador clássico, postula o seguinte:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (BENJAMIN, 1985, p. 14).

Significa dizer que não se pode subestimar as “pequenas histórias”, afinal, elas também tiveram seu lugar dentro da “grande história”, ajudando a construí-la e a ampliá-la.

Olga Benario, por exemplo, se tornou conhecida (pelo menos no Brasil) por meio da história daquele que foi seu companheiro de militância política e, por fim, marido e pai de sua filha, Luís Carlos Prestes, o qual teria um lugar de destaque na História Oficial. Certos autores, inclusive, comentam sua estada no Brasil a partir de 1934, como, por exemplo, Carone (1991), Seitenfus (1985), Fausto (2010), entre outros.

Os fatos narrados por tais autores se confirmam nas duas biografias estudadas, porém, a história dita *oficial* deixa certas lacunas, e uma delas seria a forma como Olga é representada, ou seja, como uma personagem de posição subalterna em relação a seu companheiro Prestes. Talvez por ser mulher tenha sido desfavorecida quanto ao seu papel político, já que em sua época a maioria dos heróis eram homens, ou pelo menos eram eles os únicos que se destacavam na história. Porém, tanto Ruth Werner quanto Fernando Moraes, ao escolherem Olga por tema, o fizeram por reconhecer sua importância dentro da conjuntura política e

social do século XX. Inclusive Werner a conheceu pessoalmente quando entrou para a Federação da Juventude Comunista em meados dos anos 20¹².

A história de Olga Benario contada por esses dois autores revela, portanto, algo mais do que se conhecia por meio dos livros de História. As duas narrativas levam o leitor a conhecer essa personagem desde sua juventude, aos 15 anos, até seus últimos instantes, logo depois de completar 34 anos. Uma vida curta, mas vivida intensamente.

Com a finalidade de se traçar um paralelo entre a História Oficial sobre o período em que Olga viveu e o conteúdo das duas biografias, os próximos tópicos conterão um resumo dos períodos históricos correspondentes à época retratada nos textos biográficos de Werner e Moraes.

2.1 Alemanha, anos 20: crise econômica após a 1ª Guerra Mundial

Esta época corresponde à chamada República de Weimar, nome dado por historiadores à República Parlamentar Alemã, que teve início em 1919, a qual veio substituir a forma de governo imperial.

Ela surgiu após a Primeira Guerra Mundial, a partir da revolução alemã, ocorrida em novembro de 1918. Em 1919, houve a convocação de uma Assembleia Nacional na cidade de Weimar, onde foi redigida uma nova Constituição para o Império Alemão, sendo aprovada em 11 de agosto. Porém, essa democracia liberal durou somente até o início dos anos 30.

O período em que ela existiu foi marcado por inúmeros problemas, como a hiperinflação, os extremismos políticos, a presença de grupos paramilitares e a hostilidade por parte daqueles que venceram a Primeira Guerra Mundial. Também teve um lado positivo, pois superou muitas das regulamentações discriminatórias do Tratado de Versalhes¹³, reformou a moeda, a política fiscal e unificou o sistema ferroviário.

¹² Essa informação está presente na biografia de Olga escrita por Werner, a qual é parte do *corpus* desta pesquisa, no item “Sobre a autora”, de autoria de Reinaldo Mestrinel, tradutor do texto para o Português.

¹³ Tratado de Paz assinado após o final da 1ª Guerra Mundial, em Paris, que estabeleceu a Paz dos vencedores. Nele, a Alemanha [...] “foi despojada de um sétimo de seu território, um décimo de sua população, perdeu suas colônias, viu-se privada do território do Sarre (rico em carvão), foi obrigada a desmilitarizar a região da Renânia (fronteira com a França, teve seus exércitos diminuídos para cem mil homens [...]), arcou com o pagamento de uma indenização de trinta e três bilhões de dólares [...]. Ainda pelo Tratado, criou-se oficialmente a Liga das Nações, encarregada de preservar a paz

No entanto, o fato marcante desse período foi a crise econômica que se estabeleceu, por consequência do resultado da 1ª Guerra Mundial, em que a Alemanha sofreu a perda de exportações industriais e fontes de matérias-primas, entre outros problemas. Muitos alemães ficaram desempregados. O fato de os Aliados manterem o bloqueio à Alemanha após o tratado de Versalhes também somou para agravar a situação¹⁴.

Muitos desses fatos históricos estão presentes nos romances biográficos de Ruth Werner e de Fernando Morais. Há menção aos problemas sociais e econômicos enfrentados pelos alemães nesse período, como o desemprego e a inflação do país. Em Werner inclusive é citada a República de Weimar em certo trecho da narrativa (“Naquela época – 1923 – o governo da República de Weimar proibira a organização da FJC.” – WERNER, 1990, p. 21). A entrada de Olga Benario para a Juventude Comunista ocorre exatamente neste período histórico, segundo o que está narrado nas duas biografias. É em meio a toda essa crise que a jovem pertencente a uma família da classe burguesa resolve sair de seu *mundinho* confortável e partir para a luta em favor dos mais necessitados, da igualdade social, de um mundo melhor, onde não haja mais a exploração do mais fraco pelo mais forte, onde qualquer pessoa, de qualquer classe social tenha os mesmos direitos.

A personagem Olga, desde o momento em que resolve abraçar a causa comunista, irá lutar cada vez mais para construir esse mundo que ela acredita ser possível um dia existir. Sairá de Munique para Berlim, onde sua militância se tornará ainda mais combativa. E, junto de seu namorado Otto (que em Werner tem outro nome, Kurt), sairá de Berlim – onde estão sendo “caçados” pela polícia – rumo a Moscou.

2.2 Moscou (1928-1934)¹⁵

Período que marca a ascensão de Stalin no poder, em que, apesar de ainda existirem homens que lembravam o bolchevismo, o Partido propriamente dito seria,

mundial, mas excluindo a Alemanha e a União Soviética de sua composição.” (MELLO; COSTA, 1991, p. 227)

¹⁴ Muitas dessas informações foram retiradas do site: <http://www.germanyonstamps.iblogger.org>.

¹⁵ Informações que têm como base as seguintes fontes: BROUÉ, P. União Soviética: da revolução ao colapso. Coordenação e tradução de Robert Ponge. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996, sendo este um pequeno resumo feito a partir da leitura dos capítulos 5 e 6; CARONE, E. Brasil, anos de crise: 1930-1945. São Paulo: Ática, 1991.

a partir de então, de um novo tipo. Stalin inclusive proclamaria que se tratava de um partido “stalinista”.

Já em 1929 aconteceria a primeira execução política: a de um ex-SR de esquerda¹⁶, Blumkin, o qual passara para o bolchevismo, logo para a Oposição de esquerda e depois entrara na OGPU, sendo fuzilado após ter encontrado Trotski no exílio.

Houve também nessa época a coletivização forçada, a industrialização a qualquer custo e, em seguida, o grande expurgo e o massacre dos velhos bolcheviques¹⁷.

Apesar de em 1928 prever-se que somente 12% das terras estariam coletivizadas até 1932, a coletivização integral esteve quase que totalmente terminada em 1930, quando havia apenas 30 mil tratores. Com isso, em março de 1930, mais da metade dos Kolkhoses (58%) não tinham tratores e nem máquinas, sendo o camponês forçado a entrar em uma coletividade na qual ele não via nenhuma vantagem.

Com o desenvolvimento industrial, que deveria acontecer a qualquer custo, houve a exploração máxima de antigas jazidas. Houve grandes progressos na indústria pesada, apesar de não ocorrer o mesmo nos outros setores industriais.

Tais transformações na economia acarretaram mudanças na sociedade soviética e a mais impressionante foi a urbanização. Com a coletivização e, em seguida, com os empregos atrativos oferecidos pela indústria, mais de doze milhões de camponeses abandonaram o campo durante o Primeiro Plano Quinquenal. Como consequência, a população das antigas cidades dobrou (Moscou, Leningrado, Karkhov).

No Romance-Reportagem de Fernando Morais há uma passagem onde é citado o primeiro plano quinquenal. Assim está descrito: “[...] o primeiro plano

¹⁶ O sujeito “de esquerda” é aquele que defende um governo que seja de fato justo, onde sua administração seja para todos, ricos ou pobres; que a justiça funcione sem levar em conta a classe social das pessoas; que a riqueza produzida seja distribuída com igualdade; que o cidadão trabalhe sem ser explorado pelo seu patrão, etc. (<http://averdade.org.br/2012/08/o-que-e-ser-de-esquerda/>)

¹⁷ Segundo Bobbio (1997), o Comunismo da época de Stalin é considerado um regime totalitário. Ele se instala normalmente em uma sociedade onde o processo de industrialização e de modernização está se iniciando ou se encontra no primeiro estágio, assumindo a tarefa de uma industrialização e de uma modernização forçada e rápida. No Comunismo também é debelada e liquidada completamente a velha classe dirigente, e isso se dá tanto na parte econômica quanto na da administração do Estado.

quinquenal estava em vigor desde 1928 e para manter a estabilidade econômica quase tudo era racionado.” (MORAIS, 1985, p. 47)

Em relação aos salários, o fato mais relevante foi a “diversificação” em nome da luta contra o “nivelamento esquerdista” que prevaleceu nos primeiros anos. Só para exemplificar, em 1930 existiam oito categorias de operários, cujos salários variavam de 1 a 3,7. A partir de 1933 começou uma prática de privilégios, em que se recompensava aqueles trabalhadores que trabalhavam mais.

Outra característica desse período foi o desenvolvimento da polícia política, que possuía um efetivo de 1 milhão de agentes. A Tcheca, que nascera em 1917 e em 1922 transformou-se em OGPU, a partir de 1929 ampliou suas atribuições, expandindo-se, com um recrutamento maciço. Era a polícia que distribuía, recusava e controlava as carteiras de trabalho. A ela também eram confiados os deportados condenados aos “campos de trabalho”. Seu “Colégio”, um verdadeiro tribunal, se encarregava de vigiar tanto os cidadãos socialmente “perigosos” como todos os condenados a menos de três anos, podendo prolongar assim suas penas como bem quisesse¹⁸.

Em relação a esse Estado autoritário, Trindade (2002, p. 167) comenta:

Quase toda crítica era tomada como sinônimo de traição, o que tornou impossível a correção de rumos e encurtou o caminho para a repressão massiva a todas as divergências (até mesmo de esquerda), como nos soturnos “processos de Moscou” do final dos anos 30 (TRINDADE, 2002, p. 167).

No ambiente político, havia certa hostilidade a Stalin entre diversos “dirigentes”. Como consequência disso, houve um massacre sem precedentes de dirigentes do Partido (os quais foram negados na época). Ao sentir que seu poder estava ameaçado, Stalin se defendeu da forma que considerava a mais eficiente, ou seja, exterminando não somente todo possível rival como também qualquer eventual direção substituta.

Esse período foi denominado de *O Grande Terror*, expressão que, segundo Waack (2004), “é utilizada pelos historiadores modernos para designar a maior, mais

¹⁸ De acordo com Bobbio (1997, p. 1.253), “a ideologia comunista nem sempre foi uma doutrina coerente e uma guia coerente de ação política.” Mais precisamente na fase totalitária do regime soviético, as mudanças de rumo (bruscas e arbitrarias) por parte de Stalin mostram que essa ideologia foi em grande parte uma racionalização da conduta do ditador.

terrível e inimaginável onda de violência que jamais um ditador desatou na história da humanidade [...]” (WAACK, 2004, p. 313)

Por outro lado, houve o chamado “culto a Stalin” por parte de alguns que se entusiasmaram pelo Plano e pela “linha geral”. Há em *Olga Benario*, de Werner, um trecho em que Olga e o namorado de sua amiga Mali (o Micha) conversam sobre as expectativas que Olga tinha antes de ir para Moscou. Ele lhe pergunta: “E então, é tudo como você tinha imaginado? Ela lhe responde que não, e ele volta a perguntar: “O que é diferente?” Ao que ela responde: “Quando as delegações da Alemanha voltam da União soviética, informam que vocês vivem como se nadassem na fartura” (WERNER, 1990, p. 106). Então, ele lhe pergunta o que ela acha por si mesma disso e ela lhe responde que o que ocorre é exatamente o contrário do que é divulgado em seu país. Então, Micha, após sorrir, fica sério e critica essa falsa imagem que é propagada sobre a URSS pelas delegações alemãs. Ele diz: “Suas delegações deveriam informar tudo como realmente é. Difícil, muito difícil. Só quem sabe pode julgar a grandeza de nossos êxitos.” E continua:

Deveriam informar sobre o contexto: assumo o poder com 50% de analfabetos, um país quase sem indústrias e com agricultura atrasada, cercado por países capitalistas que acoçam, provocam, e aí tente conseguir o que nós já conseguimos (WERNER, 1990, p. 106).

Logo, ele para na frente de Olga, abre os braços e diz para ela voltar daqui a 20 anos, quando então verá prédios residenciais de 20 andares, creches em todas as ruas, aviões e tudo o mais. E continua: “[...] E nossos analfabetos? Não vai encontrar nenhum, nem se procurar com lupa, com lanterna.” E complementa: “Que lanterna, nada, até lá elas estarão ultrapassadas e substituídas pela luz elétrica.” E segue, entusiasmado:

Haverá abundância de estudantes. O segredo dessas conquistas todas? São os seres humanos. Começaram a revolução porque acreditaram nas palavras de Lênin: ‘Paz e pão’. E lutam para torná-las realidade. Vão fazer a revolução porque acreditam no socialismo (WERNER, 1990, p. 106).

Bem no início do trecho descrito, percebe-se que Micha está entre os que idealizaram o governo de Stalin, por tudo que ele conseguiu mudar no país, apesar das inúmeras dificuldades, como o analfabetismo, a escassez de indústrias, o atraso na agricultura, além da não colaboração por parte dos países capitalistas. E esses jovens que cultuavam Stalin, como Micha, acreditavam de forma bastante idealista

no progresso que seu país teria no futuro. Há a referência também às ideias de Lênin, que foi quem deu início à revolução. Aqui, a personagem se refere de forma implícita à Revolução de 1917, quando surgiram as primeiras ideias de socialismo. Micha acreditava no poder dos homens de transformar o mundo e que tal objetivo só poderia ser alcançado por meio de uma revolução.

Carone (1991) afirma que a URSS foi única nação que não sofreu os efeitos da crise econômica e que nesse período também se encontra livre das invasões externas e das ameaças internas. Inclusive, no decorrer destes anos as potências capitalistas são obrigadas a aceitá-la na Sociedade das Nações e os EUA têm de reconhecê-la oficialmente em 1934.

Paradoxalmente há uma dicotomia: enquanto os países democráticos resolvem reconhecer a existência da URSS, esta, por meio da Internacional Comunista, declara guerra à totalidade do sistema capitalista – democrata e totalitário. Seu lema é *classe contra classe* (1928-1935), em que a Internacional Comunista proclama ser necessário os Partidos Comunistas conterem não só a classe dominante, mas também o movimento reformista operário. Para os PCs, burguesia e trabalhadores reformistas – principalmente a socialdemocracia europeia e os socialistas – formam um só bloco: o de traidores da classe operária.

O Comunismo, a partir daí, começa a se expandir pelo mundo inteiro, em todos os continentes. Na Europa, encontra maior expressão na França, Alemanha e Itália; Na Ásia, se concentra na China. Entretanto, o movimento é inexpressivo em dois países desenvolvidos: EUA e Inglaterra. Em outras federações dos continentes europeu, americano e asiático, encontram-se partidos de porte médio.

Para os comunistas, o perigo seria a volta da luta imperialista. Em *Olga Benario*, de Werner, há um trecho que ilustra esse temor. No 5º Congresso da Juventude Internacional, Olga, que então fora eleita para a direção, ao falar na tribuna, diz:

[...] – O horror e a miséria provocados pela guerra imperialista começam a desaparecer da memória da nova geração. Mas no horizonte levanta-se uma nuvem ameaçadora, anunciando-nos grande perigo: o perigo de nova guerra imperialista (WERNER, 1990, p. 110).

Dentro deste contexto, os dois autores (Werner e Moraes) irão revelar outros acontecimentos do período em que Olga passou em Moscou.

2.3 Brasil (1934-1936)¹⁹

Nesse período, o Brasil estava sob o comando de Getúlio Vargas, que exercia seu segundo mandato, conhecido como Governo Constitucional. Seu partido era a Ação Integralista Brasileira (AIB), que defendia a consolidação de um governo centralizado, o qual conduziria a nação a um “grande destino”. Esse destino, segundo os integralistas, só era possível com o fim das liberdades democráticas, a perseguição dos movimentos comunistas e a intervenção máxima do Estado na economia²⁰.

Particularmente o ano de 1934 foi marcado por diversas reivindicações operárias. Explodiram greves no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belém e no Rio Grande do Norte, em que se destacaram as paralizações no setor de serviços: transportes, comunicações, bancos. Além disso, as campanhas contra o Fascismo ganharam ímpeto, ocasionando um violento choque entre antifascistas e integralistas em São Paulo, no mês de outubro do mesmo ano. Como resposta, o governo propôs ao Congresso, no início de 1935, uma Lei de Segurança Nacional. (FAUSTO, 2010). Tal proposta provocou movimentos de protesto de sindicatos e de alguns jornais.

Em julho de 1934, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) realizou uma Conferência Nacional, a primeira de sua história, e o documento resultante da mesma é um texto radical, que se concretizou a partir de março do ano seguinte com a Aliança Nacional Libertadora. Nesse momento, Luís Carlos Prestes e Olga Benario estavam na Rússia.

Em relação às questões do Partido Comunista nesta fase, entre fevereiro e março de 1934, sua maior preocupação é com a questão sindical. O proletariado do Rio e o de São Paulo, por meio das greves salariais e dos movimentos a favor da criação de caixas de aposentadoria e pensões, luta pelos seus direitos como trabalhadores.

Além dos bancários, dos escreventes dos cartórios da justiça e de outras categorias, ocorre, neste momento, a famosa greve em Niterói, onde estão incluídos

¹⁹ Os acontecimentos narrados neste subcapítulo estão baseados na leitura da obra “Brasil, anos de crise: 1930-1945”, de Edgard Carone, principalmente do capítulo 9 (p. 180-199).

²⁰ Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiab/governo-vargas.htm>.

trabalhadores da Cantareira, motoristas e condutores de bondes, além de outros setores. É um movimento onde se somam milhares de operários.

Quanto ao manifesto editado na I Conferência Nacional, este é dirigido à classe trabalhadora urbana e agrícola. No documento, é denunciada a miséria em que eles vivem, e os culpados disso são os proprietários de terras, os capitalistas que entregaram suas riquezas ao capital estrangeiro. Denuncia-se a exploração, os baixos salários, as esgotantes horas de trabalho, as multas e as taxas pesadas que lhes eram cobradas, impostos e diversas outras imposições de poder.

Através desse manifesto, o proletariado, que vive na miséria e na opressão, é convocado a participar da luta contra o imperialismo. O povo é chamado a se unir em frente ampla, sob a direção do PCB, a “única vanguarda da classe proletária e único guia revolucionário das massas exploradas.” (CARONE, 1991, p. 183)

Há também nesse período uma questão política principal que ocupa grande espaço na atenção dos comunistas: é o ataque à Lei de Segurança Nacional, que tem o apoio da igreja e dos militares – além, é claro, dos fascistas brasileiros, os integralistas. Tal lei serve de instrumento contra as forças populares e de esquerda, as quais estão insatisfeitas e procuram seu espaço na sociedade brasileira.

No Manifesto Operário contra a Lei de Segurança Nacional (chamada “Lei Monstro”), declara-se que ela

é a maior e mais hedionda ameaça que já pesou sobre os trabalhadores. É o regime do despotismo policial, de opressão e de misérias maiores de que já temos sofrido. Não teremos sequer o direito de pensar em voz alta [...] As nossas mínimas conquistas serão destruídas. As nossas reivindicações se tornarão irrealizáveis (CARONE, 1991, p. 184).

A aprovação da “Lei Monstro” significou a tentativa de liquidação total por parte do governo de Getúlio Vargas ao Partido Comunista e ao proletariado, perseguições aos elementos ativos do movimento, prisões, deportações em massa, condenações sumárias de anos e anos de prisão, cassação dos títulos de cidadania, impedimentos à imprensa popular e repressão a todos os trabalhadores que tivessem tendências liberais.

O Partido Comunista foi o mais atingido, principalmente porque, nesse momento, estava na ilegalidade. O golpe principal dessa lei estava no artigo 31,

[...] onde é proclamada a interdição de todos os agrupamentos e organizações que visam a mudança violenta do regime. Todos os bens são

confiscados. O artigo 27 prevê penas pela confecção e a difusão de impressos, jornais e cartazes revolucionários [...] (CARONE, 1991, p. 186).

A partir desse momento, houve um aumento da repressão policial, que estava sob a guarda de Filinto Müller. Esta é uma personagem que se destaca nas duas biografias analisadas, a qual cumpre a ordem dada por Getúlio Vargas de concretizar a deportação de Olga Benario à Alemanha.

Um episódio marcante desse período é o que se refere à deportação da jovem estudante Genny Gleiser, ocorrido antes da expulsão de Olga. Segundo Carone (1991), ela é judia e nasceu na Bessarábia. Genny está presa, e, enquanto isso, circulam boatos de que será deportada. Iniciam, então, movimentos a favor de sua soltura, e depois, contra sua expulsão do país. Inclusive um simpatizante comunista chamado Paulo Emílio Salles Gomes se oferece para casar com a moça, pois se imaginava que tal ato impediria sua expulsão. No entanto, nenhum movimento conseguiu que ela permanecesse no Brasil. Genny Gleiser foi embarcada em um navio francês em 11 de outubro, “sendo desembarcada, a mando do capitão, em porto da França” (CARONE, 1991, p. 187).

Tal fato é relatado em *Olga*, de Fernando Morais. No referido trecho do romance, o narrador informa que Olga havia acompanhado de perto tal caso. Ele assim expressa:

De todos os casos de expulsão de estrangeiros ‘indesejáveis’ de que tivera notícia – e eram centenas e centenas – um, particularmente, Olga acompanhara de perto, ainda em liberdade, pelo noticiário dos jornais, e ficara estarecida com seu desfecho. Depois de manter presa durante quatro meses, sob a vaga acusação de ‘subversão’, o governo de Vargas decidira deportar uma garota de 17 anos, Genny Gleiser, judia romena, apesar da manifestação de centenas de sindicatos e associações de estudantes e intelectuais, tanto do Brasil como do Exterior (MORAIS, 1985, p. 188).

O narrador continua o relato, informando que durante todo o processo de expulsão de Genny Gleiser teriam sido testemunhados pela opinião pública alguns gestos de solidariedade. Um deles foi a atitude de diversos homens que se ofereceram para casar com ela, com o objetivo de impedir sua deportação. Assim está expresso na narrativa: “Quando se anunciou, por exemplo, que se ela casasse com um brasileiro as leis a protegeriam da deportação, vários escritores e intelectuais se ofereceram como voluntários.” (MORAIS, 1985, p. 188). O narrador conta, então, sobre um episódio ocorrido em São Paulo:

Num comício pela libertação de Genny, no centro de São Paulo – onde tinha sido presa – o estudante Paulo Emílio Salles Gomes anunciou que sairia do palanque diretamente para o cartório, em busca de um juiz que oficializasse seu casamento com a garota. Chegou tarde. O jornalista Arthur Piccinini, que acompanhava o ‘caso Genny’ para o Diário *A Plateia*, tomara-lhe a frente e havia solicitado ao Juízo de Paz do bairro da Sé, na capital paulista, a publicação dos proclamas para seu matrimônio (MORAIS, 1985, p. 188).

Depois desse relato, o narrador informa o seguinte: “Insensível a tudo isso, em outubro de 1935 o governo deportou Genny Gleiser para a Europa.” (Ibidem).

Pode-se perceber através das duas fontes (a histórica e a literária) que tal fato é narrado de forma bastante semelhante. Os episódios basicamente são os mesmos. O nome da garota, os movimentos realizados com o objetivo de mantê-la no Brasil, o caso do estudante que se ofereceu para casar com Genny, a data de sua deportação, enfim, é exatamente a mesma história, que foi contada de forma mais detalhada por Moraes. Na fonte histórica Olga não é mencionada, mas isso provavelmente ocorra porque o autor selecionou apenas o caso de Genny Gleiser para ilustrar esse período de repressão por parte da polícia política brasileira. A estudante fazia parte do grupo de jovens que estavam preparando o Congresso Nacional da Juventude Popular, Estudantil e Proletária.

Em outubro de 1934, após a realização da 3ª Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, em Moscou, começaram a circular notícias sobre a criação de um novo órgão: a Aliança Nacional Libertadora, um instrumento de luta contra o Fascismo.

No Brasil, o Manifesto-Programa ficou pronto já em fevereiro de 1935, tendo sido lançado no dia 30 de março do mesmo ano. Na ocasião, a Comissão Provisória elegeu Prestes como presidente de honra da ANL. E, apesar de sua existência legal, ser de curta duração – indo somente até julho de 1935 –, nesses poucos meses de legalidade do movimento, foi fortalecida a força da esquerda comunista. A ANL agia em diversos campos e acentuava cada vez mais sua posição ideológica.

A ideia de revolução no Brasil se consolidou ainda no ano de 1934, e, segundo Carone (1991), Prestes, que estava em Moscou, teria insistido para voltar ao Brasil por acreditar que havia um processo revolucionário em marcha no País. Inclusive, em um depoimento a esse autor, ele teria dito:

[...] O Manouilsky achava que era muito perigoso. A mim, mais de uma vez, ele disse que isso era perigoso, que eu devia pensar bem, se eu tinha garantias, se havia segurança suficiente para mim. Isso é bom ficar bem

claro para mostrar que não foi a União Soviética, o Comintern que me enviou ao Brasil. Foi vontade própria minha. (CARONE, 1991, p. 206).

Tal fato não está posto da mesma forma nos romances biográficos, já que, segundo as duas narrativas, o Comintern é que teria enviado Prestes ao Brasil para que, junto aos outros enviados e seguindo o comando dos dirigentes russos, organizasse a revolução.

Na obra de Carone (1991), o nome de Olga Benario aparece quando o autor menciona que ela está junto de Prestes, Ghioldi, Harry Berger (Arthur Ewert) e Miranda no momento da decisão sobre o desencadeamento da insurreição no Rio de Janeiro, após ficarem sabendo dos acontecimentos no Nordeste. O autor também a cita quando se refere aos movimentos internos e externos que foram realizados para a libertação dos envolvidos na revolução: “[...] a luta a favor de Prestes se estende, também, a Harry Berger, Ghioldi, Olga Benario e outros.” (CARONE, 1991, p. 260). Já em relação à deportação de Olga, não há referência nesta obra.

Seitenfus (1985), por sua vez, comenta esse fato e esclarece que ele foi o primeiro sucesso da cooperação anticomunista entre Brasil e Alemanha. Ele assim descreve tal acontecimento:

Erna Kruger, cidadã alemã nascida em Munique a 12 de março de 1908, emigra para o Brasil e, depois de ter tomado parte nos acontecimentos de novembro de 1935, é presa. O governo brasileiro decide então expulsá-la para a Alemanha. O ato de expulsão, assinado por Vargas em 27 de agosto de 1936, significa a morte para Erna Kruger. Ela declara que está legitimamente casada com Prestes, o que lhe dá nacionalidade brasileira e a protege de uma expulsão. Além do mais, ela se encontra prestes a ter filho, o que legalmente deveria protegê-la de qualquer medida de expulsão ou de extradição. Contudo, a caça aos comunistas não se preocupa com considerações jurídicas ou morais (SEITENFUS, 1985, p. 87).

Em Fausto (2010), Olga Benario nem mesmo é mencionada.

2.4 Alemanha e o regime nazista

Com a ascensão de Hitler ao poder entre 1933-1934, são esmagadas todas as forças sociais e políticas de oposição ao regime, como católicos, democratas e comunistas.

Justificando como direito de um país que foi usurpado de seus direitos coloniais nos séculos XIX e XX, Alemanha (e Itália) ocupam diversos países, fator que somará motivos para a 2ª Guerra Mundial.

Segundo Trindade (2002), desde a derrota na 1ª Guerra a grande burguesia alemã havia, aparentemente, se convertido à democracia da Constituição de Weimar. Porém, diante do impasse que colocava em risco seus interesses, desvencilhou-se rapidamente dos princípios que até então havia mantido e de sua posição liberal (que só perdia votos), posicionando-se em favor do movimento de extrema direita que estava em ascensão, o qual

[...] exigindo vingança nacional, captura de “espaço vital” (*lebensraum*) para a Alemanha e unidade germânica contra as raças “inferiores e os bolchevistas, finalmente conseguia mobilizar a insegurança da classe média e o terror dos desempregados de retornarem à miséria (TRINDADE, 2002, p. 168).

O Partido nazista, a partir daí, ascendia a cada eleição, sendo que em 1933 ele finalmente vence.

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler chega ao poder por vias formais de uma democracia parlamentarista. Um mês depois, porém, liquidou a oposição comunista, com a acusação de ter sido de sua autoria o incêndio do Parlamento (Reichstag), em 17 de fevereiro.

Mediante outorga parlamentar, obteve hipertrofia de poderes. Os alemães não ignoravam como ele empregaria esses poderes, pois suas ideias estavam metodicamente expostas num dos sucessos editoriais da Alemanha daqueles anos: *Mein Kampf* (“Minha Luta”)²¹ (TRINDADE, 2002, p. 168).

Em Werner, faz-se alusão a esse momento vivido na Alemanha. Na cena descrita, a protagonista Olga conversa com o casal de amigos Mali e Micha. Eles estão na URSS, e Olga lhes fala de sua vontade de voltar a seu país. O narrador informa:

²¹ Tratava-se de uma narrativa autobiográfica ditada por Hitler em 1924, enquanto esteve preso por um período de nove meses por causa de uma tentativa de golpe de Estado no final de 1923. Na obra estão sintetizadas as ideias do movimento nacional-socialista (Nazismo), chefiado por ele desde 1919. O nacionalismo pangermânico de base racial é a ideia mais difundida no texto, sendo expresso na primeira frase de abertura: “Povos em cujas veias corre o mesmo sangue devem pertencer ao mesmo Estado. Ao povo alemão não assistem razões morais para uma política ativa de colonização enquanto não conseguir reunir os seus próprios filhos em uma pátria única.” (TRINDADE, 2002, p. 169)

No início de 1933, o fascismo impeliu a Alemanha à barbárie. À época, trabalhando como instrutora do Konsomol, Olga só tinha um desejo: voltar à Alemanha para lutar contra os nazistas (WERNER, 1990, p. 126).

Em resposta, Mali diz: “– Você pode ser útil aqui, o fascismo ameaça também nosso país. Você conhece os objetivos *rapinantes* de Hitler.” (WERNER, 1990, p. 126, grifo nosso)

Depois da conversa, ela reflete sobre o perigo que seria voltar à Alemanha nesse momento, já que fascismo e preparação de guerra estavam relacionados, e quem era mais ameaçada era a União Soviética (WERNER, 1990, p. 126).

Essa cena ilustra bem essa fase de ascensão do Nazismo (início de 1933) e o medo que tais regimes fascistas despertavam nas pessoas os objetivos de seu líder (objetivos *rapinantes*)²².

Segundo Trindade (2002), o Nazismo e os demais fascismos legislaram e agiram contra a humanidade, disseminaram políticas racistas, xenófobas e imperialistas. E ainda dividiram pessoas e populações entre as que deveriam viver e as que precisariam ser abolidas. Para isso, tentaram o extermínio, por métodos industriais, de povos inteiros, além de levarem sessenta milhões de seres humanos a morrerem durante a guerra que eles mesmos deflagraram (TRINDADE, 2002).

Os alvos principais do Nazismo eram judeus, comunistas, socialdemocratas, sindicalistas, dissidentes católicos e protestantes, ciganos, deficientes mentais, além de eslavos, sérvios e gregos não colaboracionistas (TRINDADE, 2002, p. 184). Qualquer pessoa que pertencesse a um desses grupos era um obstáculo que deveria ser removido, já que para os nazistas, eles eram seres humanos de uma espécie inferior.

Esse pensamento levou, por fim, a inacreditáveis atrocidades cometidas contra tais vítimas. Os autores desses crimes contra a humanidade eram pessoas extremamente frias e indiferentes aos sofrimentos alheios. Segundo Adorno (1994), elas negam em seu íntimo a possibilidade de amar, e o que ainda lhes resta dessa capacidade é direcionado para as coisas materiais. A isso ele chamou de *consciente coisificado*. (ADORNO, 1994, p. 42)

²² O adjetivo *rapinante* remete às aves de rapina, as quais são carnívoras, possuem bicos recurvados e pontiagudos, além de garras fortes e visão de longo alcance. Todos esses atributos as favorecem, conferindo-lhes agilidade na captura de seus alimentos. O líder nazista tem o mesmo objetivo das aves de rapina: capturar sua presa, que, no caso, são os grupos de pessoas que ele despreza, para, depois, exterminá-las.

O autor enfatiza que essas pessoas eram frias de maneira especial, e vê essa característica como algo próprio da constituição humana, algo que está visivelmente presente na sociedade, pois,

se os homens não fossem, por isso, profundamente indiferentes ao que acontece com todos os demais, exceto alguns poucos aos quais encontram-se intimamente ligados, possivelmente por interesses práticos, então Auschwitz não teria sido possível, pois as pessoas não o teriam aceito (ADORNO, 1994, p. 42)..

Com essa teoria, ele diz que a culpa de toda essa violência cometida é da sociedade como um todo, pois a ela pertencem os indivíduos, que são naturalmente indiferentes e frios em relação aos outros, principalmente em relação àqueles com os quais não estabelecem ligações mais próximas. E, segundo o que postula, mesmo nesses casos são ligações de puro interesse individual.

Assim, diversos seres humanos foram transformados em “objetos”, em instrumentos para a ascensão de seus dominadores. Com o objetivo de instalar o domínio absoluto da “raça superior” sobre as inferiores, Hitler e seus seguidores eliminaram milhões de judeus, os quais eram seu principal alvo. Olga Benario, além de ser judia, era comunista, o que na Alemanha nazista significava poucas chances de sobreviver nos campos de concentração.

Sua resistência seria testada de várias formas nesses locais. As cenas descritas nos dois Romances Biográficos tentam reconstruir os principais momentos vividos pela protagonista e por alguns de seus companheiros. Porém, é necessário ressaltar que, devido ao alto grau de brutalidade a que foram submetidas as vítimas que permaneceram nessa situação, os relatos sobre elas jamais conseguirão descrever com precisão tais acontecimentos.

Ginzburg (2003), ao citar o poeta judeu Paul Celan, afirma que este é um dos que defende essa teoria da impossibilidade de representar tais eventos por meio da palavra. Inclusive em um de seus trabalhos, intitulado *Prisão da Palavra (Sprachgitter)*, ele chama a atenção para “as dificuldades de conciliar a experiência humana e a linguagem verbal.”

As duas narrativas, baseadas em fatos reais, reconstróem a memória dessa personalidade histórica, a qual representa, além de si mesma, outros tantos que foram massacrados e desumanizados sob governos intolerantes e autoritários do

século XX, considerado por alguns como o mais destrutivo da história da humanidade²³.

²³ Eric Hobsbawm (1995) o definiu como a “Era dos Extremos”.

3 A BIOGRAFIA DE OLGA NAS VERSÕES BRASILEIRA E ALEMÃ

“Ficamos conhecendo o ser humano como talvez nenhuma geração humana antes de nós. O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre *decide* o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios.”
(Viktor E. Frankl)

Nas duas narrativas, pôde-se perceber que, de forma análoga, há uma divisão em quatro partes dos períodos de vida da protagonista Olga, os quais poderiam ser assim definidos:

1ª parte: 1923 a 1928 – Entrada de Olga para uma organização comunista, em Munique, Alemanha até sua saída deste país;

2ª parte: 1928 a 1934 – Olga em Moscou (URSS) até sua saída para cumprir missão no Brasil, junto de Prestes;

3ª parte: 1934 a 1936 – Olga e Prestes no Brasil;

4ª parte: 1936 a 1942 – Saída de Olga do Brasil, rumo à Alemanha nazista.

Neste capítulo, são narrados episódios ilustrativos dos momentos históricos descritos. É a “pequena história” (particular) dentro da “grande história” (universal), narrada sob o ponto de vista de uma escritora alemã e de um escritor/jornalista brasileiro. A análise comparativa dessas duas versões sobre a vida de Olga Benario demonstra suas possíveis inter-relações, tanto no conteúdo quanto na forma em que são relatadas.

Convém esclarecer que, para fins de análise comparativa dos dois romances biográficos constituintes deste estudo, seguiu-se a ordem cronológica dos principais fatos que se apresentam em cada um desses períodos mencionados.

3.1 Olga na Alemanha dos anos 20

A primeira parte da trama se desenvolve em um período histórico que começa em 1923, com a protagonista por volta de seus 15 anos, indo até 1928.

No entanto, a história narrada (diegese) não se apresenta o tempo todo de forma linear. Em muitos momentos, a ordem cronológica é alterada; tanto na obra de Fernando Morais quanto na de Ruth Werner é utilizado o recurso do *flashback* e do

seu oposto, o *flashforward*²⁴. Na primeira, por exemplo, a história já inicia com a utilização deste último. O fato narrado se refere ao episódio em que Olga e seus companheiros rendem os guardas na prisão de Moabit (centro de Berlim) para soltar o preso Otto Braun, e isso ocorre em abril de 1928, informação dada no próprio título – “Berlim, Alemanha, Abril de 1928.” Inclusive, esse título não possui numeração; esta só aparecerá dois capítulos depois, onde fica claro o início da história no tempo cronológico. A partir da frase do narrador: “tudo aconteceu em menos de um minuto [...]”, inicia-se a descrição da cena, que tem data e hora bem determinadas.

Pontualmente às nove horas da manhã de 11 de abril de 1928, o guarda Gunnar Blemke atravessou o salão de audiências revestido de mogno da prisão de Moabit, no centro de Berlim, levando pelo braço, algemado, o professor comunista Otto Braun, de 28 anos (MORAIS, 1985, p. 1).

Já na obra de Werner, o primeiro capítulo está numerado e o narrador informa o mês em que se passam os acontecimentos: “A calçada molhada cintilava naquele abril chuvoso.” (WERNER, 1990, p. 15). Logo, menciona uma jovem que passa na rua, e, pela forma como a descreve, já se pode inferir que se trata de Olga.

Eis que passa uma jovem, não exatamente no meio da rua, mas também não muito perto da sarjeta. Altiva, alegre e completamente despreocupada, caminhava como se não chovesse, como se estivesse sozinha e a rua toda lhe pertencesse (WERNER, 1990, p. 15).

O *flashback* ocorre logo em seguida, na página 17, por meio da recordação de uma personagem, Kurt, que está rememorando o que o amigo Sepp havia lhe contado: “Ela não terminara o curso médio porque queria trabalhar e logo ser independente. Tinha 16 anos e militava na Juventude Comunista.” (WERNER, 1990, p. 17)

Já na narrativa de Werner, a trama inicia com uma descrição de tempo e espaço (mês de abril/calçada, rua), mas também nesta o *flashforward* acontece, já que essa passagem não se refere ao início da história. E a personagem Olga tem certa semelhança com a descrita por Moraes, já que o adjetivo “altiva” e a expressão “caminhava como se não chovesse, como se estivesse sozinha e a rua toda lhe pertencesse” demonstram traços de seu caráter que confirmam sua personalidade destemida e autoconfiante, capaz de realizar um feito corajoso como o de soltar um preso da forma como está descrito no texto de Moraes. “Ousada cena” é a expressão

²⁴ Segundo RIVADENEIRA (2009, p. 122), consiste em narrar uma projeção futura das ações.

utilizada para ilustrar o que ocorreu na prisão de Moabit. O termo “ousadia” irá aparecer em outras passagens dos dois textos, referindo-se a Olga.

Em *Olga Benario*, de Ruth Werner, o episódio da prisão de Moabit também é descrito, porém, é narrado no capítulo 18. A narração inicia assim: “Na manhã de 11 de abril, o preso Kurt encontrava-se em seu passeio diário de meia hora [...]” Percebe-se aqui que a data corresponde à da outra narrativa, apesar de não haver referência ao ano. Já o nome da personagem – Kurt – é diferente daquele mencionado em *Olga*, de Moraes. Sabe-se que se trata da mesma personagem por causa da cena descrita e também porque anteriormente essa personagem já havia sido apresentada. Otto ou Kurt são a mesma pessoa, ou seja, o atual namorado de Olga, que ela conheceu em 1923, quando trabalhava como vendedora na livraria George Müller. O professor Otto Braun era um agente secreto dos soviéticos, militante experiente, sete anos mais velho que ela (MORAIS, 1985, p. 18). Pela narrativa de Werner, ele foi apresentado a Olga por Sepp, um amigo comum. Em Moraes, é uma amiga que promove o encontro dos dois.

Apesar dessas pequenas discrepâncias, não é prejudicada a comunicação do fato real, pois se consegue relacionar esses dois nomes (Otto e Kurt) como sendo referentes à mesma personagem. A única dúvida que fica é por que o nome de uma personagem de grande relevância nessa história teria sido trocado em uma das narrativas (a de Werner, pois se sabe por outras fontes que Otto Braun é o nome verdadeiro do agente soviético).

Quanto às cenas iniciais narradas, percebe-se que, apesar de estarem localizadas em capítulos não correspondentes das duas narrativas, correspondem-se quanto ao conteúdo.

Waack (2004), no entanto, dá outra versão para esse episódio. Segundo o autor, que se baseou em fichas da própria Olga e de Braun, encontradas em Moscou, não teria sido ela a comandante do grupo que agiu em Moabit. Ela teria, sim, participado da libertação do preso, mas a menção a ela como personagem central desse fato fora forjada pela imprensa sensacionalista da época.

Em relação ao tempo cronológico da história, na obra de Werner o início estaria no capítulo 2, onde o narrador (em 3ª pessoa, onisciente) informa como Sepp conheceu Olga: “Ele a vira aderir ao grupo aos 15 anos. Naquela época – 1923 – o governo da República de Weimar proibira a organização da FJC. O grupo de

Schwabing, Munique, reunia-se clandestinamente numa granja distante, desativada” (WERNER, 1990, p. 21).

Em Moraes, como já foi comentado anteriormente, o início da história está no primeiro capítulo numerado, que se intitula *Na fortaleza vermelha*. À primeira vista, pode parecer estranho tal título para um capítulo que vai se referir quase totalmente à forma como se deu a entrada de Olga na Juventude comunista, evoluindo para sua militância no partido. Isso se deve a outro *flashback* que ocorre. O primeiro parágrafo indica que Olga e Otto estão chegando a Moscou, mas, no final deste, há uma expressão que indica uma recordação de Olga: “[...] Olga notou que, por curiosa coincidência, exatamente cinco anos antes ela entrara pela primeira vez em uma organização comunista.” E, no próximo parágrafo, inicia a narração desse fato, outro *flashback*. O narrador (em 3ª pessoa, onisciente) informa:

Foi no verão de 1923, em Munique, sua cidade natal, poucos meses depois de seu 15º aniversário. A juventude comunista havia sido proibida pela polícia e entrara na clandestinidade. Seus militantes – adolescentes de no máximo 18 anos – resolveram então criar o Grupo Schwabing, que se reunia uma vez por semana numa velha serraria nos subúrbios da capital da Baviera (MORAIS, 1985, p. 15).

Tanto na obra de Moraes quanto na de Werner, a iniciação de Olga na Juventude Comunista se dá da mesma forma. No início, ela é vista com desconfiança pelos componentes do grupo de Schwabing. Nas duas narrativas sua descrição física (através de companheiros) é muito semelhante: “Jovem magrela, alta, de trancinhas escuras, pedindo para fazer parte do Schwabing.” (MORAIS, 1985, p. 15) e “[...] moça com tranças pretas” (WERNER, 1990, p. 22). Logo, nas duas narrativas, há a referência aos pais de Olga. Em Moraes, os líderes do grupo perguntam seu endereço e o nome de seus pais, ao que ela responde: – “Sou filha do advogado Leo Benario. Mas não tenho culpa disso.”

Em Werner, de forma bem semelhante ela responde ao lhe perguntarem sobre seus pais: – “Não tenho mãe. Meu pai é social-democrata e advogado; não é culpa minha.”

Nesses dois trechos é possível perceber o quanto as duas narrativas têm em comum. As trancinhas escuras da adolescente são sua marca nesse período de vida, conferindo-lhe um ar jovial e descontraído. Depois, ao responder sobre seus pais, enfatiza o fato de não ser culpa sua ter como pai um social-democrata. Aqui, Olga já mostra sua personalidade forte, mostra que é bem resolvida a respeito de

seu ideal político, deixando claro que não aceita o fato de ter um pai com princípios diferentes dos seus. Porém, logo se saberá que foi por meio dele que ela se tornou comunista, e não pela teoria marxista. Ela aderiu ao Comunismo ao folhear os processos em que seu pai defendia os trabalhadores de Munique. “Ali vi de perto a miséria e a injustiça que só conhecia, superficialmente, nos livros.” (MORAIS, 1985, p. 16)

Em Werner, há uma passagem em que Olga comenta sobre seu pai, dizendo: – “Ele é inteligente, bom e terrivelmente decente. Advoga mais causas sem remuneração para os pobres do que trabalha para os ricos.” (WERNER, 1990, p. 23)

Com tais comentários da protagonista, percebe-se que a relação ambígua que Olga mantinha com seu pai. Admirava-o pelos seus feitos na defesa dos mais necessitados, apesar de não concordar com sua postura política. Tanto para o grupo quanto para Olga, os inimigos eram, não só os direitistas, mas também os social-democratas, como Leo Benario.

Em relação à mãe, pouco se referia a ela, e quando falava, era com “frieza e economia de palavras” (MORAIS, 1985, p. 16). “Filha de abastada família de judeus, Eugène Gutmann Benario era uma elegante dama da alta sociedade que via com horror a perspectiva da filha tornar-se comunista.” (MORAIS, 1985, p. 16)

Em Werner, a descrição de sua mãe é feita pela própria Olga, quando fala de seus pais para Kurt: – “Sabe, minha mãe era mesmo uma dama de companhia ambiciosa e ele [Leo Benario] não queria que eu fosse igual a ela.” (WERNER, 1990, p. 24)

Nota-se, a partir das opiniões de Olga a respeito da mãe, que, a seus olhos, ela era uma figura desprezível, fútil. E ela, com ideias totalmente opostas, diferenciava-se da mãe inclusive na aparência e no modo de ser, bem diferente do que seria uma “dama de companhia”. Quando o narrador de Werner menciona os “defeitos” de Olga, os quais não eram notados pelo grupo, já que eles também os tinham, destaca: “Era indiscreta com os adultos, comportava-se exteriormente como um rapaz e tinha intolerância veemente em relação aos reacionários – para já não falar dos anticomunistas.” E para completar, era desordenada. “Qualquer coisa jogada ou esquecida durante as viagens ou nos locais de reunião, não havia dúvida, era dela.” (WERNER, 1990, p. 23)

Uma diferença percebida em passagens a respeito do estado civil de seus pais, é que na narrativa de Werner os dois vivem separados, enquanto que na de Moraes, não há referência a tal fato.

Até o momento, já se tem algumas informações importantes sobre a personagem Olga e o contexto histórico em que vivia. O fato real mencionado é a República de Weimar²⁵, período em que o povo alemão passou por intensa crise econômica provocada pelo desfecho da 1ª Guerra Mundial, em que os alemães foram derrotados pelo grupo dos Aliados. Na obra de Werner essa situação é ilustrada primeiramente quando é descrito o local onde se reuniam os jovens do Grupo de Schwabing.

[...] O grupo local de Schwabing, Munique, reunia-se clandestinamente numa granja distante, desativada. Os jovens retiravam uma tábua da parede do celeiro abandonado, entravam por ali e recolocavam-na no lugar. O vento penetrava pelas ripas. Sentavam-se em pedaços de arado enferrujados, em baldes emborcados e cochos em decomposição. Quase todos estavam desempregados; só um deles tinha casaco (Werner, 1990, p. 22).

Essa pequena descrição já indica o modo como viviam esses jovens: além de terem que se esconder, já que a Juventude Comunista estava proibida de atuar, não possuíam um local adequado para esses encontros, além da maioria estar sem emprego.

Na narrativa de Moraes também há referência à crise econômica do país. O narrador comenta sobre as visitas que Leo Benario recebia como advogado, informando que

[...] visitas não faltavam – trazidas pela dramática situação econômica que decompunha o país desde o fim da Primeira Guerra. A brutal espiral inflacionária chegou a tal ponto que um dólar, que em meados de 1922 valia mil marcos, passou a custar 350 milhões de marcos já no ano seguinte. O ativo operariado alemão estava à beira da miséria e a classe média se proletarizava velozmente [...] (MORAIS, 1985, p. 17).

Ao comparar as duas narrativas com o contexto histórico da Alemanha nesse período (do início ao final dos anos 20), tem-se a confirmação de todas as dificuldades enfrentadas pelos alemães. Os dois Romances biográficos comunicam o fato real de forma bastante semelhante, Os dois se referem à crise econômica, desemprego, miséria, e também da situação de clandestinidade do grupo comunista.

²⁵ Já referida no capítulo anterior.

Em Werner, há uma maior profusão de detalhes na descrição das personagens e dos espaços.

No texto de Moraes, o discurso é mais objetivo, informativo, típico de um Romance-Reportagem, em que os cenários não têm tanta importância, os fatos, sim.

Em relação à protagonista, nas duas narrativas se confirmam vários traços de sua personalidade. Olga, com apenas 15 anos, já tinha sua opinião formada a respeito do que queria seguir na vida: o Comunismo. Queria lutar por um mundo mais justo, em que não houvesse luta de classes; todos deveriam ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades: emprego, educação, saúde. Ao ler os processos do pai, Olga pôde ver a imensa miséria e injustiça que existia, e que “as leis têm duas faces. Quem é rico sempre tem razão” (WERNER, 1990, p. 24). Assim ela conheceu diferenças e contradições de classe, além de “mentira, corrupção e a questão do poder” (WERNER, 1990, p. 24).

Diante de tais fatos, ela passou a odiar o mundo como ele era e a procurar algo melhor, tornando-se assim, defensora da causa comunista.

Ela também defende a causa feminina, pois não admite a forma como as mulheres são tratadas, ou seja, para ela, elas deveriam ser vistas da mesma forma como os homens o são: fortes, destemidas, corajosas. Essa sua forma de pensar aparece nas duas narrativas. Em Werner, isso fica claro, inclusive pelo modo como Olga se comportava – “como um rapaz” (WERNER, 1990, p. 23). Em outro momento, ao se sentir excluída de um passeio pela montanha com Sepp e Kurt, ela pensa: “[...] Quem mandou ser mulher? Se fosse um rapaz, já estaria incluída no passeio.” (WERNER, 1990, p. 20).

Na narrativa de Moraes não há referência a esse passeio, mas há outros trechos em que a mesma inconformidade com o fato de ser mulher aparece. Em um deles, o narrador expressa:

Suas desavenças com os rapazes do grupo [...] só se tornavam ásperas quando percebia que estava recebendo tarefas secundárias pelo fato de ser garota. Ao final da discussão, Olga resmungava para quem quisesse ouvir: Quero que vocês saibam que nestes momentos ser mulher é uma chateação! (MORAIS, 1985, p. 19).

Além disso, Olga criticava o desinteresse dos companheiros do Grupo Schwabing pelas técnicas militares e por não haver treinamento regular de todos os

militantes, já que acreditava no quanto essa experiência seria importante para o momento em que estariam enfrentando o inimigo.

Outra questão que ia contra seus princípios era a relacionada ao casamento formal. E tal opinião está presente nas duas narrativas. Na de Werner, o narrador conta que, da mesma forma como muitos de seus companheiros jovens,

ela era contra o casamento porque relacionava essa ideia com tudo de ruim que a ordem social burguesa havia-lhe infligido: a dependência da mulher em relação ao homem, a mentira de muitos casais, o atraso e a chatice da vida em comum, a indiferença, o beco sem saída para a dependência econômica da mulher num casamento fracassado, o papel humano da mãe solteira (WERNER, 1990, p. 57).

Em Moraes, a ideia está assim explicitada pelo narrador:

Ela associava a ideia do casamento ao que considerava a pior deformação burguesa: a dependência econômica da mulher, o amor obrigatório, a convivência forçada. E quando alguém indagava por que não se casava com Otto, pois os dois viviam tão bem, ela respondia prontamente: – “Não nos casamos exatamente por isso: porque nos amamos. Eu jamais serei propriedade de alguém” (MORAIS, 1995, p. 24).

Para Olga, essa era uma condição imposta pela sociedade, e independente como era, não se submeteria a tal formalidade. Era o amor entre o casal que importava. Havendo amor, não necessitava provar nada para ninguém por meio de um papel.

Porém, essa maneira liberal de pensar não queria dizer que ela concordasse com uma forma irresponsável de se relacionar com alguém. Esse pensamento está expresso nas duas narrativas. Em Werner, há um diálogo entre Olga e duas companheiras da Juventude Comunista de Berlim (Hilde e Erika), em que ela repreende uma delas (Erika) por seu comportamento inconsequente. Ela diz: – “Sabem quem se ocupou de jovens como você [...]?” e ela mesma responde:

– Lênin. Sim, pode se admirar. Lênin, pessoalmente. Ele diz que é compreensível que se sinta abominação pela decadência, pela sujeira do casamento burguês. É correto os jovens se rebelarem contra isso. Mas a saída não é os jovens se entregarem a uma vida sexual desenfreada e ceder imediatamente a todo e qualquer desejo. Isso não é revolucionário e progressista. É uma extensão do *bordel burguês* (WERNER, 1990, p. 58, grifo nosso).

De forma bastante semelhante, inclusive com a repetição de alguns termos linguísticos, porém, mais sucinta, na narrativa de Moraes o pensamento de Olga a

respeito do mesmo assunto está expresso através dos discursos indireto (narrador) e direto (fala de Olga).

Quando ouvia alguma amiga contar como vantagem que levava para a cama tantos rapazes, ela perdia a serenidade. Nesses momentos emergia uma Olga intolerante, quase puritana: – Saiba que ceder aos instintos é multiplicar o *bordel burguês*. E quem diz isso não sou eu; é Lênin (MORAIS, 1985, p. 25, grifo nosso).

Comparando esses dois trechos, percebe-se o quanto eles se assemelham, de maneira tal que se poderia até mesmo sugerir que houve plágio por parte do autor do Romance-Reportagem²⁶, já que os termos destacados se equivalem, além de algumas expressões serem quase as mesmas, sugerindo que houve apenas uma adaptação para que a forma de narrar se tornasse mais condizente com seu estilo.

Chega um momento (nos dois textos) em que os narradores revelam que Olga está começando a se incomodar com a vida em Munique. Aquele mundo já era pequeno para seus grandes ideais. Nessa época ela já trabalhava na Federação Juvenil e participava também das reuniões do Grêmio Juvenil, onde participavam membros de organizações religiosas, social-democratas e comunistas. Mas não era o suficiente para Olga. Em Werner, conta o narrador: “Olga ansiava cada vez mais deixar a estreiteza daquela casa antiquada e da livraria aristocrática²⁷. Achava perda de tempo trabalhar ali das 9 da manhã às 6 da tarde.” (WERNER, 1990, p. 26). Ela se perguntava: “Por que não aproveitar o tempo numa atividade útil e revolucionária, como fazia Kurt?” (WERNER, 1990, p. 26)

Em Morais, o narrador, que conhece os motivos que levaram Olga a querer deixar sua cidade natal, assim expressa:

Quanto mais lia os clássicos marxistas e militava no Schwabing, mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por Berlim. A clientela fina e perfumada da Livraria Georg Müller, as discussões com os pais e a própria casa começam a ficar insuportáveis. As notícias da agitação política na capital, que lia nos jornais de Berlim, incendiavam sua imaginação (MORAIS, 1985, p. 19).

Olga aspirava a uma mudança social profunda, que, para ela, só seria conquistada através da luta revolucionária. Certo dia, ao comentar com o pai sobre suas leituras do Manifesto Comunista, ouviu dele: “muita coisa aí já está superada.”

²⁶ *Olga*, de Morais, foi publicada em 1985, sendo que *Olga Benario*, de Werner, foi publicada bem antes, em 1961.

²⁷ Local onde Olga trabalhava.

(WERNER, 1990, p. 26). Foi o que bastou para indignar-se e responder-lhe, revoltada:

– Superada? O que, por exemplo? Que o proletariado só tem a perder suas correntes, seus grilhões, e que tem um mundo a conquistar? Ou a explicação sobre a exploração das relações do trabalho? Isso é muito atual e cada palavra vale dez vezes mais do que seus autos, com os quais você ajuda alguns pobres, mas não muda bulhufas o mundo (WERNER, 1990, p. 26).

Olga acreditava que tinha a solução para esses problemas, “[...] pelo menos a sua solução: dedicar-se mais e mais à causa comunista.” (MORAIS, 1985, p. 17).

Quanto ao leitor, este já tem a indicação do espaço onde se desenrolarão os próximos episódios: Berlim. Nas entrelinhas, pode ler que tal mudança indica uma nova fase na vida de Olga. O narrador, inclusive, dá pistas do que virá pela frente, ou seja, uma vida mais agitada, mais emocionante para Olga, o que pode ser decifrado pelas expressões “Atividade útil e revolucionária” e “agitação política”. Era tudo o que ela sonhava. E não via a hora de que isso acontecesse, mesmo sabendo que sua família jamais concordaria com essa decisão. Ao ser questionada por Kurt (Otto) sobre como conseguiria permissão dos pais para viajar, ela decididamente responde: “Simplesmente eu me mando.” (WERNER, 1990, p. 28); “Viajo na hora que o partido decidir!” (MORAIS, 1985, p. 20).

Essa vontade de estar em Berlim tinha dois motivos: para militar ao lado de Otto (Kurt), por quem estava apaixonada, mas, acima de tudo, porque queria um horizonte mais amplo e trabalhar exclusivamente para a causa deles: o Comunismo.

Quanto aos processos narrativos realistas mencionados por Cosson (2010), encontram-se alguns mais expressivos nesses trechos analisados. Um deles é o *flashback*, sobre o qual já se comentou, sendo um dos elementos que colaboram para criar o *efeito de real*, sendo que nessas duas narrativas ele aparece de duas formas: pela voz do narrador e pela recordação das personagens. Na primeira forma, suspende-se explicitamente o presente diegético através da intervenção do narrador. Na segunda, o *flashback* surge como sendo parte da recordação de alguma personagem.

Como se pôde perceber, os dois tipos ocorrem tanto na narrativa de Werner quanto na de Moraes, sendo que nas duas narrativas a trama se inicia com um *flashforward*, projetando uma cena do futuro. Em Moraes, a cena escolhida para o início da narrativa é uma cena impactante, com certo suspense, ao estilo dos

romances policiais, que começam descrevendo primeiro uma ação (que será entendida mais tarde, ao se fazer a conexão com os outros episódios) para depois contar a história no tempo cronológico. Essa estratégia provocaria o efeito de *capturar* o leitor para dentro do universo ficcional, como se ele estivesse vendo a cena na sua frente. Considerando que a narrativa de Morais se classifica como Romance-Reportagem, pode-se inferir que, ao iniciar a história com uma cena de ação, de apelo dramático, indicaria, talvez, uma forma de chamar a atenção para o fato, como se costuma fazer em uma matéria das páginas policiais de um jornal, por exemplo, e também de mostrar desde o início a personalidade forte de Olga. O recurso do *flashback*, como já havia sido mencionado – e do *flashforward* – seria um artifício utilizado para criar o *efeito de real*, como definiu Cosson (2010) ao tomar de empréstimo a expressão de Roland Barthes.

Na narrativa de Werner, a primeira cena apresentada também não corresponde ao início da trama no tempo cronológico. Os episódios iniciais mostram um cenário (calçada molhada, dia chuvoso, abril, ruas de Munique) e depois o narrador vai mostrando algumas personagens, iniciando por pessoas que estavam nas ruas, sem nomes, apenas descrevendo o modo como andavam. “[...] Caminhavam rente às fachadas das casas, ombros encolhidos e cabeças abaixadas” (WERNER, 1990, p. 15). Logo, o narrador já faz referência a uma jovem, que se destaca pela forma como anda pela rua, bem diferente das demais pessoas. Sem se preocupar com a chuva, ela levanta ainda mais a cabeça quando um pé-de-vento joga chuva em seu rosto. É Olga. Com o decorrer da narração, o leitor fica sabendo que a personagem irá encontrar o amigo Sepp (que não aparece na narrativa de Morais), o qual irá apresentá-la para Kurt/Otto Braun.

No entanto, esse episódio que se apresenta no início da trama não é o início da história pelo tempo cronológico, pois, como já foi visto anteriormente, o início se dá no momento em que Olga ingressa na JC.

Nesse trecho, que marca o primeiro contato do leitor com a história narrada, Werner, da mesma forma que Morais, apresenta Olga e Kurt (Otto) antes de todas as outras personagens. Porém, diferentemente do Romance-Reportagem, a cena não é impactante, tudo inicia de forma mais suave, o narrador também consegue envolver o leitor nesse espaço narrado e na descrição mais detalhada das personagens, porém, o vai fazendo aos poucos. O efeito, porém, é bem semelhante ao que ocorre na outra narrativa: o leitor também é envolvido pela trama, só que

desta vez, pelo detalhamento minucioso do espaço e dos acontecimentos e não por aquela curiosidade despertada na cena de ação da narrativa de Morais.

No trecho: “Ali vi de perto a miséria e a injustiça que só conhecia, superficialmente, nos livros.” (MORAIS, 1985, p. 16) está explícita a denúncia à sociedade da época, onde há desigualdades sociais, tanto no que se refere aos direitos das pessoas quanto à sua situação financeira. E quem denuncia aqui é a própria protagonista, conferindo mais peso a tal afirmação.

E em outro trecho, onde há referência aos jovens que militavam no Partido Comunista: “Quase todos estavam desempregados; só um deles tinha casaco” (WERNER, 1990, p. 22). O narrador denuncia a situação econômica precária do momento, em que muitos jovens estavam sem perspectiva de futuro. Ainda em relação à crise econômica:

A brutal espiral inflacionária chegou a tal ponto que um dólar, que em meados de 1922 valia mil marcos, passou a custar 350 milhões de marcos já no ano seguinte. O ativo operariado alemão estava à beira da miséria e a classe média se proletarizava velozmente [...] (MORAIS, 1985, p. 17).

E na parte em que Olga diz: “[...] as leis têm duas faces. Quem é rico sempre tem razão.” (WERNER, 1990, p. 24), reforça a diferença existente entre as classes sociais.

Outra expressão que exemplifica a denúncia à situação vigente está no trecho já citado em que ela discute com seu pai a respeito do Manifesto Comunista. Olga fala sobre a existência da “exploração das relações do trabalho”. Fica claro nesse trecho a denúncia social que é feita por meio de suas palavras: a difícil situação do proletariado²⁸, o qual era explorado e não via nenhuma perspectiva de mudanças. Além disso, para Olga não adiantava nada ajudar somente alguns pobres como seu pai fazia por meio da função de advogado, pois isso era apenas um paliativo. A pobreza em geral continuaria se não fosse mudado o sistema vigente, capitalista, explorador, alienante.

Há também a denúncia às diferenças entre homens e mulheres. Olga pensa: “[...] Quem mandou ser mulher? Se fosse um rapaz, já estaria incluída no passeio.” (WERNER, 1990, p. 20).

²⁸ Classe dos trabalhadores assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.

Em outro momento, quando percebe que está recebendo tarefas “menos importantes”, ela resmunga: “Quero que vocês saibam que nestes momentos ser mulher é uma chateação!” (MORAIS, 1985, p. 19)

Outro fator explorado anteriormente, que mereceu críticas por parte da personagem Olga é o casamento formal. Essa pode não ser uma denúncia, mas é uma crítica à sociedade, que impõe de certa forma essa forma de viver a um casal. Ela também não concorda com a maneira promíscua como alguns jovens levam a vida, criticando também essa atitude, que, para ela, não é nada progressista, e sim, vulgar.

Em *Olga Benario*, de Werner, há uma passagem interessante, em que é narrado um episódio ocorrido em Berlim, onde um jovem operário fora assassinado pela polícia. O narrador descreve:

Milhares de pessoas participaram do funeral do jovem operário, que fora assassinado a tiros na rua pela polícia, durante uma concentração de desempregados. Havia muitas coroas de flores. Colegas do morto levavam faixas e cartazes com os dizeres: “Você queria dizer que estava com fome, não recebeu pão, mas sim bala na barriga. Em vez de pão, a polícia deu tiro. Você morreu por nós. Você será vingado” (WERNER, 1990, p. 52).

Olga, seus companheiros e outros militantes fizeram uma manifestação depois desse episódio, onde protestaram contra esse terrível ato de violência. Era bastante comum participarem de tais movimentos, nos quais enfrentavam a polícia sem qualquer temor. Eram espancados, muitas vezes; alguns eram presos e sempre havia o risco de morte. Mas nem isso os impedia de lutarem pelo que achavam justo.

Esse sentimento de solidariedade com os demais e certo desapego com os problemas pessoais será parte fundamental da personalidade da protagonista Olga, que se manifestará em diversos momentos, principalmente naqueles mais difíceis, onde seus valores serão colocados à prova.

E o primeiro deles ocorre quando ela é presa por suspeita de ter cometido vários crimes: “[...] preparação de empreendimento altamente traiçoeiro, tentativa de alteração pela violência da Constituição vigente e participação em associação clandestina e hostil ao Estado, para tentar minar a forma republicana de governo.” (MORAIS, 1985, p. 30). Seu namorado Otto/Kurt havia sido preso na manhã do mesmo dia. Em Werner há a informação de que a prisão dos dois ocorreu em 2 de outubro e que em 2 de dezembro ela teria sido solta “sem mais nem menos”

(WERNER, 1990, p. 74). Quanto ao episódio da soltura de seu parceiro, tal fato já foi relatado no início deste capítulo.

Percebe-se que há uma evolução da personagem no que se refere a certas atitudes suas consideradas imaturas e radicais, como, por exemplo, o sectarismo. E essas pequenas mudanças estavam ligadas, em grande parte, ao convívio de Olga com Kurt (Otto). Há uma passagem na narrativa de Werner que ilustra bem essa questão: “Em Berlim, sob influência de Kurt, ela aboliu não apenas as tranças, as roupas remendadas e o sabonete sem perfume, mas também o sectarismo.” (WERNER, 1990, p. 56)

No final desta parte da história, nas duas narrativas é mencionado que Olga e Otto/Kurt estão saindo de Berlim em direção a Moscou. A polícia “fechou o cerco” após o episódio da soltura de Otto Braun da prisão de Moabit.

Ainda sobre essa fase da vida de Olga, vale frisar que há dois episódios que estão descritos apenas no texto de Werner: um deles se refere a um passeio de Olga e Sepp nas montanhas (p. 20), e o outro, ao já mencionado caso do jovem operário assassinado pela polícia, em Berlim. (p. 52).

3.1.1 Surge uma nova personagem

O período que se segue no tempo cronológico da história é a estada de Olga em Moscou junto de Otto/Kurt. No texto de Werner, isso vem logo após os episódios que ocorreram em Berlim. Já na narrativa de Moraes, há outra história que se interpõe na história de Olga. Essa outra linha diegética é denominada por Rivadeneira (2009) de *técnica do contraponto*²⁹. Todorov (1979), por sua vez, dá a esse processo o nome de *encaixe*³⁰. Em *Olga*, essa segunda história apresenta outra personagem: Luís Carlos Prestes. A aparição da nova personagem provoca a interrupção da história precedente, para que outra história seja contada.

Consiste em um capítulo inteiro sobre ele, onde são narrados fatos ocorridos em abril de 1928 (mesma data em que ocorre o episódio da prisão de Moabit). Os fatos são referentes à chegada de Prestes em Buenos Aires (Argentina) ao final da marcha que ficou conhecida no Brasil como “Coluna Prestes”.

²⁹ Segundo esse autor, tal técnica se baseia no paralelismo de acontecimentos protagonizados por diferentes personagens, na simultaneidade de cenas próximas ou distanciadas e nos saltos do passado e do presente. (RIVADENEIRA, 2009, p. 123)

³⁰ É quando uma história segunda é englobada na primeira. (TODOROV, 1979, p. 123)

Um aspecto a ser considerado é o paralelismo, quando se comparam as duas datas presentes nos títulos dos dois episódios mencionados: no primeiro, se lê: “Berlim, Alemanha, Abril de 1928”; no segundo, “Buenos Aires, Argentina, Abril de 1928.” Esse jogo de palavras e essa “coincidência” de datas não pode ser por acaso. Indicaria, em um primeiro momento, que há uma relação entre essas duas personagens. E logo esse “mistério” será desvendado, pois elas virão a se conhecer. Isso mostra que haverá um entrecruzamento da história de Olga com a de Prestes, o que as validará mutuamente.

O fato de esses dois capítulos serem os primeiros de *Olga* também demonstra a relevância das personagens apresentadas neles. No primeiro está Olga e seu namorado Otto Braun. No segundo aparece Prestes, o que indica que essa personagem também está entre as principais da narrativa. É como se o narrador estivesse apresentando-o e, desde esse momento, relacionando-o a Olga, enquanto conta suas vidas de forma paralela, criando o efeito de simultaneidade de acontecimentos. “Enquanto Olga está em Berlim soltando Otto da prisão, Prestes está chegando a Buenos Aires...”

Neste capítulo sobre Luís Carlos Prestes, o leitor acaba tendo uma ideia geral sobre essa personagem. Ela está se aproximando de Buenos Aires, é um homem de 30 anos, de estatura baixa (menos de 1,60m), e havia passado 12 meses em La Gaiba, oeste boliviano. Sua aparência não é muito boa, está com a barba crescida, com o rosto magro, debilitado por causa do impaludismo. É o final da que ficou conhecida como a “invicta Coluna Prestes”, uma campanha de dois anos e seis meses de duração, em que foram percorridos a pé ou em lombo de burro 25 mil quilômetros por doze estados brasileiros. O narrador explica logo depois o que foi a Coluna:

[...] o contingente rebelde que afrontara as tropas bem armadas e os generais do presidente Arthur Bernardes sem sofrer uma única derrota. Para as centenas de milhares de brasileiros que com ela travaram contato direto ou que dela tiveram notícia, seu chefe, o general Luís Carlos Prestes, era o “Cavaleiro da Esperança”³¹ (MORAIS, 1985, p. 8).

Após, descreve sinteticamente o governo do presidente Arthur Bernardes, mencionando que havia sido um governo extremamente autoritário, no qual foi

³¹ Denominação criada pelo escritor-romancista Jorge Amado, que publicou obra de mesmo nome.

criada a chamada “Lei infame”, uma lei de imprensa assinada em novembro de 1923, a qual atingia como um todo as liberdades democráticas.

A Coluna surgiu com a iniciativa do general Isidoro Dias Lopes e do major Miguel Costa, os quais levantaram suas tropas em São Paulo, no dia 5 de julho de 1924. Prestes, no momento, se encontrava em Santo Ângelo – RS, cidade próxima à fronteira com o Uruguai.

Como os dois militares foram acudados por tropas federais, seguiram para o Sul, em direção a Foz do Iguaçu (Paraná). Prestes, por sua vez, em apoio aos revoltosos paulistas, comanda a insurreição do Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, “articulando rebelião simultânea no 3º Regimento de Cavalaria da cidade de São Luís, a 80 Km de distância.” (MORAIS, 1985, p. 9)

Seguindo a narrativa, o narrador informa que o plano de Prestes de tomar todo o Rio Grande do Sul falhou. Mas ele não desiste: Em São Luís, instala seu quartel-general e ocupa as cidades de Santo Ângelo, Santiago do Boqueirão e São Borja.

Com desigualdade de forças – já que as tropas do governo são bem maiores que seu exército e possuem muito mais armas – Prestes articula um plano, mostrando com isso sua genialidade como militar: Faz chegar aos ouvidos do inimigo a notícia de que concentraria suas forças na cidade de São Luís. Ao mesmo tempo, porém, começa a despachar sua tropa em direção ao Norte. Quando os oficiais chegam, eles já estão longe, há 200 quilômetros de distância, nas matas do Rio Uruguai. Ele pretende se juntar aos revoltosos de São Paulo e, para isso, se vale novamente da astúcia: com armadilhas e emboscadas, consegue dar diversas “baixas” às forças governamentais, sem perder um único homem de sua tropa.

Ele consegue chegar a Foz do Iguaçu no dia 1º de abril de 1925 e junta suas forças com Miguel Costa e os paulistas que estão sob seu comando. Juntos, percorrem a pé o sertão brasileiro, com o objetivo de acabar com o “despotismo dos bernardescos” (seguidores do Presidente da República).

O narrador segue contando diversas peripécias vividas por Prestes na Coluna, as andanças a cavalo e a pé, a falta de comida e água, a ajuda que prestavam pelo caminho aos necessitados que encontravam, utilizando o estoque de remédios da tropa para atender a população.

Nessa parte da narrativa, o leitor fica conhecendo o espírito humanitário, de solidariedade de Prestes com os demais. A expressão “Ao ver criancinhas

arrancando raízes do chão para fazerem a única refeição do dia, Prestes se convencia ainda mais da necessidade de mudar a face daquele país” indica essa preocupação dele com a situação de miséria e pobreza de muitas pessoas de seu país. E tal fato, para ele, não podia ser ignorado. Algo deveria ser feito para mudar esse quadro social.

A Coluna, apesar de invencível militarmente, não tinha um programa político claro, que propusesse algo mais que a derrubada de Arthur Bernardes. E, mesmo que conseguisse derrubá-lo, não seria capaz de mudar as estruturas sociais do país. Do Nordeste para Mato Grosso, e, enfim, na Bolívia, as tropas da Coluna depuseram as armas (MORAIS, 1985, p. 11).

Depois de deixar o leitor a par de todos esses acontecimentos, o narrador informa que Prestes, ao chegar em território boliviano, repatriou os soldados que quiseram voltar ao Brasil e conseguiu trabalho para os que não queriam ou não podiam voltar.

No exílio, Prestes recebe a visita de Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista em 1922 – “Seção Brasileira da Internacional Comunista³².” E é só a partir daí que Prestes passa a ler obras de Marx e de Lênin, trazidas por Astrogildo.

Ele ainda não adere ao Partido Comunista, pois deseja primeiro conhecer melhor a teoria marxista.

Neste capítulo sobre Prestes também há referência a sua mãe e às suas quatro irmãs, as quais estão vivendo com ele em Buenos Aires. O narrador menciona também outra personagem relevante: Rodolfo Guioldi, jornalista e dirigente do Partido Comunista argentino e do *Comintern*³³.

O trabalho político de Prestes começa a interessar tanto ao PC brasileiro quanto aos dirigentes soviéticos. Inclusive um enviado especial da III Internacional é incumbido de entrar em contato com Prestes na Argentina.

No Brasil, ele é convidado pelo Partido para disputar as próximas eleições à Presidência da República. Mas isso não ocorre, já que não há um consenso entre os tenentes da Coluna.

³² Esse foi o primeiro nome oficial da organização. (MORAIS, 1985, p. 11)

³³ Segundo o Dicionário Político MIA (Marxists Internet Archive), *Comintern* – ou *Komintern* – é um termo abreviado do russo que significa Internacional Comunista ou III Internacional, reunião internacional dos Partidos Comunistas de diversos países, que funcionou de 1919 até 1943. (<http://marxists.architexturez.net/portugues/dicionario/verbetes/c/comintern.htm>).

Depois de Júlio Prestes ser eleito à presidência do Brasil, em uma eleição de muitas fraudes, há uma insurreição no País, a qual se inicia na Paraíba e é conduzida nacionalmente pela Aliança Liberal, levando Getúlio Vargas à presidência da República.

Vargas oferece então a Prestes a patente de Capitão do Exército (que lhe fora cassada), mas este a rejeita. Então, recebe de seus tenentes a patente honorária de general.

Logo depois de todas essas informações a respeito da situação política do Brasil, o narrador (onisciente) registra o seguinte: “Cada dia mais ele [Prestes] se convence de que só uma revolução popular poderá mudar os destinos do Brasil.” (MORAIS, 1985, p. 13)

E, em seguida, informa que é com esse projeto na cabeça que Prestes aceita um convite da III Internacional Comunista para se mudar, junto com a família, para a URSS. Prestes, que agora está em Montevidéu, parte para Moscou no dia 1º de outubro de 1931. (MORAIS, 1985, p. 13).

E será a partir desse momento que os caminhos de Olga e Prestes irão se cruzar, já que ela também foi para Moscou.

3.2 Olga em Moscou no período stalinista

Nessa parte da história são narrados os momentos vividos por Olga em Moscou de 1928 a 1934, que corresponde à era de Stalin no poder soviético. Como já foi mencionado no início do presente capítulo, o título *Na fortaleza Vermelha* é o primeiro que aparece numerado (nº 1) no texto de Moraes. E, a partir daqui, todos os outros capítulos seguem a ordem numérica. Uma hipótese para tal estruturação do romance é a de que o narrador talvez quisesse direcionar o leitor para ler em primeiro lugar esse capítulo, visando facilitar o entendimento da trama. Inclusive porque é nesse capítulo que o narrador, por meio de um *flashback*, conta sobre a entrada de Olga na Juventude Comunista, fato que assinala o início da história narrada levando-se em conta tempo cronológico.

No capítulo 3 de *Olga*, o título *À sua frente, o Cavaleiro da Esperança* já indica que Prestes e Olga irão se encontrar finalmente. O leitor toma conhecimento dos fatos que se sucederão antes mesmo de lê-los. Essa estratégia narrativa cria

certa expectativa no leitor, desperta sua curiosidade a respeito de como esse encontro irá se dar.

Um episódio comum às duas narrativas a partir do momento em que as personagens Olga e Otto/Kurt chegam a Moscou é o que menciona que logo após os dois chegarem à Juventude Comunista Internacional, são informados de que terão alguns dias de descanso para compensar a forte tensão que passaram nos últimos dias. Em Werner, é através de um diálogo entre Olga e Kurt que ela fica sabendo da notícia. Kurt, ao dizer que tem uma surpresa para ela e ser atormentado com perguntas, revela: “Devo passar algumas semanas descansando no Mar Negro, e você pode vir comigo” (WERNER, 1990, p. 90).

Em Moraes, é o narrador que informa: “[...] devido à forte tensão que passaram na clandestinidade de Berlim e na viagem até Moscou, teriam direito a três semanas de férias no Mar Negro, aproveitando o verão.” (MORAIS, 1985, p. 39).

Nas duas narrativas também é mencionado um dos cursos políticos dados pelo KIM, em que, no encerramento, Olga é chamada a falar na tribuna. Em Werner, Olga aparece acompanhada de uma amiga de nome Mali, a qual traduzia tudo o que estava sendo dito em russo para Olga. De repente, quando menos esperava, ela é convidada a se manifestar perante todos. Uma voz ao seu lado anunciava: “tenho uma surpresa especial para vocês: a militante do Konsomol alemão, Olga Benario, cuja ousada ação de libertação...” (WERNER, 1990 p. 92). A pessoa que a apresentou nem terminou de falar e a plateia já aplaudia emocionada.

Em Moraes, o mesmo fato é narrado de forma bastante semelhante, porém, sem a menção à amiga de Olga. O narrador assim expressa:

Quando a cerimônia aproximava-se do final, a moça que presidia os trabalhos pediu silêncio para fazer uma comunicação importante. A seguir, chamou ao palco “a camarada Olga Sinek” – codinome que usaria durante toda sua estada na URSS – recém chegada de Berlim, onde comandara a libertação do professor Otto Braun (MORAIS, 1985, p. 40).

Logo, o narrador menciona que o salão veio abaixo com as palmas dos presentes.

Como se pode perceber, nesse trecho há a referência ao nome que Olga usaria no período em que se encontrasse na URSS. Era bastante comum o uso de identidades falsas pelos militantes comunistas que estavam sendo perseguidos pela

polícia ou que desempenhavam missões políticas e precisavam ter sua identidade verdadeira preservada, tendo em vista sua segurança pessoal.

A protagonista, a partir daí, é tida como um exemplo de jovem comunista ideal. Todos que a encontravam queriam saber mais sobre a ação de Moabit. Dois meses após ela ter chegado à URSS, foi eleita para o Comitê Central da juventude Comunista Internacional. Assim, a viagem com Otto acabava sendo sempre adiada. Até que chega um dia em que ela o comunica que não irá mais sair de férias. Ele terá de ir sozinho. Tal fato é narrado nos dois textos analisados.

Olga mostra com essa atitude uma dedicação exemplar ao Partido; ela se envolve tanto e se sente tão comprometida com seu trabalho que prefere até mesmo abrir mão de momentos de lazer com seu companheiro.

Nas duas narrativas pode-se perceber um movimento progressivo em relação ao envolvimento de Olga com os assuntos do PC. Ela, cada vez mais quer “evoluir” como militante comunista. Em Moraes, o narrador informa que ela foi convocada para uma temporada fora da capital (por insistência sua com seus superiores), em Borisoglebsk, a 500 Km ao sul de Moscou, onde aprendeu a atirar com armas pesadas e a cavalgar, estando incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho. (MORAIS, 1985, p. 42)

Em Werner, não há menção a esse fato, porém, é mencionado outro em que Olga viaja para Tambov, na Ucrânia. Todo o tempo em que passou nesse local, viveu como os soldados, e nesse mesmo episódio são mencionados outros lugares que ela conheceu, como a organização técnica-desportiva da União Soviética, onde havia aprendido a cavalgar, atirar e saltar de paraquedas da torre. (WERNER, 1990, p. 113).

Há também um fato presente nas duas narrativas que é narrado de forma diferente, mas que provavelmente está se referindo à mesma personagem. Trata-se do encontro de Olga com seu antigo amigo da JC de Neuköln, que em Moraes se chama Gabor Lewin e em Werner é chamado pelo seu apelido, Bucrit.

No texto de Werner, Olga o encontra “inesperadamente” nas cercanias de Moscou e à noite ele vai até seu alojamento. Já em Moraes, o amigo de Olga vai a seu encontro (depois de muitas dificuldades por causa do idioma e das informações vagas que tinha sobre o endereço dela) diretamente no alojamento do KIM.

Essa visita é decorrente da saudade que Gabor/Bucrit sentia da amiga (por quem nutria uma paixão platônica, segundo o que está exposto na narrativa de Morais).

Percebe-se que essa personagem exerce o papel de informante a respeito da situação judicial de Olga em Berlim, estabelecendo uma coesão entre os acontecimentos do passado e o presente diegético. Por meio dela, Olga se interessa em saber como está seu processo na justiça berlinense. Em Werner, está subentendido que foi através desse amigo que Olga tomou conhecimento dessas notícias, já que o narrador informa sobre o caso um capítulo após a menção à visita de Bucrit, na qual ele a deixa a par de vários fatos ocorridos depois que ela saiu de Berlim. O narrador descreve que Olga não fora esquecida na Alemanha, que seu dossiê havia crescido bastante. Ele informa:

[...] o dossiê cresceu bastante, embora ela nada houvesse revelado à polícia. Em abril de 1928, foi feito o relatório sobre o sequestro do preso e, em maio, teve lugar o processo contra Kurt, à revelia do acusado. O tribunal também condenou Olga como “coautora de alta traição” porque seu bloco de taquigrafia continha artigos de Kurt (WERNER, 1990, p. 109, grifo nosso).

O narrador também informa que parte da pena de Olga Benario havia começado antes que ela completasse 18 anos, no entanto, o tribunal comprovara que “a acusada tinha plena responsabilidade criminal, já que, sob vários aspectos, foi salientado seu elevado grau de maturidade e inteligência.” (WERNER, 1990, p. 109)

No texto de Morais, de forma semelhante é contado esse mesmo fato. O narrador conclui que foi a visita de Gabor e das notícias que ele trouxe de Berlim que despertaram a curiosidade de Olga a respeito de sua situação atual na justiça alemã. E, em relação à resposta que ela teve de seu caso, corresponde ao que está descrito na narrativa de Werner. De forma mais sucinta, porém, mais opinativa, o narrador expressa:

A resposta de Berlim informava que sua ficha policial engordara muito desde 1928. A Justiça alemã havia transferido para ela, *de modo arbitrário*, todas as acusações que levaram Braun à prisão – inclusive a de “alta traição à pátria” (MORAIS, 1985, p. 44).

E continua, informando que Olga havia ficado sabendo também que a anistia de 1928 não beneficiava a ela e nem a Otto Braun. “Contudo, dizia a papelada

enviada ao consulado, mesmo se tratando de ‘comunista procurada’ e de pessoa de ‘alta periculosidade’, ela não havia renunciado ou sido despojada da cidadania alemã.” (MORAIS, 1985, p. 44)

Em relação ao primeiro trecho do texto de Moraes sobre o processo de Olga em Berlim, já se pode perceber a denúncia que está sendo feita através da expressão *de modo arbitrário*. Essa expressão parte da subjetividade do autor, que mostra que a Justiça alemã não agia com honestidade.

No que diz respeito ao seu relacionamento com Kurt/Otto, eles acabam se separando. O trabalho de Olga em Moscou é um dos fatores do distanciamento que se dá entre o casal. Kurt se ressentido com o novo comportamento de Olga. Em Werner, há um diálogo entre os dois que já é o indício de que eles irão se separar. No final das férias que os dois finalmente passam juntos, no litoral do Mar Negro, eles começam a se desentender. Para Olga, seu companheiro mudou, ela sente isso de alguma forma. Ao dizer isso a ele, o mesmo responde que ela também mudara, que ficara mais autoritária e que já não quer mais seus conselhos, comportando-se às vezes como se preferisse estar sozinha (WERNER, 1990, p. 119). Em diferente momento da narrativa, ela fica sabendo por uma amiga que ele tem outra. (WERNER, 1990, p. 120)

De acordo com o relatado no texto de Moraes, a separação entre os dois ocorre antes de ela viajar para a missão na França (que será relatada em seguida). Tal notícia teria sido a gota d’água para Otto. Quando Olga propõe que se separem, ele então concorda e lhe conta que vem se envolvendo com outra mulher em Moscou (MORAIS, 1985, p. 44).

Percebe-se que o mesmo fato é contado de forma semelhante no que se refere ao motivo da separação. Porém, quem o comunica não é a mesma personagem.

A viagem de Olga para a França, em 1931, para sua primeira missão internacional, é narrada de forma mais detalhada no texto de Werner, sendo mencionados, inclusive, momentos anteriores a sua partida. O narrador relata que ao chegar a primavera de 1930, ela fora despedir-se da família de Mali e que estava muito satisfeita por ter sido escolhida para tal missão. Iria, finalmente, lutar onde era mais difícil: nos países capitalistas. Logo, no próximo capítulo da obra, há um “salto” na narrativa, pois o narrador já está narrando a volta de Olga à Moscou, dois anos depois. Sua estratégia para comunicar o tempo é a referência ao relógio que Olga

dera de presente à mãe de Mali, dois anos antes de partir: “O pequeno despertador que Olga dera de presente à mãe de Mali na despedida não atrasava. Há dois anos funcionava pontualmente” (WERNER, 1990, p. 122).

Em seguida, para mostrar que no decorrer desses dois anos muita coisa aconteceu, ele relata que Mali e Micha haviam se casado. Só depois, então, é que o leitor fica sabendo o que ocorreu com Olga em sua estada na França. É através da personagem Mali que é contado tal fato. Ao chegar do trabalho, ela fala serenamente para sua mãe que havia acontecido algo com Olga. Aflita, sua mãe leva as mãos à cabeça, e ela prossegue: “Foi presa na França e naturalmente não disse nada. Não sabem nem seu nome. Sua foto apareceu nos jornais ‘para ser identificada’. Por sorte era uma foto tão ruim que mal se podia reconhecê-la.” (Ibidem). Após essa informação, o narrador continua seu relato, comentando que por várias semanas a família de Mali se preocupou com ela, até que, certa noite, alguém bate à porta. É Olga, que está de volta.

Depois de muita conversa, Olga conta a Mali as peripécias vividas nesses dois anos, e se refere às prisões. Ela resume, dizendo: “Ah, foi só isso, mas aconteceu três vezes e por isso quiseram deportar-me para a Alemanha. Isso me pareceu um pouco perigoso demais. Aí eu voltei... para a pátria.” (WERNER, 1990, p. 123).

Nota-se aqui que ela já considera a URSS sua pátria, apesar de que mais adiante há uma explicação para ela ter usado essa expressão, a qual é dada por Mali. Em tal trecho, Mali diz à mãe que esta não faz ideia do quanto Olga ama sua pátria [A Alemanha]. E que elas não sentem tanto isso porque Olga gosta de Moscou.

Na narrativa há ainda mais detalhes sobre o tempo em que Olga permaneceu fora da URSS, as quais são relatadas por ela mesma. São muitas aventuras vividas pela protagonista: Primeiro, ela esteve na Inglaterra, depois, foi expulsa como estrangeira indesejável. Só então vai para a França. Em outro momento, o narrador menciona sua fuga da França para a Bélgica, a ajuda que teve de operários belgas, e, depois disso, o leitor já sabe que ela resolvera voltar para Moscou, devido ao perigo de ser deportada para a Alemanha.

No texto de Moraes, essa passagem é narrada de forma mais direta e objetiva, e como se pôde perceber anteriormente no trecho que se refere à separação de Olga e Otto, esses dois fatos são contados ao mesmo tempo. Na narrativa do

Romance-Reportagem, resumem-se os fatos, porém, sem deixar de informar os principais acontecimentos. Um dos trechos assim expressa:

No final de 1931, Olga seria escalada para sua primeira missão internacional: intervir, em nome do KIM, na JC francesa, e ajudar a escolher novos dirigentes para a Comissão Executiva da Juventude, em Paris, de modo que a organização tivesse orientação menos sectária que a de então (MORAIS, 1985, p. 44).

Mais adiante, o narrador informa, também de forma mais sucinta que no texto de Werner:

Na França ela não se limita a transmitir a orientação do KIM aos jovens comunistas, mas participa de manifestações de rua até ser detida. Colocada em liberdade, semanas depois é presa novamente e deixada pela polícia na fronteira com a Bélgica. Ajudada por comunistas belgas, ela chega a Londres – e acaba sendo presa outra vez durante uma manifestação no centro da capital britânica. (MORAIS, 1985, p. 45).

Nota-se apenas uma contradição quanto à ordem de sua estada nesses lugares. Em Werner, ela chega primeiro à Inglaterra, para só depois se dirigir aos outros países mencionados. Em Moraes, a Inglaterra é o último país que ela chega, antes de retornar à URSS.

Logo depois de sua chegada a Moscou, Olga Benario é eleita para a direção da Juventude Comunista Internacional. Esse fato está narrado nos dois textos biográficos. No de Werner, o narrador relata esse momento por meio do discurso direto e indireto, além de mencionar o estado psicológico da protagonista ao falar na tribuna para os milhares de jovens comunistas. Em um dos trechos, assim está descrito: “Olga Benario, delegada convidada ao 5º Congresso da Juventude Comunista Internacional, fora eleita para a direção” (WERNER, 1990, p. 110). Em outro, mostrando seu estado interior: [...] Olga sentia palpitar o coração. “Meu dia mais feliz’, pensara.” (WERNER, 1990, p. 110). Mais adiante, enquanto a plateia inteira cantava *A Internacional*, ela, de tão emocionada, não conseguiu cantar junto. O narrador relata:

Naquele momento não podia cantar junto – a excitação era grande demais. Os companheiros estavam sentados diante dela em longas filas. Rostos morenos, negros, brancos, amarelos. Quanto sentimento cabe num coração! Amava cada companheiro com quem pudesse compartilhar a luta por um mundo melhor, feliz (WERNER, 1990, p. 111).

Nesse trecho, o narrador onisciente, em 3ª pessoa, parece penetrar na mente da personagem, ao expressar: “Quanto sentimento cabe num coração! Amava cada companheiro [...]”. Ao narrar o estado psicológico da personagem, mostra o quanto conhece seu interior. Expressa um sentimento de amor universal de Olga por todos os que lutavam pelos mesmos ideais que ela acreditava.

Na narrativa de Moraes, o mesmo episódio é relatado de forma descritiva: “De volta a Moscou é recebida com a notícia de que o V Congresso da Juventude Comunista Internacional acabara de aclamá-la como membro do seu Presidium, o mais alto degrau da hierarquia de uma organização comunista.” Logo, ele informa como foi escolhido seu nome: “A escolha unânime de seu nome se dera na assembleia final do congresso, composta por jovens comunistas de mais de cinquenta países” (MORAIS, 1985, p. 45).

Por meio dessas duas formas de narrar tal episódio, percebe-se, como em outras passagens, que o narrador do romance de Moraes descreve mais os fatos do que o espaço onde estes ocorreram e não se detém no estado interior das personagens. Aqui, informar é mais importante do que revelar pensamentos e sentimentos. Percebe-se que o narrador expressa os acontecimentos de forma mais impessoal no Romance-Reportagem.

Seguindo o tempo cronológico, nas duas narrativas é mencionado que logo depois da volta de Olga de sua viagem à França (e a outros países capitalistas), ela decide que quer se tornar soldado. Ela diz a Mali e Micha, depois de refletir sobre o perigo que ameaçava a URSS (o Fascismo): “– Preciso aprender a voar, a saltar de paraquedas, a manejar todo tipo de arma e ter formação em estratégia.” (WERNER, 1990, p. 126).

Em Moraes, o narrador comenta:

O prêmio pela promoção [membro do Presidium da JCI] viria em seguida: Olga fora escolhida pelo Comintern, entre centenas de candidatas, para fazer o curso de paraquedismo e pilotagem de aviões na Academia Zhukovski da Força Aérea, sediada em Moscou (MORAIS, 1985, p. 45).

No texto de Werner, o narrador informa que Olga vivia para sua nova profissão. Tinha força de vontade para aprender e a ambição de fazer “tanto quanto os homens.” (WERNER, p. 127). Continuando a expor o pensamento da protagonista, o narrador menciona o fato de ela odiar a guerra. Considerava-a “a mais terrível doença de uma ordem social moribunda”. Além disso, ela achava

inconcebível a ideia de um ataque à URSS, “onde a construção do socialismo avançava enormemente.” (WERNER, p. 127). No entanto, se ela fosse desencadeada pela Alemanha de Hitler ou por qualquer outro país capitalista, Olga lutaria com toda a certeza (WERNER, p. 127).

Essa menção ao início de uma guerra, a qual seria provocada pelos países capitalistas, indica a previsão desse acontecimento futuro, e o narrador deixa implícito que tal fato irá realmente ocorrer.

O próximo episódio relevante para esta análise é relacionado a uma personagem que já foi apresentada anteriormente. Trata-se de Luís Carlos Prestes, que a partir desse momento começará a fazer parte da vida da protagonista.

No texto de Werner, o narrador inicia o relato informando a estação do ano em que tal fato ocorreu. “No inverno, quando os pinheiros cobriram-se de neve e o solo do bosque congelou bem fundo, Olga foi chamada para uma reunião.” (WERNER, 1990, p. 128). Logo, ele narra de forma a provocar a expectativa do leitor: “Foi conduzida até três companheiros que estavam sentados atrás de uma mesa surrada.” (WERNER, 1990, p. 128). Em seguida, indica a postura que ela assumiu diante de tal acontecimento: “Estava de uniforme e ficou de pé diante dos companheiros. Sentiu que se tratava de coisa muito importante e assumiu postura de firmeza” (WERNER, 1990, p. 128).

O narrador ainda descreve os três para só depois entrar no assunto referente a Prestes. “O mais velho dos três era muito alto, tinha cabelos brancos como a neve [...]”

Então, este lhe diz em voz grave:

- Você queria regressar à Alemanha. Entende, portanto, o impulso de um companheiro que quer voltar a seu país, embora com isso se exponha a grande perigo. Ele quer voltar porque seu país está em mãos de um regime fascista (WERNER, 1990, p. 128).

Olga responde que compreende, e o homem alto diz: “É dos mais idôneos e capacitados.” E lhe pergunta, em seguida: “Você entende igualmente que nós não queríamos deixá-lo partir?” Ao que ela responde: – “Eu compreendo.” (WERNER, 1990, p. 128).

O narrador informa, então, que tal companheiro está insistindo novamente que em seu país amadureceu uma situação revolucionária, e que por isso ele se

torna nesse momento insubstituível para o Partido. Porém, só podem atender a seu pedido se alguém acompanhá-lo.

O leitor, a partir de agora, já sabe quem será a acompanhante dessa personagem em sua viagem. Então, a narração continua:

Alguém que o livre de possíveis perigos e que assuma os riscos. Alguém que esteja sempre a seu redor para garantir sua segurança com a própria vida. [...] Pensamos em você como acompanhante (WERNER, 1990, p. 129).

Até o momento, Olga ainda não sabe quem é o misterioso homem que precisa de seu auxílio. Sua curiosidade é em relação ao país de origem dele. Ao que ela pergunta: – “Trata-se da Alemanha?” Ao ouvir a resposta negativa, aparentemente fica frustrada, mas, logo, ao ser questionada se gostaria de lutar em outro país, ela ergue a cabeça e responde orgulhosamente: “A Internacional luta pelos direitos humanos!” (WERNER, 1990, p. 129). Os homens sorriem e perguntam quando receberão a resposta, se pode ser no outro dia. Ela, no entanto, responde no ato: “Minha resposta? Vou com o companheiro” (WERNER, 1990, p. 129).

Mais adiante, quando o narrador conta o que se sucedeu após essa reunião, mostra uma Olga sentimental, que, ao refletir sobre seus planos de ficar na URSS por muitos anos completando sua formação, terá de deixar tudo isso para proteger alguém em um país que ela nem mesmo conhece. Justamente ela, que imaginara que só deixaria Moscou pelo seu próprio país. Ao pensar em tudo isso, Olga acaba chorando. Mas, logo, quando pensa na frase “dos mais idôneos e mais capacitados”, as lágrimas secam automaticamente (WERNER, 1990, p. 130).

Essa cena, na qual Olga se mostra extremamente sensível, cria aquele efeito de *pressentimento* de que algo muito importante irá acontecer. Pela narrativa, parece que ela chora por não poder seguir sua vida como havia planejado e por achar que não poderá proteger esse companheiro. Mas, nas entrelinhas, pode-se ler que há algo mais profundo, um medo que ela não sabe explicar, apenas sente.

Jorge Amado, em *O Cavaleiro da Esperança*, define bem esse momento em um trecho, no qual comenta sobre o futuro de Olga junto de Prestes:

Essa moça alemã que deu seu coração ao general brasileiro, não terá mais um dia de tranquila paz. Seu coração viverá sempre estremeando pelo seu marido. Nas noites de conspiração seu sono será leve na espera que ele chegue. Depois não suportará mais e o acompanhará para protegê-lo, ela é como um guarda-costas, bem sabe que, se ele é amado como ninguém

ainda o fora por esse povo brasileiro, em troca é odiado e temido como ninguém pelos inimigos do povo (AMADO, 2011, p. 227).

Olga, uma mulher que até então se mostrou uma personagem ousada e corajosa, que aceitaria qualquer desafio, chega às lágrimas. Ela pressente um futuro do qual não pode fugir.

O narrador relata em seguida o dia do tão esperado encontro entre Olga e o companheiro desconhecido. Antes de entrarem no quarto onde ela está, a personagem descrita como “companheiro de ombros largos” informa o desconhecido sobre sua acompanhante, com a intenção de acalmá-lo. Ele diz: – “Ela é inteligente, corajosa e experiente no trabalho clandestino. Além disso, é bom que uma mulher o acompanhe. Um casal é menos suspeito” (WERNER, 1990, p. 130).

Ao entrarem no quarto, o companheiro desconhecido vê Olga pela primeira vez, e, como se respondesse seus pensamentos do dia anterior, pensa sobre sua responsabilidade de tirá-la da vida que tinha planejado (WERNER, 1990, p. 130).

Outro trecho interessante para esta análise vem logo após a descrição da forma como Olga retribuiu o olhar do companheiro. Ao descrever que Olga havia retribuído o olhar do desconhecido “sem o menor embaraço”, o narrador relata que o companheiro de cabelos brancos como a neve olha, então, para um e para o outro e os compara, pensando no quanto é “curioso” ela ter olhos azuis claros e os dele serem bem negros, porém, percebe que “há algo comum no olhar de ambos. Talvez porque os dois sejam pessoas ousadas, claras e limpas” (WERNER, 1990, p. 130).

Essa cena, em que outra personagem observa Olga e o outro companheiro, vendo nos dois qualidades afins, é uma forma de mostrar o quanto a vida é surpreendente, ao unir uma alemã e um brasileiro, pessoas de países tão distantes, de culturas diferentes, mas tão semelhantes na essência.

Então, finalmente eles são apresentados:

“Este é o camarada Luís Carlos Prestes. Você deve acompanhá-lo ao Brasil.” (WERNER, 1990, p. 130)

A próxima frase parece indicar o pensamento de Olga após ter sido revelado o misterioso companheiro, ao lembrar-se do que já havia ouvido falar um dia sobre ele. “Coluna Prestes. ‘Cavaleiro da Esperança’. Herói e tribuno popular, amado e respeitado, difamado e perseguido” (WERNER, 1990, p. 130).

No texto de Morais, o homem de cabelos brancos como a neve tem um nome: Dmitri Manuilski³⁴. A mesma cena é descrita de forma diferente. O narrador assim relata: “ao chegar ao importante prédio do Comintern, no número 36 da rua Mokovaia, Olga foi levada imediatamente à presença do secretário.” E continua:

Caminhando de um lado para o outro e olhando longe, como se se concentrasse mais na neve que caía nas vidraças do que no assunto que abordava, Dmitri Manuilski desfez, de pronto, sua fantasia [de Olga] de regressar à Alemanha. Ele falava da perspectiva de uma revolução popular, mas na América Latina: – Um dos mais corajosos comunistas que conhecemos insiste em retornar a seu país. Ele e seus companheiros de Partido nos convenceram de que este é o momento de levar a revolução ao sopé do mundo. A direção da Internacional Comunista esteve todo esse tempo reticente, mas finalmente decidimos autorizar a sua volta (MORAIS, 1985, p. 50).

Depois, o narrador descreve o comportamento de Manuilski, o qual andava vagarosamente pelo salão, e o compara com um professor ao dar uma aula minuciosa quando diz: “Aceitamos, mas impusemos uma condição: O Comintern cuidaria de sua segurança pessoal.” (MORAIS, 1985, p. 50). Em seguida, completa a frase:

Depois de analisarmos dezenas de nomes, concluímos que só uma pessoa tem condições de fazê-lo chegar a seu país em absoluta segurança: você. Não quero que responda neste momento. Pense bem e volte amanhã, à mesma hora. Por razões de segurança, a única informação adicional que podemos lhe transmitir neste momento é esta: se aceitar, vocês partem dentro de poucos dias para a América Latina (MORAIS, 1985, p. 50).

Diferentemente do relatado na narrativa de Werner, aqui a personagem Olga não dá a resposta no mesmo instante, apesar de o narrador informar que ela “teve ímpetos de dizer ali, na hora, que estava pronta para partir.”

Com isso, o narrador pôde mostrar uma importante característica de Olga: a disciplina. “Se Manuilski lhe dava um dia, ela adiaria o sim por um dia.” (MORAIS, 1985, p. 50)

O relato sobre o tão esperado encontro com o companheiro comunista vem logo em seguida, quando o narrador informa que, na tarde seguinte, Olga volta ao mesmo local (gabinete de Manuilski), uma hora antes do combinado. Já no gabinete, ele lhe pergunta sem rodeios: “– Como é? A camarada Olga Sinek já decidiu?” Ela,

³⁴ Chefe da Internacional Comunista.

então, responde-lhe: “Sabia desde ontem, camarada: estou pronta para partir.” (MORAIS, 1985, p. 50)

Só a partir daí é que Olga fica sabendo de sua missão. O secretário do Comintern informa-lhe que antes do final do mês ela terá de partir para o Brasil, para cuidar da segurança do capitão Luís Carlos Prestes, “que tentaria liderar em seu país uma insurreição popular.” (MORAIS, 1985, p. 50)

O pensamento de Olga é descrito em seguida: “A história que ouvira sobre a coluna invencível voltou à sua memória.” Logo, o narrador, de modo sarcástico, relata:

Quando Dmitri Manuilski mandou que trouxessem até eles o “Cavaleiro da Esperança”, Olga, embora impassível, decepcionou-se um pouco. Pelo que ouvira, esperava ver um gigante latino. Ela emocionou-se ao cumprimentar, em francês, o revolucionário brasileiro, mas achou-o um pouco franzino para alguém que comandara um exército por 25 mil quilômetros (MORAIS, 1985, p. 51).

No Romance-Reportagem de Morais, os fatos desse episódio são praticamente os mesmos dos narrados no texto de Werner. Porém, há informações adicionais, que dão maior precisão ao que está sendo relatado. Em Werner, só se sabe que a pessoa que vem falar com Olga sobre sua missão é um “homem alto, de cabelos brancos”. Em Morais, ele se chama Dmitri Manuilski, secretário do Comintern. O local onde se encontram tem nome e endereço: “prédio do Comintern, número 36, rua Mokovaia.” Ao voltar para dar a resposta ao secretário, Olga vai até seu gabinete, diferente do que foi narrado no romance biográfico de Werner. Neste, o narrador relata que os dois homens (Prestes e Manuilski) vão até o quarto onde Olga reside para saber sua resposta.

A estação é descrita de forma bem semelhante. “No inverno, quando os pinheiros cobriram-se de *neve* [...]” (WERNER, 1990, p. 128, grifo nosso) e “Caminhando de um lado para o outro e olhando longe, como se se concentrasse mais na *neve* que caía nas vidraças do que no assunto que abordava [...]” (MORAIS, 1985, grifo nosso).

Em meio a esse clima, Olga é abordada por Manuilski, que lhe faz uma proposta. Nota-se mais uma semelhança entre as duas biografias, em relação ao conteúdo, no trecho a seguir, quando Olga é informada de sua nova missão. Em Werner, o narrador informa que ela fora chamada para uma reunião, sendo, em

seguida, conduzida até três companheiros, em que o mais velho, descrito como muito alto e de cabelos brancos como a neve, falou-lhe:

– Você queria regressar À Alemanha. Entende, portanto, o impulso de um companheiro que quer voltar a seu país, embora com isso se exponha a grande perigo. Ele quer voltar porque seu país está em mãos de um regime fascista (WERNER, 1990, p. 128).

Em Moraes, o narrador relata:

Dmitri Manuilski desfez, de pronto, sua fantasia de regressar à Alemanha. Ele falava da perspectiva de uma revolução popular, mas na América Latina: – Um dos mais corajosos comunistas que conhecemos insiste em retornar a seu país. Ele e seus companheiros de Partido nos convenceram de que este é o momento de levar a revolução ao sopé do mundo. A direção da Internacional Comunista esteve todo esse tempo reticente, mas finalmente decidimos autorizar a sua volta (MORAIS, 1985, p. 50).

Então, vem o pedido a Olga: que ela acompanhe essa pessoa (até esse momento não foi revelado seu nome) até seu país, assumindo a função de cuidar da sua segurança. Nessa passagem, os dois textos enfatizam o quanto Olga é imprescindível nessa missão, sendo, segundo a direção do Partido, a única pessoa capaz de desempenhá-la com sucesso.

Em Werner, logo após a referência à solicitação feita por Prestes, Manuilski estabelece uma condição: “[...] Vamos atendê-lo se [...] – Se alguém acompanhá-lo [...] Alguém que o livre de possíveis perigos e que assuma os riscos. Alguém que esteja sempre a seu redor para garantir sua segurança com a própria vida.” (WERNER, 1990, p. 129)

Em Moraes, o discurso também é de Manuilski:

– Aceitamos, mas impusemos uma condição: o Comintern cuidaria de sua segurança pessoal. Depois de muita discussão, e de analisarmos dezenas de nomes, concluímos que só uma pessoa tem condições de fazê-lo chegar a seu país em absoluta segurança: você (MORAIS, 1985, p. 50).

3.3 Olga e Prestes no Brasil

O capítulo intitulado *Lua de mel em Nova York*, em Moraes, remete à encenação criada para não levantar nenhuma suspeita sobre a verdadeira missão de Olga e Prestes, que fariam longa viagem com destino ao Brasil. Inclusive a maioria dos comunistas enviados ao País, na época, assumia a “fachada de casais

bem situados em viagens de prazer e negócios” (WAACK, 2004, p. 104). Neste caso, porém, o que era fictício acabou se tornando real, já que os dois se apaixonaram no meio do caminho.

No início do capítulo, o narrador informa a data em que Prestes deixou o apartamento em Moscou: 29 de dezembro de 1934. É uma cena de despedida de Prestes de sua família (MORAIS, 1985, p. 53). A frase de Dona Leocádia: “Sinto que nunca mais verei meu filho” representa o pressentimento dessa personagem, um artifício utilizado na narrativa para criar o efeito de real, já mencionado anteriormente.

Em Werner, não há essa passagem, o capítulo já inicia com a narração dos primeiros momentos juntos do casal na viagem, suas conversas, as primeiras impressões de Prestes sobre Olga... (WERNER, 1990, p. 131).

Há também uma informação bastante interessante a respeito de um costume engraçado de Olga: a mania de chupar balas. (Idem, ibidem). Tal detalhe também aproxima a ficção da realidade, já que esse fato foi comprovado depois por alguém que conviveu bastante com Olga Benario: sua amiga Mishka Slavutska, filha de um assessor de Stalin. Segundo Waack (2004, p. 101), ela foi a pessoa que teve a convivência mais intensa com Olga enquanto esta viveu em liberdade. Mishka, que ainda estava viva em 1993, foi entrevistada pelo autor, ao qual falou sobre a personalidade de Olga:

uma figura que se pode chamar de romântica, embora no fundo fosse muito aventureira. Seu negócio era muita ação e pouca política [...] O estado de espírito de Olga alterava-se bastante. Ela podia ser bastante participativa, ou muito distanciada (WAACK, 2004, p. 103).

De acordo com Mishka, em qualquer dessas situações ela estava sempre chupando um tipo de bala: “[...] Tinha sempre essas coisas açucaradas na boca” (WAACK, 2004, p. 104).

Provavelmente Werner, que também conheceu Olga Benario, sabia dessa sua particularidade, tanto que resolveu incluí-la na biografia.

No texto de Morais, há informações mais precisas sobre os lugares onde Olga e Prestes estavam, horários de chegada, trocas de passaportes – inclusive, todos eram falsificados. De Pedro Fernández e Olga Sinek, passaram a ser Antônio Vilar e Maria Bergner Vilar, o casal em viagem de lua-de-mel.

Um dos assuntos prediletos de Olga era a Coluna Prestes. Sua curiosidade era imensa a respeito do assunto: “– Vocês fizeram uma marcha de 36 mil quilômetros e nunca foram vencidos? Conte tudo de novo, direitinho.” (WERNER, 1990, p. 132). Em Moraes, está em discurso indireto: “Apaixonada por estratégia militar, Olga era capaz de ficar horas discutindo com Prestes cada operação da Coluna invicta, cada emboscada, cada movimento da tropa [...]” (MORAIS, 1985, p. 54)

Essa passagem é uma entre tantas que aparecem nos textos, que mostram o seu espírito aventureiro, revolucionário. Inclusive é mencionado em Waack (2004) que Olga era realmente assim: uma pessoa que sempre buscou grandes emoções. Mais uma vez é sua amiga Mishka quem informa:

Olga era sobretudo uma aventureira, contava com enorme entusiasmo como aprendera a pilotar aviões e o tempo que passara na Academia da Força Aérea. Não se interessava muito por leituras ou discussões teóricas. Era sobretudo uma pessoa voluntariosa, decidida e com grande coragem física, ansiosa para participar de ações (WAACK, 2004, p. 103).

Quanto à relação entre Olga e Prestes, nos dois textos biográficos pode-se perceber que o casal fictício Maria e Antônio Vilar contou com todo um cenário romântico, propício para que o destino se cumprisse, e eles passassem a ser, a partir dessa viagem, um casal de verdade. As duas narrativas romantizam o fato real, ao narrar episódios em que o casal aparece em perfeita harmonia.

Em Werner, Olga e Prestes demonstravam afinidade em vários aspectos:

Sentiram prazer especial na primeira visita a uma livraria. Ambos apreciavam os mesmos temas e o ponto de vista de cada um sobre o que liam rendia inesgotável material para conversas. Tinham os mesmos heróis e a mesma sensibilidade para a leitura, o que facilitava a conversa sobre a vida pessoal (WERNER, 1990, p. 133).

Em Moraes, os dois eram pessoas que tinham um passado bem semelhante, pelas aventuras vividas: “[...] Conversando sempre em francês [...] os dois passavam horas intermináveis lembrando as aventuras que cada um tinha vivido até ali.” (MORAIS, 1985, p. 54)

Em Werner, Olga se mostra bastante curiosa em relação ao Brasil e entusiasmada com a possibilidade de poder ajudar Prestes a fazer a revolução no

País. Segundo Prestes, o Brasil conta com uma jovem e pequena classe operária, não estando, pois, maduro para o socialismo. Ele diz:

[...] É necessário um programa que una todas as forças progressistas. Um programa que quebre a cadeia de poder do capital estrangeiro, distribua a terra aos pobres, dê trabalho aos operários, elimine a opressão dos negros, garanta a justiça e extirpe a corrupção (WERNER, 1990, p. 142).

E é com esse espírito idealista e bem intencionado que Olga e Prestes chegam ao Brasil.

No texto de Werner, capítulo 3, há um trecho em que fica visível a romantização de Luís Carlos Prestes. O narrador o chama de “grande patriota”, aquele que voltaria a seu país para servi-lo e para implantar uma ordem social que pusesse fim à fome e à miséria. Esse grande patriota

[...] tinha de entrar no País escondido, no escuro da noite, com nome falso. O governo reacionário e suas forças de segurança não podiam esquecer nem perdoar a longa marcha e a subsequente adesão de seu líder ao comunismo. Desse modo, o próprio Prestes teve que renegar sua nação, que servia como nenhum outro. Pisou em solo pátrio com o falso nome português de Antonio Vilar (WERNER, 1990, p. 146).

Em Moraes, o narrador informa sobre o dia e o mês de chegada do casal: 15 de abril. Desceram em Florianópolis, onde pernoitaram, tomaram um táxi para Curitiba e no outro dia de manhã contrataram outro táxi para levá-los a São Paulo. (MORAIS, 1985, p. 61-62)

Em Werner, não há referência a esses detalhes. O narrador já informa sobre os primeiros acontecimentos de Prestes e Olga no Rio de Janeiro. Primeiramente, eles tiveram de buscar um esconderijo seguro para ficar longe dos olhos da polícia. (WERNER, 1990, p. 146)

E a personagem de destaque neste momento é Celestino Paraventi, o dono do famoso Café Paraventi. Depois de ser descrita essa personagem e sua ligação com os comunistas, o narrador comenta sobre a admiração que ele tinha por Prestes, que nascera durante a Coluna. (MORAIS, 1985, p. 63)

Em seguida, é narrado o momento em que Olga vai ao encontro dele, no Café: “Paraventi acabava de voltar de uma de suas excentricidades naquele sábado à noite – cantar canções italianas no programa ‘Chá no Ar’, de Nicolau Tuma, da Rádio Difusora – quando Olga Benario surgiu à sua frente no Café.” (MORAIS, 1985,

p. 64). Esse episódio é reafirmado por Waack (2004), ao relatar que foi mesmo Olga Benario quem primeiro procurou Paraventi com um recado de Prestes:

Em meados de abril de 1935, entrou no café uma moça alta, de cabelos castanhos e olhos profundamente azuis. Perguntou-lhe se podiam conversar reservadamente, e depois mencionou o nome do capitão Luís Carlos Prestes, que Celestino conhecera alguns anos antes. Era Olga Benario. Prestes estava de volta ao Brasil e queria encontrar-se com Paraventi (WAACK, 2004, p. 110).

Celestino Paraventi hospedaria Prestes e Olga em sua casa de campo, no bairro de Santo Amaro, até que eles partissem para o Rio de Janeiro.

Como já se sabe, Olga Benario havia sido destacada pela direção do Partido, em Moscou, para ser guarda-costas de Prestes. Sua missão no Brasil era protegê-lo, fato que é mencionado por Waack (2004) e também por Amado (2011). O primeiro esclarece que a função de Olga na viagem ao Brasil era especialmente técnica, ou seja:

Era obrigatório encontrar alguém com suficiente experiência de trabalho no setor militar e que pudesse entender-se com Prestes em francês, dois requisitos que Olga preenchia. A função era sobretudo “técnica” (proteção e organização da infraestrutura durante a viagem) (WAACK, 2004, p. 104).

Amado (2011), por sua vez, destaca que a função de Olga se estendeu para além da obediência ao Partido. Com uma visão romântica, o autor escreve:

Essa moça alemã que deu seu coração ao general brasileiro, não terá mais um dia de tranquila paz. Seu coração viverá sempre estremeando pelo seu marido. Nas noites de conspiração seu sono será leve na espera que ele chegue. Depois não suportará mais e o acompanhará para protegê-lo, ela é como um guarda-costas, bem sabe que, se ele é amado como ninguém ainda o fora por esse povo brasileiro, em troca é odiado e temido como ninguém pelos inimigos do povo. Na sombra das ruas conspirativas ela o acompanha, seus passos ao seu lado, ânimo e carinho. (AMADO, 2011, p. 227).

A partir desses dois pontos de vista, é possível perceber a importância da presença de Olga Benario nesse período histórico, já que ela era a responsável pela segurança daquele que iria comandar a revolução comunista. E essa missão se torna ainda mais significativa para Olga pelo amor que agora sente por ele.

Ainda no capítulo *Lua-de-mel em Nova York*, é apresentada a personagem Antônio Maciel Bonfim, o Miranda, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Este toma conhecimento da chegada de Prestes ao Brasil. (MORAIS, 1985, p. 65)

Em Werner, o capítulo 3 é quase todo narrado em discurso indireto, sendo descrito o dia-a-dia do casal, e sempre de forma bastante romântica. Olga e Prestes eram o casal ideal, e tinham uma afinidade incomum, que é constantemente ressaltada, como no seguinte trecho:

Constatavam com frequência que um havia pensado a mesma coisa que o outro. Gostavam das mesmas pessoas, das mesmas paisagens e das mesmas cores. Nunca havia briga entre eles. Às vezes, comentavam que era raro duas pessoas de diferentes países, origens e formação, de destinos incomuns, se darem tão maravilhosamente bem (WERNER, 1990, p. 146).

Inclusive essa relação havia contribuído para a evolução dos dois em nível pessoal. A convivência os havia transformado em pessoas melhores. (WERNER, 1990, p. 146-147)

Destaca-se, ainda, a reflexão do narrador: “Talvez não se logre essa felicidade quando só se vive um para o outro. Olga e Prestes viviam por uma causa que era o mais importante no mundo para ambos: melhorar a sorte dos oprimidos.” (WERNER, 1990, p. 147)

Nesse capítulo do texto de Werner, também está descrita a principal tarefa de Olga no Brasil, que não se limitava apenas à sua proteção. Ela resolvia várias questões sozinha, com o objetivo de facilitar o trabalho do companheiro, que era preparar a revolução comunista no País.

No capítulo 4, há referência a uma das tarefas de Olga: levar mensagens para os companheiros. Conforme a narrativa, algumas vezes Olga aproveitava essas saídas para andar pelos bairros pobres. A descrição desses lugares e das reflexões de Olga a respeito da situação das pessoas que ali viviam contém dados bastante ilustrativos, que denunciam aquilo que ela mais criticava: as diferenças sociais. Em um dos trechos, o narrador informa:

[...] havia diferença de classe em grau escandaloso e total desinteresse dos grandes proprietários em melhorar as condições de vida do proletariado, além de desesperança, apatia e resignação dos pobres em relação a seu destino (WERNER, 1990, p. 151).

Em seguida, revela o pensamento da personagem:

Olga andava pelos bairros pobres tomada por cólera feroz. Gostaria de dizer a todos aquilo que sabia: “Isso não vai continuar assim. A Aliança cresce. Melhorar as condições de vida é uma de nossas tarefas prioritárias” (WERNER, 1990, p. 151).

Nesse capítulo de Werner é mencionado pela primeira vez o casal Elise (Sabo) e Arthur Ewert, personagens de grande destaque a partir daqui. Em Moraes, a primeira referência a eles aparece no capítulo 5, intitulado: *Do mundo inteiro, rumo ao Rio*.

No Romance Biográfico, eles aparecem como os melhores amigos de Olga e Prestes (WERNER, 1990, p. 151). No Romance-Reportagem, a referência a Arthur e Elise vem depois de serem mencionados outros comunistas que desembarcaram no Brasil, escalados pelo Comintern para fazer a revolução (MORAIS, 1985, p. 68-69).

Segue-se uma longa narrativa sobre a trajetória do casal, com informações precisas sobre os lugares onde viveram, a militância política dos dois em vários países, até chegarem ao Brasil, quando se juntaram aos outros companheiros: Rodolfo Ghioldi, argentino; Victor Allen Barron, norte-americano; León-Jules Vallée e a esposa Alphonsine, belgas; e os alemães Paul Franz Gruber e sua mulher, Erica. Na narrativa de Werner, é relatado outro fato presente na História Oficial: a dissolução da Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento comunista que estava crescendo, e, por isso, se tornando uma ameaça para o governo de Vargas, que não titubeou, proibindo as atividades em 11 de julho de 1935 (WERNER, 1990, p. 153). Em seguida, vários fatos são contados em sequência, resumindo os acontecimentos que levariam ao desencadeamento da revolução.

Em Moraes, esse fato é narrado no capítulo 6, onde é mencionado o momento em que foi lido o manifesto de Prestes, eleito presidente de honra da ANL. As últimas linhas diziam: “Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo popular, nacional e revolucionário! Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!” (MORAIS, 1985, p. 85-86). De acordo com o comentário do narrador, o manifesto fora o pretexto de Vargas para decretar a ilegalidade em todo o país da ANL.

Diferentemente do texto de Moraes, em Werner não são citados os nomes dos outros comunistas envolvidos na operação brasileira, apesar de ser mencionada sua presença. O foco está em Prestes, Olga, Sabo e Arthur, que aparecem como os articuladores do levante revolucionário. E a decisão final caberia a seu líder: “Ele tinha diante de si a mais difícil missão que um revolucionário poderia ter: decidir se havia chegado o momento para deflagrar uma insurreição vitoriosa.” (WERNER, 1990, p. 154)

É criada uma grande expectativa em relação a esse momento, e o narrador comenta que Olga conhecia o plano nos mínimos detalhes. Segundo a narrativa, “assim que o Exército tomasse as primeiras posições, Prestes sairia da clandestinidade e assumiria o comando” (WERNER, 1990, p. 155).

O relato expõe também uma visão bastante otimista por parte de Olga, que tinha plena certeza do sucesso do levante. E, nessas horas, ela estaria ao lado de seu companheiro mais do que nunca (WERNER, 1990, p. 155).

Em Moraes, de forma diferente, são narrados os episódios que antecedem a revolução. Dois capítulos tratam desses momentos, fornecendo muitos detalhes, e a transcrição de documentos que comprovam os fatos relatados.

O título do capítulo 6 já direciona o leitor para o que virá a seguir: *Começa a conspiração*.

Inicialmente é narrada a saída de Prestes e Olga de São Paulo, em um táxi que é barrado pela polícia pouco antes da chegada ao Rio. Segundo a narrativa, em uma barreira policial de rotina, é confiscado um revólver da bolsa de Olga, fato que acabou ajudando-os, fazendo o policial esquecer-se de vistoriar seus documentos (MORAIS, 1985, p. 77-78).

Depois dessa tensão inicial, começam a ser narrados episódios mais amenos, como a chegada do casal à cidade do Rio de Janeiro, momento em que Olga se deslumbra com a paisagem natural exuberante.

Inicialmente o casal “Vilar” ficara hospedado em um hotel – o mesmo em que ficaram Arthur e Elise. Logo, sairiam dali, ao encontrarem uma casa nos classificados do *Jornal do Brasil*. Localizada na rua Barão da Torre, estava a duas quadras da casa dos Ewert (MORAIS, 1985, p. 78).

Em seguida, é relatado o primeiro encontro de Olga e Prestes com os companheiros na casa de Ewert, onde seriam distribuídas as tarefas iniciais:

Erika trabalharia como datilógrafa na casa de Ewert e, quando necessário, como motorista dos Vilar. Gruber, técnico em explosivos, instalaria num pequeno cofre da casa de Prestes e Olga um violento sistema de alarme, para impedir o acesso de estranhos ao dinheiro e à documentação ali depositada. Victor Barron anunciou que começara a cumprir sua tarefa desde o primeiro dia na cidade: depois de um minucioso levantamento das lojas especializadas em artigos elétricos, tanto do Rio como das cidades vizinhas, vinha se dedicando a comprar em cada uma delas uma peça diferente para o radiotransmissor que montava no quarto da empregada, em seu apartamento alugado de Copacabana (MORAIS, 1985, p. 79-80).

No capítulo 7, *A Revolução está nas ruas*, um fato que merece atenção é a carta enviada a Prestes por seu antigo companheiro da Coluna, o general Miguel Costa. Nela, o militar critica a atitude precipitada de Prestes no manifesto, ao ordenar a tomada de poder, e comunica seu afastamento da Aliança. Tal fato, porém, não muda o ponto de vista de Prestes, que acredita na revolução, e mais, que ela está próxima (MORAIS, 1985, p. 93-94).

Em seguida, o narrador comenta:

Nem o próprio Prestes poderia imaginar que a insurreição explodiria tão cedo e de forma tão imprevisível. Ao meio-dia de 23 de novembro os soldados e sargentos do 21º Batalhão de Caçadores de Natal, capital do Rio Grande do Norte, tomaram a guarnição militar da cidade, prenderam os poucos oficiais que ali se encontravam, já que era sábado, e entregaram o comando da unidade a ao sargento Dinis Henriques e ao cabo Estevão. (MORAIS, 1985, p. 94)

Em relação a esse episódio, e ao de Pernambuco, que ocorrera no outro dia, Waack (2004, p. 216) comenta que, embora tenham tido participação e intervenção direta de comunistas, foram provocados por circunstâncias locais. E o autor acrescenta que eles foram a causa principal das decisões tomadas por Prestes e Ewert, que levariam ao levante de 27 de novembro.

Na narrativa de Moraes, é relatada uma reunião que houve na casa de Olga e Prestes, onde se decidiu fazer a revolução. Além do casal, participaram desse encontro Ewert, Ghioldi e Miranda. De acordo com o relato, inicialmente apenas Prestes defendia o levante no Rio de Janeiro. E foi ele quem convenceu Ghioldi e Ewert, os mais reticentes, de que havia condições para realizá-lo. Prestes informou-lhes que a Marinha de Guerra estava comprometida com eles para tomar o poder.

Esse fato, porém, é contado por William Waack de forma diferente. Segundo o autor,

a massa de material disponível hoje³⁵ em Moscou desautoriza as versões romanceadas, de forte apelo popular, segundo as quais, nessa reunião, Prestes teria apresentado trunfos que os outros conspiradores desconheciam, a fim de convencê-los a deflagrar o movimento (WAACK, 2004, p. 219).

Waack (2004) descobriu que havia um quinto participante na reunião: o italiano Amleto Locatelli. E, através de um depoimento deste, encontrado pelo

³⁵ Período entre 1992-1993, quando Waack realizou sua pesquisa nos arquivos de Moscou.

repórter brasileiro em Moscou, fica claro que a influência maior na decisão do levante havia sido de Ewert, e não de Prestes.

A respeito dessa omissão no texto de Moraes a respeito de um dos participantes, e ao grau de influência de Prestes na decisão, pode-se pensar que:

1) O autor não tinha conhecimento da presença de Locatelli, não sendo, pois, proposital a omissão de seu nome;

2) O fato de colocar Prestes como o maior responsável pela decisão se deu com o objetivo de exaltar a personagem do Cavaleiro da Esperança, cuja imagem de herói precisa ser posta em evidência em uma biografia romanceada.

Na sequência da narrativa, o narrador comenta sobre o manifesto redigido pelo PC, o qual seria distribuído à população com a finalidade de convocá-la para a revolta. Alguns trechos, inclusive, estão transcritos.

No final do capítulo, é narrado um episódio referente à comunicação via rádio feita por Victor Barron a Moscou, avisando o Comintern que o levante havia sido desencadeado. Por sua vez, a direção do Comintern havia respondido (da mesma forma, em mensagem cifrada) desejando êxito e cumprimentando Barron por seu desempenho. Logo, o narrador informa que a revolução comunista brasileira iria começar às três horas da madrugada (MORAIS, 1985, p. 100).

Fato interessante narrado por Waack é sobre a chegada da resposta do Comintern ao Brasil autorizando o levante. Ela teria sido recebida somente depois que o mesmo já estava derrotado. (WAACK, 2004, p. 203)

Em Werner, diferentemente de Moraes, não são detalhados os acontecimentos antecedentes à revolução. E, entre o começo e o fim da batalha, o relato é sucinto. Poucas linhas separam as expressões: “Começava a luta” e “Traição! Estamos perdidos!” (WERNER, 1990, p. 156-157).

Logo, é comentado resumidamente que o plano da insurreição havia sido delatado. Houvera infiltração, e, com isso, Vargas ficara sabendo de tudo antes de começar o combate. Em seguida, o narrador explica que a insurreição fora usada pelo governo como “pretexto para atacar brutalmente todas as pessoas de pensamento progressista” (WERNER, 1990, p. 157).

No final do capítulo, após um breve comentário sobre as mortes ocorridas e a superlotação nas prisões, é anunciado, em discurso direto, a ordem dada ao chefe de polícia, indicando-lhe que faltava um: “Agarrem Prestes!” (WERNER, 1990, p. 157).

Em Moraes, o capítulo 8 – *Um espião entre os comunistas* – inicia comunicando sobre os horários de início e término da revolução: “A revolução começou às três horas da madrugada e acabou à uma e meia da tarde.” O curto comentário resume o que foi o episódio: breve. Em seguida, são relatados os principais acontecimentos, indicando que o levante comunista tivera pouco apoio por parte daqueles que haviam se comprometido com Prestes: “A revolta ficou restrita ao 3º Regimento de Infantaria, à Escola de Aviação Militar e foi sufocada à força em poucas horas” (MORAIS, 1985, p. 101)

Adiante, em flashback, o narrador informa:

Todas as tropas federais assentadas no Rio de Janeiro tinham entrado em prontidão na noite de 23 para 24 de novembro, após chegarem à capital federal informações da tomada de Natal pelos revoltosos [...] No 3º RI todo o efetivo mantinha-se em estado de alerta: com as armas sempre à mão, a tropa fardada só tinha permissão para recostar-se nas camas, sem sequer tirar os coturnos (MORAIS, 1985, p. 102).

E explica: “Todos esses cuidados levantam a suspeita de que o governo soubesse que a rebelião começaria ali, e àquela hora.” (MORAIS, 1985, p. 102)

Waack, por sua vez, confirma o fato, quando informa que o governo de Londres havia recebido informações ultrassecretas sobre o levante através do embaixador britânico no Brasil, sir Gurney, o qual fora informado a respeito da intenção dos comunistas na manhã de terça-feira, 26 de novembro de 1935, o que, segundo o autor, leva a crer que os britânicos ficaram sabendo de tudo através dos brasileiros, e não vice-versa (WAACK, 2004, p. 223-224).

Como se pode perceber, o conteúdo dos dois romances biográficos está de acordo com a versão do jornalista quanto à suspeita de ter havido vazamento de informações a respeito do plano dos revolucionários. Nas duas biografias, é mencionada claramente a traição aos comunistas.

O *estado de sítio* decretado pelo presidente Getúlio Vargas em 26 de novembro, em vigor por 30 dias no País, possibilita ao governo desencadear a repressão. Assim, ele outorga poderes ao capitão Filinto Müller, chefe de polícia do Distrito Federal, que

proíbe o porte de armas no Rio de Janeiro e estabelece que ninguém pode sair da cidade sem autorização e salvo-conduto da Delegacia Especial de Ordem Social e Política [...] As fichas de “extremistas”, anarquistas, comunistas, socialistas, trotsquistas e membros ou meros simpatizantes da

Aliança Nacional Libertadora são transformadas em mandados de prisão. (MORAIS, 1985, p. 106)

Isso significava, na época, uma dura repressão a todos que fossem contrários ao governo de Vargas, tornando-se principalmente uma perseguição implacável aos participantes da revolução, que ficou conhecida como *Intentona Comunista* (MORAIS, 1985, p. 190).

Em um trecho do texto, o narrador comenta que a expressão *ir para o morro de Santo Antônio* significava “ser submetido às mais brutais formas de tortura” (MORAIS, 1985, p. 106). Percebe-se aqui a denúncia feita ao governo autoritário de Vargas, que abusa de seu poder, desrespeitando os direitos humanos.

São mencionados em seguida o navio Dom Pedro I, a Casa de Detenção e a ilha das Flores, outros espaços para onde eram levados os prisioneiros, bem como o nome de alguns deles.

O narrador destaca em seguida a colaboração de agentes do serviço secreto britânico, o *Intelligence Service*, e da *Geheime Staatspolize*, a Gestapo nazista, nas investigações da polícia brasileira. Como se não bastasse, o estado de sítio é prorrogado, permitindo, assim, que as investigações prossigam, já que “os cabeças ainda estão à solta” (MORAIS, 1985, p. 107).

Em Werner, o período pós-revolução é narrado de forma diferente em relação ao texto de Moraes. Não são mencionados os locais para onde foram levados os presos nem mesmo seus nomes. No relato, são destacados os sentimentos das personagens Olga e Prestes e suas atitudes diante da nova situação. Olga, que passara a amar e admirar ainda mais o marido, continuava a seu lado, sem queixa alguma. Os dois não perdiam a fé no futuro. “A luta tinha de continuar” (WERNER, 1990, p. 157).

O narrador ressalta a força e a atuação de Prestes depois da derrota, o qual restabeleceu contatos e deu início à reconstrução da organização comunista. Suas atitudes deram novo ânimo aos militantes, que acreditavam que “enquanto vivesse o Cavaleiro da Esperança, a revolução não estava perdida” (WERNER, 1990, p. 157).

Há uma passagem em Amado (2011), onde esse sentimento é expresso com muita sensibilidade:

Os dias de desgraça se abatem sobre o país mas a esperança não morre porque ele ainda está em liberdade e o povo crê nele e sabe que, enquanto ele estiver livre o Brasil está se libertando, se preparando para romper as

cadeias e partir para a felicidade [...] Da sua liberdade vive a esperança do povo. Se ele está livre, nada está perdido. Se ele está livre é que a madrugada de 27 de novembro foi apenas o primeiro clarão da aurora que chegará breve [...] (AMADO, 2011, p. 252).

Em Werner, é apontado, em seguida, o perigo a que também estavam sujeitos Olga, Sabo e Arthur, que, mesmo com a possibilidade de saírem do País, decidiram ficar, assumindo todos os riscos:

Em nenhum momento surgiu a tentação – você é alemão, tem o direito de ir, trata-se de um país estranho pelo qual você arrisca sua vida” – pois tinham crescido com a máxima dos povos: “A Internacional luta pelos direitos humanos” (WERNER, 1990, p. 158).

Em Waack (2004), porém, no que se refere a Olga Benario, há uma passagem onde é mencionada sua vontade de retornar à URSS. Em um telegrama enviado a Moscou, ela teria pedido a Manuilski, em 22 de junho de 1935, para ser removida de volta: “Como Prestes já está aqui e em seis meses termina minha missão, peço confirmação do meu direito de voltar aos estudos ao término desse período” (WAACK, 2004, p. 182).

Tal revelação desmistifica o apego dela a Prestes e ao Brasil. Com o fim da missão, ela não teria mais motivos para permanecer no País. Nas duas biografias não há referência a esse ponto, o que pode ter ocorrido por falta dessa informação ou para preservar o caráter romântico da história, que quer mostrar uma mulher apaixonada, incapaz de abandonar seu grande amor, mesmo que isso signifique arriscar sua própria vida.

Em Werner, a atitude de Olga em relação a seu companheiro é a de uma mulher extremamente zelosa com sua segurança, a qual teve de ser redobrada neste período por ele ser o principal alvo da polícia.

Um episódio comum às duas biografias, contado de uma forma um pouco diferente, é o da prisão de Arthur e Elise. Nos dois textos, é Olga quem vê o casal ser preso pela polícia:

Olga parou tão de repente que um jovem que vinha atrás esbarrou nela. Ele se desculpou e ela sorriu – fora sua culpa. Quando o jovem desapareceu, *Olga virou na primeira rua paralela e voltou correndo*. Agora não importava se chamasse a atenção das pessoas; cada segundo palpitava. Então viu-se diante de Prestes. – *Arthur e Sabo acabam de ser presos. Vi quando a polícia os empurrava para a viatura*. (WERNER, 1990, p. 164, grifo nosso).

No dia 26 de dezembro o jovem médico Pedro Nava está passando de ambulância pela rua Prudente de Moraes, em Ipanema, a caminho do trabalho, e chama a atenção do motorista para a beleza de uma moça de aparência estrangeira que caminha pela calçada. *Quando a moça chega à esquina da rua Paul Redfern, Nava se surpreende com a reação dela, que dá meia volta e retorna correndo, como se fugisse de alguém.* O médico espicha o pescoço para tentar identificar o que tanto aterrorizou a jovem e vê, *a meia quadra dali, dezenas de policiais à paisana, jogando dentro de um camburão um casal também com jeito de estrangeiro.* A moça era Olga Benario e a polícia de Filinto Müller chegara à casa de Sabo e Arthur Ewert (MORAIS, 1985, p. 107, grifo nosso).

Analisando as duas formas de narrar, percebe-se que, na primeira, a descrição está em terceira pessoa, com a personagem Olga protagonizando a ação. Já a segunda, apesar de também ser narrada em terceira pessoa, é contada a partir de ações de outra personagem: o médico Pedro Nava. Os trechos destacados, porém, mostram a mesma reação de Olga, que depois de dobrar a esquina, volta correndo. Em Werner, a referência à prisão de Sabo e Arthur é anunciada por Olga, em discurso direto, diferentemente de Moraes, onde o narrador descreve a cena sob o olhar do médico. Mais adiante, entretanto, o narrador retoma a mesma cena, desta vez sob a perspectiva de Olga:

Na manhã do dia 26 de dezembro ela levava alguns apontamentos escritos pelo marido sobre a situação do Partido para que Ewert os visse, quando, ao chegar na esquina da Paul Redfern, apavorou-se com a confusão na porta da casa dos amigos. Olga ainda pôde ver Arthur Ewert ser atirado a pontapés dentro de um camburão e vários homens entrando atrás dele. Sabo era arrastada à força e levada para outro veículo [...] (MORAIS, 1985, p. 108).

Talvez essa repetição tenha a finalidade de ressaltar o drama vivido pela personagem Olga, que vê seus companheiros serem levados pela polícia de forma brutal. Além disso, esse episódio mostra o desespero de Olga em relação a seu próprio esconderijo, que poderia ser o próximo a ser descoberto. Ela diz a Prestes, em seguida: “Vamos sair daqui já! Sabo e Ewert acabam de ser presos neste instante. Eu vi a polícia levá-los e agora podem estar vindo para cá!” (MORAIS, 1985, p. 108).

No Romance-Reportagem também é informado o dia e o local em que o fato ocorreu, o que é bastante comum nessa forma de escrita, que preza pela descrição detalhada.

Em seguida, em Moraes, é narrada uma cena de violência contra Arthur. No camburão, ele fora torturado por um dos policiais – o qual não era brasileiro, e sim

alemão. Com um quebra-nozes de ferro, um dos dedos de Arthur fora esmagado (MORAIS, 1985, p. 110). Esta cena, além de denunciar a tortura e a violência cometidas pelos policiais neste período histórico, informa sobre a presença de alemães no Brasil, os quais estavam colaborando com a polícia de Filinto Müller.

Em uma passagem de Werner, o narrador comenta que Prestes havia sido informado de que Arthur e Sabo estavam sendo torturados. Olga, ao saber, ficara bastante abatida. Ao perguntar a Prestes se eles iriam aguentar, ele teria respondido: “– São comunistas” (WERNER, 1990, p. 166). E o narrador, após repetir a expressão *São comunistas*, descreve as terríveis cenas de violência na prisão. O casal sofria física e psiquicamente nas mãos dos torturadores. Ao serem perguntados sobre o esconderijo de Prestes, nada diziam, apesar da situação em que se encontravam. Com isso, aumentava a violência: “Quando Arthur começou a gritar, Sabo quis morrer. Não gritava porque era golpeado por todos os lados, mas porque via apagarem cigarros no corpo da mulher” (WERNER, 1990, p. 167).

Em Moraes, os episódios de tortura do casal Ewert também são relatados, porém, antes, são revelados alguns fatos importantes: o primeiro se refere ao resultado da operação policial na casa de Arthur e Elise, onde, além de serem apreendidos documentos importantes, os policiais contaram com a ajuda da doméstica Deolinda, que os informou inclusive sobre o paradeiro do casal com quem os Ewert tinham relações mais estreitas, o que os levaria ao esconderijo de Prestes. O segundo fato é o do arrombamento do cofre da casa de Olga e Prestes, feito com a maior tranquilidade por dois investigadores. O sistema explosivo construído por Gruber havia falhado (MORAIS, 1985, p. 112). Logo, o terceiro fato explica essa situação: Gruber era um espião a serviço do Intelligence Service Britânico, e havia traído os companheiros brasileiros ao prestar informações sobre o movimento comunista de 1935, as quais seriam retransmitidas por Londres a Filinto Müller. (MORAIS, 1985, p. 113)

No capítulo intitulado *Mister Xanthaky entra em cena*, não há referência a essa personagem inicialmente; ela surgirá mais adiante, onde é mencionado que Mister Xanthaky era um agente especial dos Estados Unidos que estava trabalhando junto da polícia brasileira, encarregado de descobrir a verdadeira identidade de Ewert.

Em um primeiro momento, são relatadas as descobertas feitas pela polícia no aparelho de Prestes e as investigações realizadas para descobrir a verdadeira

identidade de Arthur Ewert, que se encontrava preso junto com a esposa no morro de Santo Antônio. Aqui são reveladas as brutalidades cometidas contra o casal, as quais são descritas minuciosamente, expondo para o leitor as diferentes formas de tortura praticadas pela polícia brasileira na época:

Isolados na prisão do morro de Santo Antônio, Ewert e Sabo resistiam milagrosamente à violência de policiais alemães e brasileiros que se revezavam incessantemente [...] (MORAIS, 1985, p. 117-118).

Certos trechos são bem semelhantes aos descritos em Werner, como estes, em que são descritas as cenas da violência cometida contra a mulher de Ewert:

[...] Sabo tinha as costas, os seios e as pernas cobertas por minúsculas queimaduras feitas com pontas de cigarros e lanhos por todo o corpo, deixados pelas chibatadas que lhe aplicava um jovem policial alemão [...] Os policiais resolveram aplicar torturas alternadamente no marido e na mulher, deixando sempre um ou outro testemunhando [...] (MORAIS, 1985, p. 118).

O mais impressionante era a resistência dos presos, que, apesar de todo o sofrimento físico e moral, não revelavam nomes ou fatos que pudessem incriminar os companheiros. Inclusive Elise e Ewert são apresentados nas duas biografias como o casal que mais sofreu abusos na prisão nesse período ditatorial brasileiro. Os dois textos trazem à luz esses episódios denunciando aquilo que fora omitido pelo governo de Vargas na época: a tortura de presos políticos ligados à revolução de 35. Até mesmo é mencionado, em um trecho, o fato de Filinto Müller ter anunciado à imprensa, no dia 6 de janeiro, a prisão do casal Ewert, ocorrida onze dias antes, sendo que as fotos publicadas não revelavam o verdadeiro estado em que se encontravam os prisioneiros, pois haviam sido feitas logo após a detenção. Além disso, eles jamais seriam mostrados ao público: “Como a polícia vinha negando a existência de torturas aos presos políticos, os jornalistas não puderam ver o casal [...]” (MORAIS, 1985, p. 119).

Em seguida, é narrada a prisão do chefe do PC brasileiro junto de Elvira Colônio, sua mulher, também conhecida como Elza ou *Garota*. Esse acontecimento fora motivo para Prestes e Olga trocarem novamente de casa, pelo fato de que Miranda era um dos poucos que conhecia o endereço onde o casal estava escondido.

Como já foi explicado, somente no decorrer do capítulo a personagem Mister Xanthaky aparece. O agente, que se dirige ao morro de Santo Antônio para interrogar Arthur e Elise, não consegue nenhuma informação relevante. No entanto, através dessa visita é denunciada, mais uma vez, a forma como eram tratados os presos. Além dos espancamentos, nem ao menos lhes era permitido dormir. (MORAIS, 1985, p. 123)

No final desta parte, fica claro também qual era a intenção do governo em relação a Luís Carlos Prestes, caso a polícia o encontrasse. A ordem de Vargas era para que não o trouxessem vivo.

Quanto aos episódios correspondentes no Romance-Reportagem e no Romance Biográfico, com exceção da prisão dos Ewert, os outros fatos, como a descoberta do traidor da revolução, as informações fornecidas à polícia por Deolinda, a prisão de Miranda e Elvira e o interrogatório feito por Mister Xanthaky não são mencionados no segundo. No final do capítulo 5 de Werner, estão descritas as últimas cenas de tortura de Arthur e Elise, e, em seguida, no próximo capítulo, já é narrado um dos acontecimentos mais marcantes da biografia de Olga Benario: a descoberta do esconderijo do líder da revolução comunista.

No Romance-Reportagem, antes de ser relatada essa cena, são relatados ainda outros episódios, como a prisão do argentino Ghioldi e de sua mulher, a revelação de que Miranda havia passado para o lado da polícia, a prisão e tortura do norte-americano Barron (capítulo 10 – *Miranda e Ghioldi vão falar*). E, no final desse capítulo, o narrador comenta sobre a preciosa informação dada pelo argentino à polícia: o primeiro nome da companheira de Prestes.

Tal fato é retomado no capítulo seguinte, intitulado *Diante de Filinto, um nome: Olga de Tal*. Já no início, está a transcrição de um ofício enviado pelo delegado Antonio Canavarro Pereira ao capitão Miranda Correia³⁶ solicitando a presença de Olga ao cartório:

[...] Solicito a V. Sa. providências no sentido de que Olga de Tal, referida nas declarações de Rodolpho Ghioldi, compareça a este cartório no dia 8 de março p. vindouro, às 12 horas, para prestar declarações [...] (MORAIS, 1985, p. 141).

³⁶ O nome *Miranda Correia* se refere ao capitão, e não ao ex-secretário do PC, chamado apenas de *Miranda*.

Como se pode perceber, o cerco estava se fechando cada vez mais em torno de Olga e de seu companheiro. O narrador informa que Filinto Müller em pessoa estava dirigindo a operação policial-militar montada para prender Prestes e sua mulher. Inclusive a ordem era de “atirar para matar”. (MORAIS, 1985, p. 150)

A casa onde o casal estava escondido ficava no Meyer. Segundo a narrativa, a polícia descobrira o local na madrugada do dia 5 de março (de 1936): “Às 5 horas uma patrulha chegou à casinha do número 279 [...]” (MORAIS, 1985, p. 150-151). O episódio ilustra cada detalhe da operação: o momento em que os policiais batem à porta, que é aberta por Dona Júlia, a tentativa de fuga de Prestes pelos fundos da casa e o momento mais dramático: a intervenção de Olga no exato momento em que os policiais investiam com metralhadores sobre Prestes. Segundo a cena descrita, ela havia se jogado na frente do marido na tentativa de protegê-lo:

Uma mulher alta pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo, e dá um berro para os soldados. Não era um pedido de clemência, mas uma ordem dada por Olga: – Não atirem! Ele está desarmado! (MORAIS, 1985, p. 151).

Esse momento evidencia a coragem de Olga, que se arrisca para defender o companheiro, ao mesmo tempo em que marca o fim da missão para a qual havia sido designada: proteger o líder da revolução, responsabilidade que ela manteria até o último instante que passaria a seu lado, pois Olga nem mesmo deixaria que o separassem dela no caminho para a prisão: “Agarrou-se ao marido com tamanha força que não houve outra alternativa senão permitir que os dois fossem transportados juntos para a sede da Polícia Civil” (MORAIS, 1985, p. 152).

No final do capítulo, o narrador anuncia a separação definitiva do casal quando conta que os dois se olharam pela última vez após ser fechada a porta gradeada do elevador (MORAIS, 1985, p. 152).

De forma um pouco diferente, o episódio da prisão dos dois é narrado em Werner. Na versão alemã, Olga ouve o latido do cachorro e, logo após, alguns passos ressonantes e rápidos. Na sequência, a porta é arrombada e o quarto invadido pelos guardas, que apontam o revólver para Prestes. Também é um acena de bastante suspense e tensão. A cena em que Olga aparece é semelhante à do Romance-Reportagem:

Na frente do homem que deveriam matar, apareceu de repente uma mulher de braços abertos, protegendo-o. Olhava firme para os soldados [...] Os policiais agarraram Olga pelos ombros, tentando afastá-la. Mas ela se agarrava a Prestes com força sobrenatural; não conseguiam separá-la dele. Os policiais vacilaram, surpresos com a atitude da mulher. Ela não gritava, não chorava. Calma e sem dizer palavra, simplesmente não permitia que ninguém tocasse em Prestes (WERNER, 1990, p. 169).

A despedida do casal também é mencionada no Romance Biográfico: “Na polícia, cercados por militares, Olga e Prestes se despediram em silêncio.” (WERNER, 1990, p. 169)

Quanto à prisão para onde Olga fora levada, em Werner está descrito que ela fora colocada inicialmente em uma solitária. Mantida em total isolamento, somente depois de trinta dias, ela fora autorizada a escrever uma carta a Prestes, na qual, além de denunciar as péssimas condições da prisão, anunciava sua gravidez (WERNER, 1990, p. 173). Em Morais, esse fato é mencionado de forma diferente: “Um mês depois e ter sido transferida para a rua Frei Caneca, Olga anunciou às companheiras de cela que não tinha mais dúvidas: estava esperando um filho de Prestes” (MORAIS, 1985, p. 182). No Romance-Reportagem também é mencionada a carta de Olga a Prestes para informá-lo da gravidez.

A cela comum mencionada em Werner corresponde ao coletivo do texto de Morais. Nos dois textos está descrito que, após a notícia de que Olga estava esperando um filho, houve solidariedade das presas, que até mesmo a ajudavam confeccionando o enxoval do bebê. Além disso, os dois romances enfatizam o carisma de Olga e a admiração dos presos por ela, não apenas por ser a mulher de Prestes e pela situação em que se encontrava, mas por tudo o que ela representava: uma mulher que conseguia ter calma e vitalidade mesmo depois de ter chegado de um lugar sombrio como a solitária (WERNER, 1990, p. 173) e que, além disso, tinha vontade de aprender português com as companheiras de prisão e ensinar-lhes alemão, russo e francês – fazendo-as esquecer do ambiente em que se encontravam. Um dos marinheiros presos no andar de baixo havia dito, a respeito de Olga Benario: “– Prestes soube escolher. É bonita, altiva e forte” (WERNER, 1990, p. 174).

A protagonista, a partir desse momento, sofreria as mais duras penas de sua vida. Após ser descoberta sua verdadeira identidade, Olga estava sob ameaça de deportação para a Alemanha, por ser considerada pelo governo Vargas como uma estrangeira nociva ao País. Nas duas biografias há referência a esse fato, porém,

em Werner, as cenas são descritas de forma sucinta, com ênfase para os acontecimentos mais relevantes. Já em Morais, é mencionado todo o processo de troca de informações entre a embaixada do Brasil, em Berlim, representada pelo embaixador João Joaquim Moniz de Aragão, e a polícia secreta nazista (Gestapo). No texto, inclusive está transcrito um ofício do embaixador, através do qual é desvendado o segredo da mulher do chefe da insurreição. Em um trecho do extenso documento, está escrito:

Olga Meirelles, Olga Villar, Maria Bergner ou Maria Prestes, citada nos jornais brasileiros como esposa de Luís Carlos Prestes, pode ser identificada como sendo Olga Benario, agente comunista da III Internacional deveras eficiente, de grande Inteligência e coragem. Olga Benario é de raça israelita, tendo nascido em 12 de fevereiro de 1908, em Munich, na Baviera [...] (MORAIS, 1985, p. 171).

Segundo a narrativa, essas informações vieram a público no dia em que Olga era transferida da rua da Relação, onde ficara em uma cela improvisada (que em Werner é identificada como solitária), para o presídio coletivo (MORAIS, 1985, p. 174). Nesse lugar, estavam mulheres presas pelo mesmo motivo de Olga: participação na revolta comunista de 27 de novembro. Entre elas, sua amiga Sabo.

Vale ressaltar dois episódios referidos no texto de Morais, os quais não são mencionados em Werner. Tanto um quanto o outro estão no capítulo *A polícia suicida Barron*.

Em relação ao primeiro, este é introduzido pelo próprio título, que alude à enganosa declaração da polícia sobre a causa da morte do americano Víctor Barron. Ao dar a notícia ao chefe da insurreição, o tenente Eusébio de Queiroz havia dito que fora Barron quem entregara seu esconderijo, e que o peso na consciência após essa atitude fizera com que ele cometesse suicídio, saltando da janela do prédio onde estava preso, mais precisamente, do segundo andar. Mas logo viriam informações controversas de Filinto Müller. Este dissera que “apesar da violência a que foi submetido, o americano nada acrescentara à vaga informação de que os transportara ‘para os lados do Meyer’.” (MORAIS, 1985, p. 153). Assim, não haveria motivo para Barron se suicidar. Além disso, é mencionado no texto que o atestado de óbito do americano indicava como causa da morte “fratura de costela, causando ruptura dos pulmões e rim esquerdo, acompanhada de hemorragia interna” (MORAIS, 1985, p. 154), o que levava os jornalistas a comentarem que tais ferimentos eram típicos de quem havia sido espancado.

O outro episódio destaca o envolvimento de Prestes na morte da mulher de Miranda, Elvira Colônio. Segundo a narrativa, uma das acusações que recairia sobre o chefe da revolução era a de mandar executar *Garota*, caso fosse comprovado que ela havia traído o Partido, ao dar informações à polícia (MORAIS, 1985, p. 157-158). Inclusive a cena da execução está descrita em um trecho do texto. A menção a esse acontecimento, de certa forma, denuncia a radicalização que havia também dentro do Partido Comunista quando se tratava de casos como o de Elvira, em que uma traição não era perdoada. Segundo Moraes (1985), a imprensa teria batizado o processo que condenou à morte e executou *Garota* de “Tribunal Vermelho”. Tal caso teria causado sensação na imprensa brasileira, na época, diferentemente do que ocorreu com o caso *Barron*, aceito pelos jornais do Rio e de São Paulo sem qualquer questionamento a respeito da versão contada pela polícia. O fato era que a imprensa, aliada do governo Vargas, minimizava os crimes praticados pela direita e colocava em evidência aqueles cometidos pela esquerda.

Voltando à passagem que se refere à descoberta da identidade de Olga Benario, havia a possibilidade de ela ser extraditada, e isso se daria porque o governo, não podendo puni-la – bem como às outras duas mulheres dos chefes comunistas no Brasil, Carmen de Ghioldi e Elise Ewert – porque não havia acusação de nenhum crime, teve de encontrar uma forma de penalizá-las: ao considerá-las pessoas indesejáveis, deveriam sair do Brasil, ou seja, sofreriam processos de expulsão.

A decisão do governo brasileiro de expulsar Olga Benario seria um dos maiores crimes cometidos no País nesse período histórico. O ditador Getúlio Vargas desobedeceria à Constituição Brasileira, que continuava em vigor, a qual garantia às mulheres que estivessem esperando filhos de pais brasileiros o direito de tê-los no Brasil. Em Moraes, inclusive, é mencionado o pedido de *habeas corpus*, feito pelo advogado de Olga, Heitor Lima, junto à corte suprema, cuja finalidade não era colocá-la em liberdade, algo que nem se cogitava, mas tentar impedir a expulsão para seu país de origem, o qual estava dominado pelo Nazismo. No texto, há um trecho do documento, onde está escrito no final:

[...] 7.º – Conceda afinal a ordem de *habeas corpus*, a fim de que a paciente não seja expulsa do território nacional, sem prejuízo do processo ou processos a que esteja respondendo ou venha a responder.
O advogado,
Heitor Lima (MORAIS, 1985, p. 198)

Porém, com a alegação de que o instituto do *habeas corpus* estava suspenso pelo estado de sítio e pelo estado de guerra decretados pelo Presidente Vargas, o relator do processo decidiu não tomar conhecimento do pedido (MORAIS, 1985, p. 199)

Isso causou grande revolta na Casa de Detenção, onde os presos decidiram que iriam resistir até o fim para não deixar que Olga fosse levada. Na verdade, muitas pessoas estavam preocupadas com o destino dela. Da mesma forma que os companheiros do coletivo, Prestes se preocupava com a sorte da mulher e do filho. E a mãe dele, Dona Leocádia, junto da filha Lígia, ao saber da prisão do casal, não mediu esforços para lutar por sua libertação. Em Morais (1985), está descrito:

Mãe e filha percorreram o território espanhol de ponta a ponta, organizando comícios nas principais cidades, pedindo a libertação dos presos políticos do Brasil e, especialmente, do chefe do levante e dos estrangeiros ameaçados de deportação (MORAIS, 1985, p. 205).

O mais ativo comitê de libertação de Prestes e Olga era o *Comitê de Paris*. Além deste, havia outros em todos os outros países da Europa, bem como mobilizações na América Latina, na Austrália e na Nova Zelândia. (MORAIS, 1985, p. 206)

A confirmação de que Olga seria expulsa veio através de um recorte de jornal introduzido de forma clandestina no presídio, o qual chegou até o salão das mulheres. Nele, dizia:

O presidente da República assinou decreto na pasta da Justiça expulsando do território nacional, por se ter constituído elemento nocivo aos interesses do país e perigosa à ordem pública a alemã Maria Bergner Vilar, que também usa os nomes de Frieda Wolf Behrendt, Olga Bergner, Olga Meireles, Eva Kruger, Maria Prestes e Olga Benario (MORAIS, 1985, p. 206).

Essa atitude coloca o governo Vargas como responsável direto pelo destino de Olga Benario, e, segundo Morais, tal decisão se deu por uma vingança pessoal de Getúlio Vargas e Filinto Müller contra Luís Carlos Prestes. Para atingir o líder da revolução comunista, sua mulher e seu filho seriam enviados à Alemanha nazista. Olga, apesar de ter sido enviada por Manuiski para proteger Prestes, não havia cometido nenhum delito no Brasil e nem mesmo sua extradição havia sido pedida pelo governo de Hitler. Dessa forma, por meio do Romance-Reportagem, são

desvelados os atos arbitrários do regime autoritário que perdurava no Brasil a partir da década de 30, principalmente no período pós-revolução de 35, quando o sistema se tornou ainda mais rígido e intolerante, especialmente com os comunistas, considerados elementos perigosos para a nação por suas ideias revolucionárias, as quais iam de encontro aos interesses de um governo fascista e antidemocrático.

Em Werner, também é denunciada essa atitude do governo autoritário de Vargas. Em uma passagem da narrativa, está escrito: “o fascista Vargas fazia com prazer o favor a Hitler, entregando-lhe uma comunista; e com satisfação, pois sabia que isso também atormentaria Prestes” (WERNER, 1990, p. 175)

O momento em que Olga é retirada da prisão brasileira está narrado no texto. Segundo a narrativa, tal fato teria acontecido em um dia primaveril de setembro. Houve revolta e resistência dos presos, que temiam pelo que poderia acontecer com ela, que estava em estado avançado de gravidez (WERNER, 1990).

Em Moraes, antes disso, é narrada a nova tentativa de conseguir o *habeas corpus* para suspender a expulsão de Olga Benario, desta vez, feito pelo advogado Luís Werneck de Castro, marido da companheira de cela de Olga, Maria Werneck. No documento, estava explicado que ela se encontrava em adiantado estado de gravidez, e solicitava que fossem suspensos temporariamente os efeitos do decreto de Vargas. Mas esse também foi ignorado pela Corte Suprema (MORAIS, 1985). Houve ainda uma última tentativa de impedir que Olga fosse extraditada para a Alemanha. O advogado Heitor Lima, ao saber do plano de Filinto Müller de embarcar Olga em um navio que fosse direto à Alemanha – pois se fossem feitas escalas, poderia ser atacado por estivadores comunistas, que tentariam salvar Olga –, escreveu uma carta dramática à mulher do Presidente, a senhora Darcy Vargas, na qual solicitava sua interferência no caso. Este documento está transcrito no texto. Apesar do conteúdo apelativo, não foi suficiente para impedir que se cumprisse a ordem do governo brasileiro. Olga Benario, grávida de sete meses, seria enviada à Alemanha nazista.

Nas duas biografias está descrito que Olga foi retirada da Casa de Detenção com a desculpa de ser transferida para um hospital, devido ao seu estado de saúde. Em Moraes, a cena de resistência dos presos é narrada com mais detalhes. Nos dois textos, está descrito que ela fora acompanhada até o hospital por dois presos, eleitos pelas mulheres, apesar de esse episódio também estar mais completo em Moraes, por exemplo, no momento em que é dito que um dos presos

fora escolhido pelos homens e o outro pelas mulheres, além de seus nomes: Campos da Paz Júnior e Maria Werneck de Castro.

A cena do transporte de Olga ao hospital é narrada somente em Moraes, onde está descrito o golpe aplicado a Olga, quando separam Campos da Paz das duas mulheres e, em seguida, ordenam que Maria Werneck entre em outro camburão (MORAIS, 1985). De acordo com o Romance-Reportagem, Olga é levada diretamente ao navio *La Coruña* em vez de ir para o hospital, como está descrito no Romance Biográfico de Werner. No texto da escritora alemã, as cenas no hospital são narradas de forma minuciosa, indicando até mesmo que Olga Benario havia ficado um tempo no hospital, e após ser retirada de lá para ser levada ao navio – quando o comandante se recusou a transportá-la por estar grávida –, teria sido levada novamente ao hospital. O narrador informa a situação de Olga: “O capitão recusara-se a levá-la, mas quantos dias passariam até a chegada de outro navio alemão?” (WERNER, 1990, p. 179)

Em Moraes, no capítulo intitulado *Nos porões das Gestapo*, também está descrita a cena em que o capitão do navio informa que não irá levá-la devido ao seu estado. Através do discurso direto das personagens, o episódio é ilustrado. O capitão do navio, Von Appen, ao ver Olga com a barriga enorme, pergunta aos policiais: “Ela está grávida de quantos meses?” (MORAIS, 1985, p. 218). Ao receber a resposta, ele diz:

Então não embarca [...] Eu recebi ordens de transportar duas presas e dois policiais, mas ninguém me falou em gravidez de sete meses. *Isto vai contra todas as leis internacionais de navegação*. No meu navio mando eu (MORAIS, 1985, p. 218, grifo nosso).

A frase em destaque mostra que o governo brasileiro estava disposto até mesmo a agir contra a lei para levar até o fim o seu plano de deportar a mulher do chefe da insurreição. E o trecho seguinte evidencia que a ditadura de Vargas, na verdade, era a única lei existente na época, a qual desrespeitava os direitos humanos. A resposta ao capitão Von Appen, após sua recusa de transportar Olga, é dada de forma ameaçadora por um policial alemão:

A ordem de embarque foi dada pelo presidente Getúlio Vargas e a prisioneira é considerada de interesse máximo para o comando da Gestapo. Se você não levá-la, acho melhor nem atracar seu navio em Hamburgo: os oficiais estarão lá, esperando-a. Se ela não chegar, é muito possível que o lugar reservado a ela seja guardado para você (MORAIS, 1985, p. 218).

No texto de Werner, como já foi mencionado, o capitão havia se recusado a transportá-la em um primeiro momento. Porém, ele muda de ideia depois, e o motivo é o mesmo descrito em Moraes, ou seja, apesar de não concordar com a atitude criminosa do governo, obriga-se a obedecer às ordens superiores. O narrador relata e ao mesmo tempo justifica a atitude de Von Appen:

Desta vez o capitão não apareceu. Bastara uma pequena conversa na embaixada alemã. Quem pode exigir que alguém sacrifique posição social, promoções e talvez até mesmo a liberdade por uma moça bolchevique desconhecida que meteu-se com um brasileiro? Não obstante, precisava beber para convencer a si mesmo e prometer que ignoraria a gaiola durante toda a viagem e que esqueceria imediatamente a vida que levava a bordo (WERNER, 1990, p. 180).

Segundo as duas biografias, Sabo também estava sendo transportada junto de Olga para a Alemanha. Por trinta dias elas viveriam juntas em um pequeno espaço sem ventilação, com pouca comida e água morna. (WERNER, 1990, p. 181)

Enquanto isso, muitos lutavam pela libertação dos presos políticos. Além de Dona Leocádia e Lígia, a irmã de Arthur Ewert, Mina, que era enfermeira e simpatizante do Partido Comunista, também se mobilizava viajando de um país a outro em prol da mesma causa. A denúncia contra o fascismo está explícita em alguns trechos de Werner: “Milhares de heróis anônimos sofriam nas prisões nazistas, milhares padeciam nos cárceres do Brasil” [...] (WERNER, 1990, p. 186). E a história de Olga e Prestes, que teve repercussão mundial, representava bem esse sistema desumano e injusto:

[...] Quando o destino de Olga e Prestes comoveu o coração dos operários, desencadeou-se uma onda de indignação contra o maldito sistema que tratava os seres humanos de modo tão infame. Estava em jogo a libertação de todos. Aqueles que não tinham clara consciência do perigo do fascismo, que não estavam acostumados a pensar politicamente, sensibilizaram-se com o destino de uma jovem que, esperando seu primeiro filho, era mantida encarcerada em condições tão terríveis e começaram a entender a atrocidade do fascismo (WERNER, 1990, p. 186).

No Romance Biográfico, há um episódio que não é referido no texto de Moraes. Trata-se da tentativa de Mina, juntamente com Lene e Kieler (comunistas e amigos de Olga desde os tempos da JC), de salvar Olga e Sabo no porto de Boulogne, em Paris. Eles haviam sido informados que o navio onde elas estavam atracaria no porto naquele dia. Mas a informação estava incorreta: o *La Coruña*

estava a dois dias de viagem das costas francesas, e nem chegaria lá, pois recebera uma mensagem que ordenava que seguisse diretamente para Hamburgo (WERNER, 1990, p. 187-188). Isso significava que Olga e Sabo acabavam de perder a última chance de serem resgatadas.

Chegaram em Hamburgo no dia 18 de outubro, e estavam sendo esperadas por oficiais e soldados nazistas (MORAIS, 1985, p. 222-223). De acordo com o relatado na versão alemã, pouco antes de chegar ao seu destino, até mesmo o tempo havia mudado, anunciando o terrível futuro que as aguardava: “Quando o navio ultrapassou as costas inglesas, o tempo mudou, o céu ficou nublado, despencou uma tempestade” (WERNER, 1990, p. 188). A situação da protagonista, ao chegar à sua terra natal, é desoladora: “Descalça, doente, suja e grávida, ela pisou o solo alemão.” (WERNER, 1990, p. 188)

Tendo em vista o que foi relatado nas duas obras biográficas a respeito do período histórico compreendido entre 1934-1936, é possível perceber que no Romance-Reportagem a denúncia recai principalmente sobre o crime cometido pelo governo autoritário de Vargas. O episódio que envolveu Olga Benario revela a intolerância a todos aqueles que se posicionavam contra o sistema vigente, e vai além, pois, nesse caso em particular, segundo a narrativa, a decisão de expulsá-la do País estava mais ligada a uma questão pessoal entre Getúlio e Prestes do que propriamente ao fato de ela ser comunista.

Já no Romance Biográfico, a denúncia não se detém no ato criminoso atribuído ao ditador brasileiro, e sim às atrocidades de um regime que se difunde tanto no Brasil como em outras partes do mundo: o fascismo.

Olga Benario havia cumprido sua missão, que era proteger a vida do *Cavaleiro da Esperança*. A ela, porém, restava um tempo curto, o qual viveria intensamente.

3.4 O destino final

Chegando a Berlim, Olga seria levada para a prisão de mulheres. Em Morais, está descrito que ela percebera onde estava:

no prédio número 15 da Barnimstrasse, a temida prisão de mulheres da Gestapo, uma construção de mais de um século por onde havia passado, duas décadas antes, sua heroína Rosa Luxemburgo (MORAIS, 1985, p. 224).

Em Werner, não é mencionado o momento da chegada de Olga à prisão de mulheres, apesar de ser mencionado o local no decorrer da narração. No capítulo que introduz os acontecimentos vividos pela personagem em Berlim, o primeiro episódio narrado é o nascimento de Anita, que, em Morais, vai ser descrito mais adiante. Antes disso, no Romance-Reportagem são narrados outros fatos, os quais são bastante ilustrativos no que se refere ao tratamento recebido por Olga na prisão nazista.

Já na chegada, Olga teve seu cabelo cortado, e recebeu a explicação de por que isso era necessário: “Vamos cortar o seu cabelo para evitar a propagação de piolhos. Você sabe, isto é muito comum em judeus e comunistas.” (MORAIS, 1985, p. 224). Logo, recebeu um uniforme listrado, o que a tornou, a partir daí, apenas mais uma entre as outras prisioneiras.

Essa atitude dos nazistas, extremamente racista e discriminatória, já sinaliza uma das pretensões do regime totalitário de Hitler, que era despersonalizar totalmente o ser humano e enfraquecê-lo psicologicamente para melhor dominá-lo. E os judeus e comunistas eram o seu maior alvo.

Porém, Olga Benario permaneceria firme até o fim, resistindo bravamente a todo tipo de humilhação imposta por seus inimigos:

apesar das péssimas condições na prisão berlinense, Olga não perdera a altivez. Citando a legislação internacional e os códigos alemães, exigiu o direito de receber jornais regularmente (MORAIS, 1985, p. 226).

De acordo com o Romance-Reportagem, não havia nada que pudesse incriminá-la, nem no Brasil, como foi mencionado anteriormente, nem na Alemanha, já que “a denúncia pela invasão armada de Moabit estava prescrita e a suspeita de cumplicidade com Otto no caso de espionagem tinha morrido por falta de provas” (MORAIS, 1985, p. 226). Nas duas biografias é citado o tipo de prisão de Olga. Era uma espécie de “prisão preventiva permanente” (MORAIS, 1985, p. 238; WERNER, 1990, p. 191). Na verdade, os únicos crimes que a tinham levado ao cárcere “não prescreveriam jamais sob o nazismo: ser judia e comunista.” (WERNER, 1990, p. 191)

Quanto ao nascimento de Anita, em Werner esse acontecimento é definido como algo que trouxe grande alento e força para Olga, fazendo-a esquecer de tudo

de ruim que estava vivendo: “Fome, frio, ameaças, solitária, tudo isso foi apagado e esquecido pelo grito desamparado de uma voz pequena e trêmula que encheu a diminuta cela, a prisão, o mundo [...]” (WERNER, 1990, p. 189)

Em Moraes, é mencionada a data do acontecimento: 27 de novembro de 1936, “um ano após a frustrada revolta no Rio de Janeiro [...]” O nome *Anita* e o porquê dessa escolha também é descrito no Romance-Reportagem (MORAIS, 1985, p. 227). Em Werner, de forma semelhante, a data é mencionada por Olga: “Minha Anita nasceu exatamente no dia da insurreição popular no Brasil: 27 de novembro. Isso eu fiz bem.” (WERNER, 1990, p. 194)

Como já foi mencionado no subcapítulo que trata das cartas de Olga, havia a ameaça de a criança ser retirada da mãe pouco tempo depois do nascimento, fato que acabou acontecendo no dia 19 de janeiro de 1938, segundo o atestado médico entregue a Dona Leocádia, que recebera a guarda de Anita (MORAIS, 1985, p. 244). A cena da retirada da filha de Olga pelos policiais é uma das mais dramáticas da trama, e mostra a violência e a total frieza dos guardas nazistas, que arrancam à força a menina de seus braços. (MORAIS, 1985, p. 246; WERNER, 1990, p. 215)

Olga também receberia uma triste notícia na prisão: a de que seu pai estava morto, e tudo indicava que ele havia morrido em um campo de concentração (WERNER, 1990, p. 195)³⁷.

Segundo o relatado nas biografias, Olga Benario era muito conhecida na prisão devido a tudo o que passara: “A libertação de Otto Braun, a militância em Moscou, a frustrada revolução no Brasil e a separação da filha tinham feito de Olga Benario Prestes uma heroína.” (MORAIS, 1985, p. 249). “Algumas [prisoneiras] a conheciam pessoalmente, e quase todas tinham ouvido falar de sua história” (WERNER, 1990, p. 222). A luta da personagem representa os anseios de todo um grupo social que tinha o objetivo de mudar o sistema vigente de exploração, no qual as pessoas se dividiam em classes, e os que estavam no poder se achavam no direito de sacrificar os considerados por eles seres inferiores. Além disso, Olga serve de exemplo daquilo que poderia ser considerado um verdadeiro comunista: alguém capaz de sacrificar a própria vida em benefício do bem comum.

³⁷ Sobre o destino da família de Olga, Waack (2004) comenta – baseado em um relatório completo escrito por uma sobrevivente de Ravensbrück e fichas da Gestapo – que o pai teria morrido de causas naturais, em 1932. Sobre a mãe e o irmão, relatos de simpatizantes teriam mencionado que os dois tinham sido presos, deportados e assassinados em câmaras de gás (supostamente em Auschwitz), em 1942.

Logo após sua permanência na prisão de mulheres, em Berlim, ela foi transferida para outro local: o campo de concentração de Lichtenburg, local que abrigava várias presas políticas (WERNER, 1990, p. 222; MORAIS, 1985, p. 248). Identificada em sua ficha como comunista, judia e prisioneira de alta periculosidade, Olga teve de enfrentar mais um desafio: sobreviver em uma fortaleza onde, em cima dos muros, havia “rolos de arame farpado eletrificado”. (MORAIS, 1985, p. 249; WERNER, 1990, p. 222)

Em Morais (1985), é narrado que o lugar onde ela ficou inicialmente é uma solitária, que em Werner (1990) é chamado de *bunker*. No Romance Biográfico, é mencionada uma das guardas, a *Gralha*, a qual não está descrita em Morais. Esta teria sido uma das maiores vilãs deste campo de concentração, cuja satisfação era fazer chorar e sofrer mulheres que não eram descuidadas como ela, e de um nível intelectual superior, como no caso de Olga. Porém, nem mesmo as maldades da Gralha fizeram com que Olga sucumbisse. Ao contrário, ela a enfrentara sem temor.

Nas duas biografias, são relatadas algumas atividades que Olga desenvolvera para passar o tempo na prisão, principalmente quando se encontrava na solitária, a fim de não se sentir tão sozinha e ocupar a cabeça com algo que a fizesse esquecer, ao menos por certos momentos, da separação da filha e do marido e da vida que tivera antes. Entre elas, estava o jogo de xadrez que havia improvisado com peças moldadas com miolo de pão (MORAIS, 1985, p. 250); uma obra de arte na forma de um trenzinho, também moldado com um pedaço de pão (WERNER, 1990, p. 227); além da ginástica que praticava – e convenceria as outras presas a praticar também, visando manter a dignidade delas enquanto seres humanos – e das peças de teatro que criava. Tudo isso, segundo ela, servia para amenizar o sofrimento na prisão. Nas biografias, há também referência aos mapas que ela havia desenhado com a finalidade de “ilustrar as lições de política internacional que dava às colegas [...]” Inclusive há imagens do atlas feito por Olga na obra de Morais (Anexo)

Outro fato correspondente nas duas biografias é sobre o encontro de Olga com Gertrud (ou Gerda), uma velha amiga de Neukölln. De forma sorrateira, e com a ajuda de uma das guardas com a qual as presas tinham boa relação, a amiga conseguiu entrar na solitária onde Olga se encontrava. A cena é descrita nas páginas 227 e 251, em Werner e em Morais, respectivamente.

Quanto ao paradeiro de Anita nessa época, nas duas biografias está descrito que ela se encontrava no México com a tia e a avó, e que Olga ficara sabendo disso por meio de uma carta de Dona Leocádia (WERNER, 1990, p. 231; MORAIS, 1985, p. 254).

Em relação à questão dos judeus, no Romance-Reportagem há uma passagem na qual é revelado o tratamento dado a eles pelos nazistas. O narrador relata que

embora o extermínio em massa ainda não tivesse começado, o antissemitismo era política oficial do país e as prisões e perseguições de judeus aumentavam a cada dia. As proibições de casamentos inter-raciais estavam em vigor havia três anos e nenhum judeu podia ocupar cargos públicos ou dar aulas em escolas de qualquer grau, entre outras coisas. (MORAIS, 1985, p. 255)

É mencionado também o início da Segunda Guerra Mundial, quando o exército nazista invadira a Polônia, “realizando no território ocupado a mais brutal razia contra os judeus já vista desde a ascensão de Hitler ao poder.” (MORAIS, 1985, p. 266)

Em Werner, nas passagens referentes a essas pessoas, fica evidente a tortura física e psicológica aplicada às mulheres judias no campo de concentração. Além de terem de trabalhar arduamente, eram humilhadas com frequência. Um dos episódios narrados serve para ilustrar a situação vivida não somente por Olga, mas por inúmeras prisioneiras. Nele, o narrador relata que elas efetuavam um trabalho pesado, tendo de esfregar o chão de todos os pavilhões, e, como se não bastassem as dificuldades impostas, como lavar com uma pequena escova de mão a sala de um dos prédios, depois de ter sido escovado com palha de aço, elas não tinham nem o direito de descansar por alguns minutos para recuperar as forças. Ao menor sinal de cansaço, vinha a punição:

Quando Olga esticou o corpo para aliviar a coluna dolorida – ainda estava de joelhos – apareceram a seu lado várias botas negras, que começaram a riscar de novo o assoalho com os tacões de ferro, arrastando-se de um lado para o outro, como se estivessem patinando em uma pista de gelo (WERNER, 1990, p. 235).

Na verdade, o trabalho escravo das presas não fazia nenhum sentido. Servia simplesmente para ir enfraquecendo seus corpos e destruindo sua psique. Em Werner, o narrador onisciente parece penetrar no íntimo dessas pessoas e revelar seus pensamentos ao comentar sobre o quanto era preciso ter força, até mesmo

criar uma “courage interior” para não se abater com as inúmeras armadilhas do inimigo. Isso tudo com um único objetivo: sobreviver.

Olga Benario, segundo o relatado no texto, é o exemplo de mulher forte e corajosa, que enfrenta tudo altivamente e ainda incentiva as companheiras a agir como ela. Em nenhum momento mostra-se arrependida da escolha que fez, e isso está ilustrado em um trecho, em discurso direto, onde ela consola uma das companheiras – Lisbeth – que se sente culpada por estar longe da filha e se questiona se isso não seria pelo fato de ser comunista. Olga diz:

– Menina, como pode dizer uma coisa dessas. Isso não se deve pensar, nem mesmo no maior desespero. Os fascistas são culpados por você estar aqui, eles lhe separaram violentamente de sua filha, por isso a eles você deve odiar. Sua filha só vai lhe censurar se você fracassar aqui. Se se arrepender por ter lutado por algo grande, que só exigiu de você sacrifícios. Veja, nossos ideais são tão corretos, tão grandiosos como antes, mesmo que os nazistas estejam agora no poder e precisamente porque nossa concepção de mundo é correta. Os fascistas não vão permanecer no poder. Nenhuma forma de capitalismo se manterá no poder. Sempre orgulhei-me de ser comunista, na JC, na União Soviética, no Brasil. Mas aqui, sou comunista em dobro (WERNER, 1990, p. 238).

A resposta de Olga à amiga pode ser vista pelo leitor como aquilo que a protagonista realmente acreditava. O trecho estaria esboçando o retrato de Olga Benario, alguém que sempre acreditou na possibilidade de mudança do sistema vigente e se manteve fiel a seus princípios comunistas até o fim.

De acordo com os dois textos biográficos, Olga ainda sofrera mais uma perda significativa: sua amiga Elise não sobreviveria aos campos de concentração. Debilitada física e psicologicamente, Sabo, que era obrigada a trabalhar apesar de estar doente, não resistira mais.

A denúncia aos sistemas autoritários aparece claramente nas duas biografias ao ser mencionado tal acontecimento. Em Moraes, as últimas palavras de Elise expressam o trauma vivido: “Arthur, Arthur [...] eles estão chegando e vão torturar-nos mais uma vez.” (MORAIS, 1985, p. 268). E o narrador complementa: “As marcas deixadas pela polícia de Filinto Müller tinham desaparecido do corpo de Sabo, mas a tragédia de seus dias no Rio lhe ficara gravada na memória até o último instante de vida.” (MORAIS, 1985, p. 268). De forma semelhante, a denúncia está presente em Werner. Depois de ter pronunciado o nome do marido, ela teria fechado os olhos. E o narrador conclui: “Sabo não quis mais viver. Os fascistas do Brasil e da Alemanha a torturaram até a morte.” (WERNER, 1990, p. 255)

Esse episódio aconteceu no campo de concentração de Ravensbrück, para onde Olga fora transferida depois de passar alguns meses em Lichtenburg. Segundo as informações presentes no Romance-Reportagem, o novo campo havia sido construído para comportar 45 mil mulheres (MORAIS, 1985, p. 257). Mas também haviam barracões menores destinados a prisioneiros do sexo masculino e treze blocos de madeira onde ficavam as crianças presas pela polícia nazista. (MORAIS, 1985, p. 261)

O capítulo intitulado “Escravidão em Ravensbrück” é bastante sugestivo no texto de Moraes, pois nele estão relatados muitos episódios de crueldade praticada pelos nazistas contra os prisioneiros, que eram usados para trabalho escravo destinado à própria guerra da qual eram vítimas:

[...] protegidos pelo lago e sob um pequeno arvoredo, vinte barracões de alvenaria onde as indústrias Siemens começavam a assentar as máquinas de uma de suas unidades industriais para nelas utilizar o trabalho das prisioneiras na produção de bens destinados ao esforço de guerra nazista (MORAIS, 1985, p. 261).

Em Moraes, inclusive, há a descrição de inúmeras fábricas que se beneficiavam do trabalho dos presos nos campos (MORAIS, 1985, p. 267).

Também havia sido adotado um uniforme nos campos de concentração de todo o país. Para as mulheres, saia, casaco e turbante listrado de cinza e azul. O pior, no entanto, era a braçadeira com um triângulo numerado. “Pela cor do triângulo a pessoa estava classificada, e pelo número, identificada” (MORAIS, 1985, p. 262). Olga receberia, além do triângulo preto, que a classificava como antissocial, o triângulo amarelo, das judias, com um dos vértices voltado para baixo. “Assim, justapostos na manga do casaco, os dois triângulos formavam a estrela de Davi” (MORAIS, 1985, p. 262). Ter essa classificação no campo significava ser perseguido e discriminado ainda mais. E, como se não bastasse, Olga fora designada a responsável pelo bloco, fato que a tornava ainda mais vulnerável às punições, pois, a cada infração cometida por uma prisioneira, a responsável pelo bloco também era castigada. (WERNER, 1990, p. 249)

Segundo Frankl (1991), que viveu no campo de concentração de Auschwitz, não importava para os funcionários do campo o nome da pessoa, e sim o número que ela carregava tatuado no corpo ou costurado na roupa, o qual servia para

identificá-la quando tivesse de ser punida, o que, de acordo com o autor, geralmente acontecia “por alegação de ‘preguiça” (FRANKL, 1991, p. 16)

A despersonalização dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas os levava a agirem como animais, na luta pela sobrevivência. Em Werner, há um trecho onde é narrada a briga pelo alimento na hora das refeições, já que este era escasso, bem como outras atitudes de algumas presas, que roubavam roupas, calçados e cobertas. Olga e as companheiras Lea e Lore, no entanto, baseadas em princípios comunistas, eram aquelas que ajudavam as mais atormentadas pela fome a entrar na fila na hora da comida, fazendo com que as mais velhas e debilitadas passassem na frente. (WERNER, 1990, p. 249)

Uma personagem que ficou conhecida mundialmente é mencionada nas duas biografias: trata-se de Heinrich Himmler, chefe da SS³⁸, o qual, de acordo com a hierarquia do governo alemão, estava abaixo apenas de Hitler. Em Moraes, é relatada a visita feita por ele ao campo de concentração de Ravensbrück, onde estava Olga Benario em janeiro de 1940. Em Werner, o episódio narrado se refere à “pancadaria oficial”, que teria sido introduzida em dezembro de 1939 como presente de Natal, por Himmler. (MORAIS, 1985, p. 268; WERNER, 1990, p. 264)

Castigadas aleatoriamente, de forma violenta e sem qualquer motivo, só restava às prisioneiras resistir como podiam, e as leituras e o sarau (promovido por Olga) ajudavam-nas a aguentar o sofrimento (WERNER, 1990, p. 264).

No Romance Biográfico, há um trecho em que se menciona que Olga, em certo momento, teria pensado em fugir do campo. Isso teria acontecido em seu quinto ano de prisão. Na passagem, está descrito que ela acreditava na possibilidade de fuga, mas sabia que não fugiria, e isso se dava pelo fato de imaginar as provações pelas quais passariam suas companheiras caso seu plano desse certo. Certamente elas seriam punidas, o que poderia levá-las à morte (WERNER, 1990, p. 267).

É denunciado também pelas duas biografias o fato de se realizarem experiências genéticas com as prisioneiras nos campos de concentração. Inclusive são citados os nomes de alguns médicos que participaram de tais experimentos. Enfermas eram assassinadas com injeções (WERNER, 1990, p. 274); “O número de tuberculose crescia – assim como a suspeita de que o bacilo da terrível moléstia

³⁸ Abreviatura de Schutzstaffel (Tropa de Proteção), uma organização paramilitar de elite ligada ao partido nazista e a Hitler.

estivesse sendo deliberadamente disseminado pelos médicos como parte das tais experiências [...]” (MORAIS, 1985, p. 277-278).

No Romance-Reportagem, há referência a uma sobrevivente do Nazismo, a qual esteve no campo de concentração de Ravensbrück. Chamava-se Charlotte Henschel, e, segundo a narrativa, ela teria presenciado a morte de uma das tuberculosas da enfermaria do campo:

Anne-Marie tinha sido morta com a aplicação de alguma substância em sua veia, tinha a cabeça raspada e os dentes de ouro haviam sido arrancados à força. Seu rosto sem vida exibia uma máscara de terror (MORAIS, 1985, p. 278).

A passagem, de forma dramática, retrata com precisão esse tipo de prática nazista que usava seres humanos como cobaias, tirando-lhes a vida sem o menor remorso.

Além dessa, inúmeras outras experiências eram feitas em mulheres e homens, provocando-lhes dores e sofrimentos, e, no final dos experimentos, essas pessoas eram executadas, já que a lei de Hitler mandava que fosse concedida a “morte por clemência” (MORAIS, 1985, p. 279).

Percebe-se através desses relatos que a crueldade não tinha limites. E como se não bastassem os fuzilamentos, as experiências genéticas, enfim, todo tipo de tortura física e psíquica, havia ainda o método definitivo criado por Hitler para a eliminação total dos judeus: era a chamada “solução final” (MORAIS, 1985, p. 277), que consistia em uma câmara de gás e um forno crematório preparados exclusivamente para acabar com o “problema judaico”. (MORAIS, 1985, p. 277)

Em Werner, há até mesmo um trecho onde é descrito tal aparato e como ele funcionava. Construído pelo médico Irmfried Eberle, fora Instalado junto a um sanatório na cidade de Bernburg. Os presos chegavam à noite – 80 de cada vez –, quando os pacientes do hospital já estavam dormindo. Ninguém desconfiava do que aconteci ali, pois todo o esquema de chegada e entrada no prédio era feito de forma sigilosa. O narrador conta em detalhes o caminho percorrido pelas vítimas em direção à morte: “Entravam num recinto para se despir e, em seguida, na sala do médico que as examinava. Era nessa sala que recebiam o carimbo com número nos omoplatas [...]” (WERNER, 1990, p. 269). Logo, passariam para outro local:

O recinto era fechado hermeticamente e, mesmo tendo seis chuveiros no teto, não possuía ralo algum no chão. Não se ficava lá muito tempo. Eberle arreganhava os dentes: bastava virar a chave na sala ao lado, o registro de gás se abria e permitia que ele fluísse pelos canos até sair pelos chuveiros. Mais alguns minutinhos e começavam a chegar à sala de autópsia os corpos – escolhidos de acordo com o número do carimbo – que interessavam ao médico para suas experiências. Os outros cadáveres eram jogados numa vagoneta, que os conduzia pelos trilhos até o crematório (WERNER, 1990, p. 269).

Essa descrição é uma das mais impactantes da biografia escrita por Ruth Werner, pois evidencia um dos atos mais desumanos já praticados no mundo. Certos episódios contados nas biografias referentes aos campos de concentração podem parecer, por vezes, inacreditáveis, mesmo que se saiba do compromisso de um texto biográfico com a verdade. Ecléa Bosi, em um trecho de *O tempo vivo da memória*, no qual se refere ao testemunho sobre o Nazismo, traz uma ilustração interessante a respeito do assunto: “Disse o soldado nazista ao prisioneiro de Auschwitz: ‘ – Nenhum de vocês restará para testemunhar, e mesmo que alguém escape, o mundo não acreditará nele’” (BOSI, 2003, p. 64). Esta pequena expressão resume bem a intenção do regime implantado por Hitler: destruir não apenas milhões de vidas, mas também a memória sobre os fatos ocorridos, que, de tão absurdos, soariam como irreais.

A protagonista Olga, uma das vítimas do Holocausto, apesar de todas as provas por que passou durante seis anos nos campos, onde presenciava a cada dia as barbáries do fascismo, ainda assim acreditava em uma vitória comunista. Em Werner, há um trecho que expressa essa certeza:

Nem a derrota dos antifascistas na Guerra Civil Espanhola, nem os ataques de rapina de Hitler a outros países tiravam de Olga a certeza na vitória do comunismo. Essa certeza não mais incluía a convicção de que viveria essa época. Refletira bastante sobre isso, mas o conflito interior em nada alterou sua opinião sobre o sentido de sua existência: a riqueza que possuía estava em agir como comunista (WERNER, 1990, p. 254).

E esse espírito altruísta ela manteve até o último instante de vida, quando o caminhão com a lona escura veio buscá-la e às suas companheiras de bloco, levando-as ao seu último destino: a câmara de gás, em Bernburg.

A história de Olga acaba aqui, mas no último capítulo do Romance-Reportagem, o leitor fica sabendo de fatos importantes ocorridos após o término da 2ª Guerra, os quais se relacionam à anistia aos presos políticos no Brasil, ocorrida em 18 de abril de 1945. Prestes estava entre eles, e logo após ter falado em seu

primeiro comício público para 80 mil pessoas, no qual apoiou o governo Vargas, tomara conhecimento da morte de sua companheira. O telegrama com a informação está transcrito no texto de Moraes. Nele, há a informação de que “entre as 200 mulheres executadas na câmara de gás da cidade alemã de Bernburg, na Páscoa de 1942, estava a senhora Olga Benario Prestes, esposa do dirigente comunista brasileiro Luís Carlos Prestes” (MORAIS, 1985, p. 293).

Em seguida, o narrador informa que somente anos depois ele receberia a última carta escrita por Olga a ele e à filha, em Ravensbrück.

Em Werner, no epílogo, é mencionado que Prestes ficara sabendo da morte de Olga seis meses depois de sair da prisão. Além disso, é narrado o encontro dele com a filha e, entre outros acontecimentos, a visita do Cavaleiro da Esperança a Berlim em dezembro de 1959.

CONCLUSÃO

Tendo como objeto duas narrativas sobre a vida de Olga Benario, escolha que se deu por reconhecer a importância de sua trajetória no contexto de repressão e autoritarismo do século XX, em esfera mundial, o presente estudo partiu de alguns questionamentos a respeito de tais textos. A hipótese inicial era de que eles poderiam ter muitos pontos em comum, devido ao compromisso de uma biografia com a narração de uma história verídica. Assim, a análise comparativa foi o meio encontrado para se verificar, por exemplo, se a história que estava sendo contada era a mesma, se a personagem estaria ilustrada de forma semelhante, e se os fatos reais narrados por outros autores confirmariam muitos daqueles presentes nas biografias ou apresentariam muitas contradições.

Mas, antes de se estabelecerem as relações entre um texto e outro em termos de conteúdo, sentiu-se a necessidade de abordar aspectos do gênero biográfico por se considerar essencial para o pesquisador – e também para o leitor de biografias – o entendimento do que propõe esse tipo de texto e quais as expectativas que se pode ter ao lê-lo.

Constatou-se também a importância de expor o contexto histórico da época em que a biografada viveu para saber se em algumas obras de cunho histórico e jornalístico, escritas por renomados autores brasileiros, Olga Benario teria sido mencionada e de que forma.

Em seguida, a proposta era realizar a análise comparativa de cenas – compatíveis ou não – das duas biografias, o que foi feito seguindo-se a ordem cronológica dos acontecimentos. Procurou-se também identificar em que momentos a denúncia social estava explícita.

Diante de tais apontamentos, chegou-se a algumas conclusões:

O gênero ao qual pertencem os textos analisados influenciou quanto à forma de narrar a mesma história. Apesar de serem dois Romances Biográficos, um deles pertence à categoria Romance-Reportagem, com características específicas.

Além disso, deve-se levar em conta as escolhas feitas por cada autor quanto aos fatos relatados, ou seja, mesmo que o conteúdo em si seja compatível entre um texto e outro, muitas vezes há a supressão de um ou outro fato, e também a ênfase

a certos acontecimentos por parte de um dos autores, o que sempre é uma escolha subjetiva. Como exemplo disso, constata-se que Moraes deu ênfase ao período de Olga e Prestes no Brasil, contando com detalhes essa passagem, a qual foi ilustrada com diversos documentos históricos. A deportação de Olga para a Alemanha também teve grande destaque no Romance-Reportagem, onde é evidenciada a atitude autoritária e intolerante do ditador Vargas. Werner, por sua vez, relatou com profundidade o período em que Olga passou nos campos de concentração, citando, inclusive, muitas personagens que não estão no texto de Moraes, bem como situações vivenciadas pelas presas.

Quanto à personagem Olga, nos dois textos ela aparece inicialmente como uma jovem desajeitada, pouco feminina e bastante rebelde. Em certos momentos, é ousada e impulsiva, e sua relação com os pais não é satisfatória. Apesar de admirar Leo Benario, não concorda com suas ideias de socialdemocrata. Preferiria que ele fosse comunista. Em relação à mãe, não suporta suas atitudes fúteis, típicas da burguesia, que Olga abomina.

No decorrer da história, vai se transformando em uma mulher que se dedica exclusivamente à causa comunista, o que se dá principalmente no período em que passa na URSS.

A partir do momento em que passa a viver com Prestes, há uma nova transformação. Olga passa a ser mais feminina – basta lembrar o episódio no trem, na viagem realizada com o companheiro rumo ao Brasil, quando ela tricotava uma roupa.

No Brasil, é uma mulher bastante madura, com propósitos firmes – lutar pelo Comunismo e proteger Prestes.

Na Alemanha, Olga, além de continuar sendo militante, torna-se mãe, e, a partir desse acontecimento, mostra todo o seu instinto maternal; quer proteger a filha e se preocupa com o fato de a criança não se envergonhar dela, ou seja, quer se mostrar forte até o fim, como um exemplo de comunista para Anita. A família passa a ter um espaço maior em sua vida, pois, além da filha e de Prestes, ela tem agora o apoio da mãe dele e da irmã, pelas quais nutre imenso carinho, o que está explícito no conteúdo das cartas.

Através das cartas, pode-se notar a sensibilidade que toma conta de Olga nos momentos mais difíceis de sua vida. Seu maior desejo é estar com o marido e a filha, e ela se mostra otimista e confiante, acreditando que isso será possível um dia.

Ela tem uma grande força interior que não a deixa esmorecer, e ainda consegue influenciar positivamente suas companheiras de bloco, insistindo para que não sucumbam. Mesmo depois da separação da filha, Olga mantém esse espírito idealista, acreditando sempre em uma vitória do Comunismo sobre o Fascismo.

Assim, pode-se concluir que Olga Benario está caracterizada da mesma forma nas duas biografias, as quais demonstram uma evolução gradativa de sua personalidade.

Em relação ao que foi mencionado nos livros de História selecionados para este estudo, somente em um deles Olga tem um lugar de destaque, por ter participado junto de Prestes da Revolta Comunista de 35 no Brasil.

No que diz respeito à comunicação do fato real, de forma diferente, as duas narrativas contam praticamente a mesma história, descrevendo a saga de Olga Gutman Benario, que se tornou conhecida por ser a judia comunista, companheira de Luís Carlos Prestes, que foi entregue a Hitler por Getúlio Vargas no ano de 1936. Nas duas histórias são narrados acontecimentos ocorridos na vida de Olga, desde sua juventude em Munique (Alemanha) até sua estada na URSS, passando por outros países como França, EUA, a permanência de 17 meses no Brasil e finalmente o retorno ao seu país de origem.

A trajetória de Olga, exposta nos dois romances biográficos, é reveladora de uma época. Retrata, de um lado, a luta de um grupo – os comunistas – por um mundo de menos desigualdade social, e, de outro, a intolerância a esse grupo seguida da repressão por parte de governos autoritários e fascistas.

O fato real é comunicado na ordem cronológica dos acontecimentos, permeado, por vezes, por flashbacks, que servem para dar explicações sobre os fatos narrados ou, em alguns casos, para inserir a recordação de alguma personagem. Como se pôde observar nas duas narrativas, esses episódios são quase sempre contados de forma bastante precisa, principalmente no Romance-Reportagem, onde data e hora de cada acontecimento são valorizadas. Além disso, a narrativa segue o padrão jornalístico, primando pela concisão e clareza textual. Em Werner, apesar de também aparecerem datas de momentos significativos da vida de Olga, a preocupação é menor com esses detalhes. Nesse texto, os sentimentos das personagens são destacados, bem como suas falas, algo que difere da narrativa de Morais.

O discurso dos dois romances biográficos, onde o imaginário tem seu lugar junto do acontecimento histórico, não afeta de forma significativa a comunicação do fato real, já que os episódios mais relevantes da vida da biografada são narrados, e a ordem cronológica é pouco alterada. Werner se aproximou mais do Romance ao criar mais diálogos entre as personagens e descrever com mais detalhes os cenários. De sua parte, Moraes, influenciado pelo Jornalismo, apresentou poucos diálogos em detrimento das abundantes informações.

Em relação à denúncia social, ela está explícita desde o início da história, quando foi descrita a luta de classes vivenciada por Olga em sua juventude. Entretanto, esse aspecto se evidencia mais na fase de Olga e Prestes no Brasil, e depois, no período em que Olga se encontra nos campos de concentração nazistas. O autoritarismo do governo Vargas e o Holocausto dos judeus na Alemanha certamente são as maiores denúncias feitas através dos dois romances biográficos.

Quanto aos episódios correspondentes, de acordo com a análise dos dois textos, foi possível observar mais aproximações do que distanciamentos. Aqueles mais significativos estão presentes nas duas biografias, podendo-se afirmar que se trata da mesma história, havendo poucas contradições entre um relato e outro.

Além disso, as duas biografias se complementam em termos de conteúdo histórico, pois o que não é contado em uma, é revelado na outra, sugerindo, inclusive, que poderiam ser unificadas, construindo-se, assim, uma nova biografia de Olga Benario.

Vale ressaltar que, neste trabalho, não se pretendeu em nenhum momento eleger uma ou outra biografia como a mais fiel na construção do retrato de Olga, a proposta foi sempre a de apresentar duas versões que contemplassem a trajetória de sua vida, contada por cada autor à sua maneira.

No que diz respeito à contribuição dessa modalidade de texto para os estudos literários, constata-se que, diante do contexto atual, em que se percebe um apagamento de referenciais ideológicos e o homem vê a necessidade de resgatar valores esquecidos, a biografia de Olga Benario Prestes representa uma possibilidade de reviver tais valores e, a partir deles, projetar um futuro diferente, no qual haja menos injustiça e desigualdade social, e o ser humano seja respeitado e aceito em sua plenitude. O preconceito e a discriminação devem ser combatidos em

todo o mundo, e a Literatura, ao exercer sua função social, é uma aliada nesse processo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.
- AMADO, J. **O cavaleiro da esperança**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARTHES, R. O efeito de real. In: BARTHES, R. **Literatura e semiologia**. Petrópolis: vozes, 1971.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: _____. **A modernidade e os modernos**. Trad. Arlete de Brito. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. Magia e técnica, arte e política. (Obras escolhidas, 1) In: _____. **Walter Benjamin ou a história aberta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOBBIO, Norberto, et al. **Dicionário de política**. Trad. VARRIALE et al. 9 ed, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/governo-vargas.htm>>. Acesso em: 05 dez.2013.
- BROUÉ, P. **União Soviética: da revolução ao colapso**. Coordenação e tradução de Robert Ponge. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- BRUCK, M. S. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CANDIDO, A.; ROSENFELD, A. et al. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CARONE, E. **Brasil: anos de crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARVALHAL, T. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- COSSON, R. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CEIA, C. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=153&Itemid=2>. Acesso em: 05 dez.2012.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

GERMANY ON STAMPS. Disponível em < <http://www.germanystamps.iblogger.org>> Acesso em: 11 jan 2013.

GINZBURG, J. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. **ALEA**, v. 5, n.1, p. 61-69, jan./jun. 2003.

KOSIK, K. **Estudio de los problemas del hombre y el mundo**. México: Editorial Grijalbo S.A., 1979.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MADELÉNAT, D. **La biographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2009.

MELLO, L.I.A.; COSTA, L.C.A. **História moderna e contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

MITIDIERI, A.L. **Como e por que (des)ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

MORAIS, F. **Olga**. 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

OLGA GUTMANN BENARIO (108-1942) GENEALOGY. Disponível em: <<http://www.geni.com/people/Olga-Benario-Prestes/6000000015965928217>> Acesso em 13 mar. 2014.

RIVADENEIRA, A. **Como escrever um livro: 100 perguntas e respostas**. Tradução e adaptação de Sonia Belloto. São Paulo: Ediouro, 2009.

SEITENFUS, R. A. S. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

TRINDADE, J. D. de L., **História social dos direitos humanos**. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2002.

VILLAS BOAS, S. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: SUMMUS, 2002.

WAACK, W. **Camaradas – Nos arquivos de Moscou:** a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

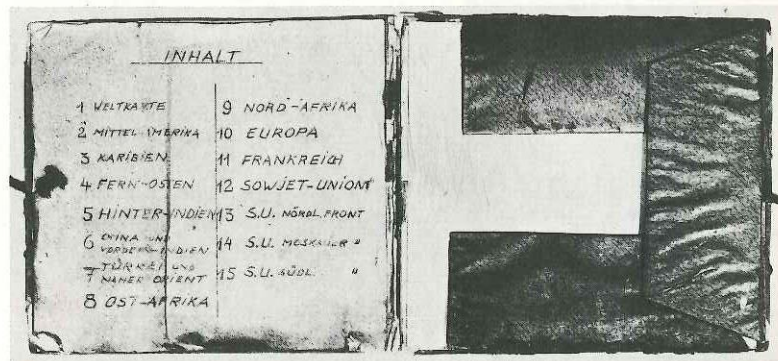
WERNER, R. **Olga Benario.** Tradução de Reinaldo Mestrinel. 3.ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1990.

ANEXO – ATLAS FEITO POR OLGA

Página do atlas feito por Olga para explicar a guerra às "judias anti-sociais".



NMGR/RDA



NMGR/RDA

Capa e índice do atlas: para circular clandestinamente, ele tinha as dimensões de um maço de cigarros.